



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**

**INSTITUTO DE LETRAS - ILUFBA**

**DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA - PPGLinC**

Av. Barão de Jeremoabo, 147. Campus Universitário de Ondina. CEP: 40.170-290. Salvador - BA.

Tel.Fax: (71) 3283-6238. E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**POR: PAULO ROBERTO PEREIRA SANTOS**

**OS SINTAGMAS ADVERBIAIS PREDICATIVOS DE  
CONSTITUINTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA DO IP.**

SALVADOR,

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**

**INSTITUTO DE LETRAS - ILUFBA**

**DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA - PPGLinC**

Av. Barão de Jeremoabo, 147. Campus Universitário de Ondina. CEP: 40.170-290. Salvador - BA.

Tel.Fax: (71) 3283-6238. E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)

**POR: PAULO ROBERTO PEREIRA SANTOS**

**OS SINTAGMAS ADVERBIAIS PREDICATIVOS DE  
CONSTITUINTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA DO IP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -  
graduação em Letras e Linguística, do Instituto  
de Letras da Universidade Federal da Bahia,  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Mestre em Letras e Linguística.

Orientadora: Ilza Maria de Oliveira Ribeiro.

SALVADOR,

2011

## Sistema de Bibliotecas da UFBA

Santos, Paulo Roberto Pereira.

Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP / por Paulo Roberto Pereira Santos. - 2011.

180 f.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011.

1. Língua portuguesa - Brasil - Sintaxe adverbial. 2. Língua portuguesa - Brasil - Sintaxe.

3. Língua portuguesa - Gramática. I. Ribeiro, Ilza Maria de Oliveira. II. Universidade Federal da

Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.5  
CDU - 811.134.36

Paulo Roberto Pereira Santos. Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro: uma perspectiva cartográfica do IP. 180 folhas.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Língua e Cultura (Sintaxe Gerativa) no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de maio de 2011.

**BANCA EXAMINADORA TITULAR:**

- 1- Prof<sup>a</sup> Dr. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro (PPGLinC-UFBa)  
(Presidente da Banca e orientadora)
- 

- 2- Prof<sup>a</sup> Dr. Sônia Maria Lazzarini Cyrino (PPL/IEL-UNICAMP)  
(Avaliadora externa)
- 

- 3- Prof<sup>o</sup> Dr. Dannel Carvalho (PPGLinC-UFBa)  
(Avaliador interno)
-

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, Ana Maria.

## AGRADECIMENTOS

A(os)...

À minha mãe, Ana Maria, por tudo que foi e tem sido na minha existência terrena, guerreira incansável dos “frutos do vosso ventre”, fortaleza forjada no amor materno, sem a qual não seria o que sou;

À minha grande avó, dona Maria (*in memoriam*), no melhor lugar que com certeza sei que ela está agora no outro lado do “segredo” da existência humana, matriarca maior, segunda mãe, que procriou e ajudou a construir uma família digna;

À minha tia Maria Iêda, por tanto que acho que nunca lhe conseguirei ser grato na medida exatamente devida e correspondente;

Ao meu tio Pedro (*in memoriam*) e sua esposa e companheira, minha tia Hija, por um dia, quando preciso, terem feito por mim o que não deixariam de fazer por um de seus filhos;

Aos amigos, pelos incentivos verbais, pelo sentimento de torcer por mim, e pelas companhias nas poucas horas do ócio e do entretenimento necessário à saúde humana dos estudantes;

À minha orientadora, professora doutora Ilza Maria de Oliveira Ribeiro, por guiar muito os meus passos na Sintaxe Gerativa;

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, antigo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), pelo apoio institucional necessário;

À agência de fomento e apoio à pesquisa científica no Brasil CAPES – Coordenação de aperfeiçoamento de pessoa de nível superior, pelo financiamento desta pesquisa por meio de bolsa de pós-graduação (mestrado *strictu sensu*), sem a qual a realização deste estudo não seria viável, ou, ao menos, tornar-se-ia muito árdua;

À minha família (mãe e irmãos) pela paciência, pela colaboração moral e, principalmente, pelo respeito mútuo que, apesar de todas as diferenças de personalidades, sempre esteve presente em nossa convivência doméstica.

Às colegas de mestrado e de orientadora Isis Barros, companheira de viagem e *workshop*, e Paloma Moore, pela ajuda na realização da tradução do *abstract*.

E, por fim, aos verdadeiros grandes escritores da literatura mundial com os quais já pude ter tido contato nesta vida, por através da arte da palavra conseguir tocar em almas e transformar vidas.

*Em suma: as formas não são descobertas nem invenções, não são idéias platônicas nem ficções; são recipientes construídos especialmente para os fenômenos (“modelos”). E a ciência teórica não é nem “verdadeira” nem “fictícia”, mas sim “formal” (projetam modelos).*

FLUSSER, Vilém (2007)

*Transportamo-nos, porém, ao nosso tempo. O homem é, ainda (porque, seguramente, não foi Aristóteles que o fez assim), o animal que a natureza dotou de linguagem: dotou-o de voz, dotou-o da capacidade de articular sons com significado e de organizá-los como linguagem; dotou-o, pois, dos processos mentais com os quais organiza as regras constitutivas da gramática da língua. Todo homem exercita a linguagem e, com ela, cumpre a sua vocação, instituindo a sociedade política. Instituída essa sociedade, instalam-se outras necessidades relativas ao sistema e ao funcionamento da língua, desde a de explicitar os processos mentais que subjazem ao funcionamento lingüístico, até de regulamentar esse funcionamento numa dada língua, ou, mesmo, num dado momento da história da língua.*

NEVES, Moura (2002)

## RESUMO

Basicamente, dentro do âmbito da Lingüística Formal, as propostas teóricas acerca da sintaxe adverbial podem ser divididas em duas grandes visões analíticas, a saber: as Teorias da Adjunção Baseada Semanticamente (TABS) e as Teoria dos Especificadores Funcionais (TEF). Composto essas duas perspectivas teóricas, podem ser ressaltadas as seguintes teorias: as hipóteses de JACKENDOFF (1972), de POLLOCK (1989), de ERNST (2006), de LAENZLINGER (1998), de COSTA (1999) e de CINQUE (1999). A maior parte dessas teorias acerca da sintaxe adverbial fundamenta-se na perspectiva da adjunção baseada semanticamente, notadamente as propostas de JACKENDOFF (1972), ERNST (2006) e COSTA (1999). Por sua vez, o outro grande paradigma de análise da sintaxe adverbial denominada de Teorias dos Especificadores Funcionais é representado pela tese de LAENZLINGER (1998) e, sobretudo, pela tese de CINQUE (1999). Nesta dissertação de mestrado, após tecer uma revisão bibliográfica acerca de todas essas propostas formalistas de estudo da sintaxe adverbial, adotamos a tese de CINQUE (1999) de que os sintagmas adverbiais preenchem posições sintáticas de especificadores de diferentes projeções funcionais (de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade, Número e Voz). Essa tese é comumente denominada de Hierarquia Linear Universal (HLU). Nela, CINQUE propõe a existência de aproximadamente 32 projeções funcionais nas quais os sintagmas adverbiais preenchem a posição de argumento externo (especificadores). Essa proposta é, também, denominada de cartografia do IP, sendo que o IP é a camada na qual devem ocorrer, justamente, os núcleos funcionais do verbo e o licenciamento de traços argumentais tais como Caso e Concordância (*agree*), segundo RIZZI (1997). Nosso *corpus* de análise é composto pelos advérbios predicativos citados em ILARI *et al.* (1990) e os exemplos citados pelos autores lidos, além daqueles outros criados a partir da intuição de falantes nativos da língua portuguesa do Brasil. Na sua classificação semântica, ILARI *et al.* divide os advérbios predicativos de constituintes em quatro subclasses, a saber: qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores. Partindo, então, da HLU, propomos posicionamentos sintáticos para os sintagmas adverbiais pertencentes a cada uma dessas subclasses semânticas. Com base na pesquisa desenvolvida, assim, argumentamos em prol da tese de CINQUE como hipótese teórica de maior poder de adequação explicativa para a explicação do posicionamento sintático dos sintagmas adverbiais nas línguas naturais.

**Palavras chaves:** Sintagmas adverbiais predicativos; Teoria dos especificadores; Projeções funcionais; Hierarquia Linear Universal; Teoria da Gramática; Sintaxe adverbial.



## ABSTRACT

Basically within the scope of Formal Linguistics, the theoretical proposals about the adverbial syntax can be divided into two broad analytical views, namely Semantically Based Adjunction Theory (SBA) and the Functional Specifiers Theory (F-Spec). Composing these two theoretical perspectives, the following theories may be pointed out: Jackendoff (1972)'s, POLLOCK (1989)'s, ERNST (2006)'s, LAENZLINGER (1998)'s, COSTA (1999)'s and Cinque (1999)'s hypotheses. Most of these theories of adverbial syntax are based on the perspective of Semantically Based Adjunction, especially the Jackendoff (1972)'s, ERNST (2006)'s and Costa (1999)'s proposals. In turn, the other major paradigm for the analysis of adverbial syntax called Functional Specifiers Theory is represented by the LAENZLINGER (1998)'s thesis and, especially, by the CINQUE (1999)'s thesis. After making a literature review of all these formalist proposals of adverbial syntax study, we adopted the CINQUE (1999)' thesis, which proposes that adverbial phrases fill specifier syntactic position of different functional projections (Tense, Aspect, Mode / Modality, Number and Voice). In this thesis which is commonly called Universal Linear Hierarchy (ULH). CINQUE proposes that there are approximately 32 functional projections where the adverbial phrases fill external argument positions (specifiers). This proposal is also known as IP cartography, and IP is the tier where both the functional heads of the verb and the licensing of features such as Case Argument and Agreement (agree) occur, according to RIZZI (1997). Our analysis *corpus* is composed of the predicative adverbs mentioned in ILARI *et al.* (1990) and the examples quoted by the authors we have read before, besides those created through the intuition of native Brazilian Portuguese speakers. In its semantic classification, ILARI *et al.* divides the predicative adverbs of constituents into four sub-classes, namely: qualitative, intensifiers, modals and *aspecters*. Based on the ULH, we propose that syntactic positions for adverbial phrases belong to each of these semantic subclasses of adverbial phrases. Based on the research developed here, we argue for CINQUE's thesis as theoretical possibility with greater explanatory adequacy to explain the syntactic positioning of adverbial phrases in natural languages.

**Keywords:** Predicative adverbial phrases; Specifiers Theory; Functional Projections; Universal Linear Hierarchy; Grammar Theory; Adverbial Syntax.

## LISTA DE ABREVIATURAS UTILIZADAS

AdvPs – *Adverbs Phrases* (Sintagmas Adverbiais)

AL – Aquisição da Linguagem

ASC – *Articulatory System-Conceptual*

DLP – Dados Lingüísticos Primários

*E-Language* – *External language*

FF – Forma Fonética

FL – Forma Lógica

GBT – *Government Binding Theory*

GTs – Gramáticas Tradicionais

GU – Gramática Universal

*I-Language* – *Internal Language*

LA – *Language acquisition*

LAP – *Language acquisition program*

LAD – *Language acquisition device*

Língua-E – Língua externalizada

Língua-I – Língua internalizada

LF – *Logic Form*

P&P – Teoria dos Princípios e Parâmetros

PF – *Phonetic Form*

PF<sub>I</sub>/FI - *Principle of Full Interpretation*

PPT – *Principles and Parameters Theory*

PLD – *Primary Language Data*

PM – Programa Minimalista

CIS – *Conceptual-Intentional System*

TRL – Teoria da Regência e Ligação

TABS – Teoria(S) da Adjunção Baseada Semanticamente

TEF – Teoria(S) dos Especificadores Funcionais

*UG – Universal Grammar*

Mood<sub>speech act</sub> – Núcleo de modo de ato de fala

Mood<sub>evaluative</sub> – Núcleo de modo avaliativo

Mood<sub>evidential</sub> – Núcleo de modo evidencial

Mod<sub>epistemic</sub> – Núcleo de modalidade epistêmica

T(Past) – Núcleo de tempo passado

T(Future) – Núcleo de tempo futuro

T(anterior) – Núcleo de tempo presente

Mood<sub>irrealis</sub> – Núcleo de modo *realis/irrealis*

Mod<sub>aleth necess</sub> – Núcleo de modalidade alética de necessidade

Mod<sub>volition</sub> – Núcleo de modalidade raiz de volição

Mod<sub>obligation</sub> – Núcleo de modalidade raiz de obrigação

Mod<sub>ability/permis</sub> – Núcleo de modalidade raiz de habilidade/permissão

Asp<sub>habitual</sub> – Núcleo de aspecto habitual

Asp<sub>repetitive (I)</sub> – Núcleo de aspecto repetitivo

Asp<sub>frequentative (I)</sub> – Núcleo de aspecto freqüentativo

Asp<sub>celerative (I)</sub> – Núcleo de aspecto celerativo

Asp<sub>terminative</sub> – Núcleo de aspecto terminativo

Asp<sub>continuative</sub> – Núcleo de aspecto continuativo

Asp<sub>perfect</sub> – Núcleo de aspecto perfeito (perfectivo)

Asp<sub>retrospective</sub> – Núcleo de aspecto retrospectivo

Asp proximate – Núcleo de aspecto aproximativo

Asp durative – Núcleo de aspecto durativo

Asp progressive – Núcleo de aspecto progresivo

Asp prospective – Núcleo de aspecto prospectivo

Asp completiveSg – Núcleo de aspecto completivo singular

Asp completivePl – Núcleo de aspecto completivo plural

Voice – Núcleo de voz verbal

Asp celerative (II) – Núcleo de aspecto celerativo II

Asp repetitive (II) – Núcleo de aspecto repetitivo II

Asp frequentative (II) – Núcleo de aspecto frecuentativo II

Asp completive (II) – Núcleo de aspecto completivo II

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>PÁG.15</b>
1.1 - O OBJETO DE ESTUDO	PÁG.15
1.2 - A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	PÁG.17
<b>CAPÍTULO 2 - O MODELO TEÓRICO-METODOLÓGICO FORMAL</b>	<b>PÁG.19</b>
2.1.1 - A TEORIA E O MODELO GERATIVISTAS	PÁG.19
2.1.2 - Os NÍVEIS DE ADEQUAÇÃO TEÓRICA	PÁG.24
2.2 - O PROGRAMA MINIMALISTA	PÁG.29
<b>CAPÍTULO 3 - OS ADVÉRBIOS NOS ESTUDOS FORMALISTAS DA LINGUAGEM</b>	<b>PÁG.35</b>
3.1 - INTRODUÇÃO	PÁG.35
3.2 - O ESTUDO DE JACKENDOFF (1972)	PÁG.36
3.3 - O ESTUDO DE POLLOCK (1989)	PÁG.39
3.4 - O ESTUDO DE ERNST (2006)	PÁG.44
3.5 - O ESTUDO DE LAENZLINGER (1998)	PÁG.47
3.6 - O ESTUDO DE COSTA (1999)	PÁG.57
3.7.0 - A PROPOSTA DE CINQUE (1999)	PÁG.61
3.7.1 - SINTAGMAS ADVERBIAIS (ADVPS) COMO ESPECIFICADORES (SPECs)	PÁG.65
3.7.2 - AS CATEGORIAS DE TEMPO, ASPECTO E MODO (TAM)	PÁG.70
3.7.3 - AS PROJEÇÕES FUNCIONAIS DA SENTENÇA	PÁG.81
3.7.4 - A HIERARQUIA UNIVERSAL DOS NÚCLEOS FUNCIONAIS VERSUS OS SINTAGMAS ADVERBIAIS	PÁG.103
3.7.5 - RATIFICANDO A PROPOSTA DE CINQUE	PÁG.110
3.8 - CONCLUSÃO	PÁG.117

**CAPÍTULO 4 - OS AdvPs PREDICATIVOS (ILARI ET ALLI, 1990)** \_\_\_\_\_ **PÁG.118**

4.1 - INTRODUÇÃO \_\_\_\_\_ PÁG.118

4.2 - OS PREDICATIVOS DE DISCURSOS \_\_\_\_\_ PÁG.122

4.3.0 - PREDICATIVOS DE SENTENÇAS \_\_\_\_\_ PÁG.123

4.3.1 - OS PREDICATIVOS DE CONSTITUINTES \_\_\_\_\_ PÁG.124

4.3.2 - OS SUBGRUPOS DE PREDICATIVOS DE CONSTITUINTES \_\_\_\_\_ PÁG.126

4.4 - CONCLUSÃO \_\_\_\_\_ PÁG.129

**CAPÍTULO 5 - O POSICIONAMENTO SINTÁTICO DOS AdvPs PREDICATIVOS DE CONSTITUINTES** \_\_\_\_\_ **PÁG.130**

5.2 – INTRODUÇÃO \_\_\_\_\_ PÁG.130

5.2.1 - O POSICIONAMENTO DOS AdvPs PREDICATIVOS DE CONSTITUINTES \_\_\_\_\_ PÁG.131

5.2.2 - O POSICIONAMENTO DOS QUALITATIVOS \_\_\_\_\_ PÁG.131

5.2.3 - O POSICIONAMENTO DOS INTENSIFICADORES \_\_\_\_\_ PÁG.139

5.2.4 - O POSICIONAMENTO DOS MODALIZADORES \_\_\_\_\_ PÁG.147

5.2.5 - O POSICIONAMENTO DOS ASPECTUALIZADORES \_\_\_\_\_ PÁG.159

5.3 – CONCLUSÃO \_\_\_\_\_ PÁG.163

**6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS** \_\_\_\_\_ **PÁG.164**

**7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** \_\_\_\_\_ **PÁG.166**

**8 - ANEXOS** \_\_\_\_\_ **PÁG.173**

## Capítulo 1 – Introdução

O objetivo central deste capítulo é fornecer uma apresentação da minha pesquisa, detalhando o modelo teórico-metodológico adotado, o objeto de estudo, o *corpus* de análise utilizado, a estrutura da dissertação e a base teórica que me serve de guia.

### 1.1 – O objeto de estudo

Os advérbios constituem, certamente, uma das classes lexicais menos estudadas e que mais geram controvérsias teóricas tanto por parte dos lingüistas quanto pelos gramáticos tradicionais. Isso ocorre, sobretudo, devido ao fato de que, por algum período, os advérbios ficaram relegados a um “segundo plano” dentro dos estudos da linguagem humana, sendo tidos, muitas vezes, como uma classe lexical acessória e até dispensável da constituição da arquitetura sintática básica das línguas naturais. Esta é a função dos chamados termos acessórios da oração, desempenhada pelos adjuntos da sentença (adnominais ou adverbiais), como nos ensinaram as gramáticas normativas tradicionais (GTs) (cf. ROCHA, 1989; BECHARA, 2004; CUNHA e CINTRA, 2007). Dessa forma, várias são as subclasses ou subtipos de palavras apontadas pelos gramáticos como adjuntas aos núcleos essenciais da oração: sujeito e predicado.

Contudo, sob essa roupagem de classe de palavras acessórias, escondeu-se por muito tempo o fato de que nem todas as palavras que comumente eram ditas como pertencentes a essa classe denominada de advérbios – ou, até mesmo, a uma das subclasses pensadas pela GTs – comportavam-se sintática e semanticamente de maneira uniforme e homogênea. Isso decorre principalmente do fato de que os advérbios não compõem uma classe unívoca de palavras. Na verdade, tais itens lexicais mantêm com os demais elementos presentes na sentença relações muitas mais interdependentes e primitivas do que supunham aqueles que prescrevem a linguagem humana. A idéia

principal é a de que os advérbios mantêm uma relação de escopo<sup>1</sup> com os demais elementos constituintes da sentença, podendo ou não predicar sobre esses.

Com a entrada da noção de escopo lingüístico, que, na verdade, não se deve especificamente aos estudos dos itens adverbiais, mas está presente em praticamente todas as demais relações sintáticas (ou sintagmáticas) lingüísticas, pode-se afirmar que o estudo dos advérbios, então, busca entender a relação de escopo que há entre os advérbios e os demais constituintes sintáticos. Essa relação acontece, sobretudo, nos níveis mais altos da sentença localizados acima do verbo (VP), como se verá ao longo deste texto, daí, podendo, até mesmo, afetar a sentença inteira como um todo.

Exemplos de diferenças de escopo adverbial são encontrados nas sentenças a seguir:

- (i) *Geralmente*, Lucas vai ao cinema com a namorada.
- (ii) Lucas *geralmente* vai ao cinema com a namorada.
- (iii) Lucas vai, *geralmente*, ao cinema com a namorada.
- (iv) Lucas vai ao cinema, *geralmente*, com a namorada.
- (v) Lucas vai ao cinema com a namorada, *geralmente*.

Dentro deste âmbito de discussão teórica é que o presente trabalho se posiciona. Intenciona-se aqui estudar o ordenamento e o posicionamento dos advérbios na língua portuguesa brasileira, mas sempre com vistas à estruturação universal das línguas naturais. Para tanto, um ligeiramente amplo percurso teórico será percorrido, buscando entender as diversas perspectivas teóricas que foram forjadas acerca do objeto de estudo referido e que foram desenvolvidos notadamente dentro do prisma da corrente lingüística denominada de gerativista.

Espera-se que, ao fim da leitura deste texto, perceba-se que a compreensão da sintaxe adverbial está para além de somente entender corretamente o ordenamento de apenas um único dado grupo de itens lexicais, mas, muito mais, perpassa a questão do

---

<sup>1</sup>PIRES DE OLIVEIRA (2001, pág.194) define o escopo como “intuitivamente, o conjunto de conteúdo que uma operação semântica afeta.” (...) “Um operador tem escopo sobre outro quando este último está na área de atuação do primeiro; em outros termos, quando o primeiro operador está mais alto na árvore de derivação.”



entendimento generalista e mais amplo da própria organização cognitiva da linguagem. Sendo assim e já ultrapassando essa brevíssima introdução, segue-se para um, igualmente breve, comentário acerca da estrutura da dissertação.

## 1.2 – A estrutura da dissertação

Inicia-se esta dissertação com uma revisão do modelo teórico-metodológico gerativista, na perspectiva *chomskiana*, tentando seguir um percurso diacrônico de apresentação que prossegue desde as primeiras idéias principais até os desenvolvimentos ou desdobramentos mais recentes e contemporâneos destas. Isto compõe o capítulo 2 a seguir. No entanto, esta revisão não se pretende como um texto didático de discussão muito aprofundada do modelo formal gerativista dos estudos lingüísticos, mas apenas serve como um comentário introdutório de apresentação que intenciona pontuar os principais pontos teóricos do modelo em questão que serão utilizados ao longo do texto.

Em seguida, faz-se um afunilamento teórico abordando especificadamente as diversas perspectivas teóricas surgidas dentro do modelo teórico formalista cujo objeto central de estudo é os advérbios. Isto compõe o capítulo 3, que é subdividido em diferentes seções e subseções com temáticas apropriadas.

Logo após, no capítulo 4 seguinte, aborda-se de maneira pontual (e afunilando ainda mais o recorte teórico do estudo presente) os advérbios predicativos, apresentando exemplificadamente para o português brasileiro (PB) as suas quatro subclasses propostas.

No capítulo 5, então, tem-se a discussão central deste texto, já que nossa temática de estudo é justamente o ordenamento dos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no PB. Assim, são teorizadas as supostas posições sintagmáticas ocupadas por cada uma das quatro subclassificações dos advérbios predicativos de constituintes, com base na comparação e na equivalência com a tese cartográfica dos advérbios como especificadores das projeções funcionais para a zona do IP.

Por fim, após, seguem as considerações finais do meu texto, ressaltando as principais questões levantadas ao longo da explanação, enfatizando o poder do potencial de adequação explicativa da perspectiva teórica assumida e apontando para os futuros rumos e/ou caminhos teóricos que, certamente, poderão estar por vir na minha caminhada profissional acadêmica com base na escolha do objeto de estudo em questão e do modelo teórico escolhido especificadamente para abordá-lo.

## Capítulo 2 - O modelo teórico-metodológico gerativista

Neste capítulo, intenciona-se abordar a corrente dos estudos da linguagem que nos serve de modelo, notadamente, aquela que segue uma perspectiva teórico-metodológica formalista, representada, sobretudo, pela sintaxe gerativa. Para tal, discorre-se, partindo das idéias iniciais acerca dos estudos da linguagem humana, sobre os principais pressupostos basilares nos quais a teoria gerativa está fundamentada desde seus modelos primordiais até alcançar a sua mais recente versão, na qual se ancora esta pesquisa: o minimalismo.

### 2.1 - A teoria e o modelo gerativista.<sup>2</sup>

Os estudos acerca da linguagem e, em particular, das línguas humanas são de longa tradição histórica e surgem desde pelo menos o período histórico da Antigüidade Clássica junto à Filosofia (NEVES, 2002). O estudo das gramáticas das línguas aparece como uma forma de adequar (uma *téchne*) o uso lingüístico a normas e padrões estéticos que tinham como finalidade última somente alcançar o ideal abstrato do “belo” e “puro” para fins de comunicação. Essa é a origem longínqua das modernas gramáticas prescritivo-normativas, ou, simplesmente, gramáticas tradicionais (GTs), das línguas modernas, as quais são em sua maior parte todas devedoras dessa tradição greco-latina.

Desde então, os estudos acerca da linguagem foi-se desenvolvendo ao longo dos séculos posteriores, chegando mesmo a compor, na Idade Moderna, o objeto central de estudo de uma nova ciência acadêmica ou campo científico de pesquisa: a Lingüística. Entretanto, foi somente na segunda metade do século XX passado, por volta dos meados do final da década de 50, que os estudos lingüísticos sofreram uma das suas maiores

---

<sup>2</sup> Utilizaremos, neste capítulo, as abreviações realizadas a partir da língua inglesa, pelo fato de que elas já são tradicionalmente conhecidas entres os profissionais da área da lingüística gerativa e sua alteração para novas abreviações em língua portuguesa poderia causar alguns equívocos na compreensão.

transformações, através do surgimento da teoria da *Sintaxe Gerativa*<sup>3</sup>. Ou, como se afirma em CHOMSKY (2006, pág.1):

Os paradigmas lingüísticos predominantes na primeira metade do século XX centravam sua atenção na ‘*langue*’ *saussuriana*, um objeto social do qual os falantes individuais tinham apenas um domínio parcial. A partir da década de 50, a gramática gerativa mudou o foco da pesquisa lingüística para os conhecimentos lingüísticos possuídos pelos falantes individuais e para a ‘*faculdade de linguagem*’, a capacidade específica da espécie para dominar e usar uma língua natural.

Dentro da proposta dos estudos lingüísticos da escola da Sintaxe Gerativa, ou simplesmente gerativismo, a *noção de gramática* ganha uma nova dimensão em seu significado. Para tais estudos, a noção de gramática passa a designar não meramente um conjunto de regras prescritivas e normativas do “uso correto” e “bem feito” da língua, de acordo com as regras socialmente estabelecidas pela sua comunidade de falantes, como fora em suas origens na Antigüidade Clássica, mas, gramática, agora, passa a designar um objeto mental de estudos que representa uma capacidade cognitiva específica da espécie humana para formular, utilizar e compreender as sentenças de uma determinada língua natural, assim como depreendemos da afirmação de RADFORD (1997, pág.2): *grammar as the study of the principles wich govern the formation and interpretation of words, phrases and sentences.*<sup>4</sup>

A noção de gramática, dessa forma, dentro da perspectiva do gerativismo, é compreendida como um objeto cognitivo, como o estudo da competência gramatical ou do sistema internalizado na mente e cérebro humanos – aquilo que (CHOMSKY, 1994, pág.41) denomina de *língua internalizada*, ou doravante somente *língua-I*. O conhecimento gramatical, então, é definido como algo tácito, portanto pertencente ao

---

<sup>3</sup> A Teoria da Gramática Gerativa em seu início, no final da década de 50, recebia a denominação de Gramática Gerativa Transformacional, denominação que remete à concepção da época de que todas as sentenças em uma determinada língua natural eram geradas a partir de transformações, por meio das chamadas Regras de Transformação, de algumas outras sentenças principais e matrizes. Assim, por exemplo, sentenças na voz passiva eram geradas a partir de regras de transformação exclusivas a esse fenômeno, a partir de sentenças na voz ativa.

<sup>4</sup>Tradução minha: “Gramática como o estudo dos princípios que governam a formação e interpretação de palavras, sintagmas e frases”.

nível psicológico do subconsciente, e não explícito, fazendo parte do nível psicológico do consciente.

Uma evidência para tanto é o fato de que nenhum ato de ensino específico é requisitado para o desenvolvimento de uma determinada língua natural humana qualquer. Basta, para tanto, que as crianças em fase de *Aquisição da Linguagem* (doravante LA) sejam expostas aos chamados *Dados Lingüísticos Primários* (de agora em diante, PLD) <sup>5</sup>.

Assim, pode-se afirmar que o falante nativo de uma dada língua natural já possui uma predisposição inicial para adquirir uma língua, isto é, já possui um conhecimento tácito prévio da gramática de sua língua, de como formar e interpretar as palavras, as categorias gramaticais, os sintagmas e as sentenças. Essa teoria recebe o nome de *Hipótese inatista*<sup>6</sup> (HI) da LA.

Do fato de que nenhum processo de ensino específico é necessário para que as crianças, em fase de LA, aprendam a falar e compreender as sentenças da língua da comunidade de falantes em que elas estejam inseridas, conjuntamente ao fato de que a aquisição e o desenvolvimento lingüísticos delas se farão de forma natural e eficaz (se nenhum outro problema cognitivo e/ou fisiológico qualquer estiver envolvido), é postulada a existência de uma *Faculdade da Linguagem* <sup>7</sup> (FL).

Admitindo, então, a FL como um *Programa de Aquisição da Linguagem* (LAP), a criança já nasce com um mecanismo ou capacidade biológica, que é inata ao seres humanos, para adquirirem qualquer língua natural através da simples exposição aos PLD. A existência de uma FL leva a postular que deva existir, então, no próprio cérebro-mente de todos os humanos, um mecanismo cognitivo que possibilita que todos

---

<sup>5</sup> Além dos Dados lingüísticos primários, alguns teóricos do gerativismo também discutem se os dados da chamada **Evidência negativa**, compostos por aquelas sentenças que a criança não escuta na fase de aquisição, desempenha algum papel relevante no complexo processo de Aquisição da Linguagem humana (cf. RAPOSO, *supra*).

<sup>6</sup> A Hipótese inatista é uma proposta racionalista que se contrapõe a diversas outras correntes de pensamento teórico acerca do processo de aquisição cognitiva da linguagem pelos seres humanos, a exemplo das Teorias Behavioristas, do Conexionismo, do Sócio-Cognitivismo e do Sócio-Interacionismo (cf. SANTOS, 2006, pág.216).

<sup>7</sup> Utilizaremos a sigla FL em português, a exceção do que viemos fazendo com as demais, para não confundir com LF, *Logical Form*.

esses seres venham a aprender uma determinada língua natural qualquer sem maiores esforços.

Pode-se pensar, assim, que a língua-I é a resultante da junção de dois componentes: “um léxico e um sistema de princípios (regras, operações) que operam recursivamente sobre os itens do léxico e sobre as expressões complexas que são formadas a partir destes” (CHOMSKY, 1999b, pág.18). É justamente a este sistema de princípios que se denomina de *Sistema Computacional* da linguagem humana. Daí, dentro do quadro teórico do gerativismo postular-se que todos os seres humanos possuem um sistema computacional constituído por meio de uma *Gramática Universal* (UG) em seus cérebros-mente.

A UG pode ser compreendida como um equipamento, mecanismo ou habilidade cognitiva, pertencente unicamente à espécie humana, que está disponível a esses seres através da FL, possibilitando, subseqüentemente, uma aprendizagem das línguas naturais através de uma exposição inicial aos PLD (*input*).

Algumas questões pertinentes surgem a partir das propostas teóricas do gerativismo. Dentre elas, citam-se aquelas a seguir <sup>8</sup>:

- (i) Como ocorre a aprendizagem espontânea fruto da simples exposição aos PLD que culmina no domínio total de uma língua natural?
- (ii) Em que momento cognitivo exato se dá a LA? Ela ocorre de uma vez, totalmente, ou gradualmente, aos poucos?
- (iii) Por quanto tempo dura a LA? Até em que momento a criança é capaz de adquirir uma língua natural somente com base nos PLD?
- (iv) Quais os mecanismos e propriedades que subjazem a constituição da UG e da FL?

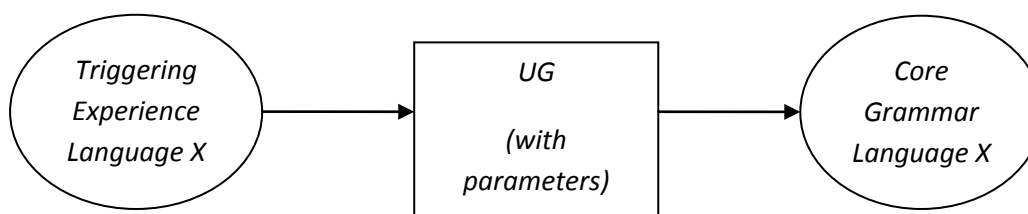
---

<sup>8</sup>Logicamente, todas essas questões não serão respondidas aqui neste breve espaço do nosso texto. Entretanto, a partir do próximo capítulo (Cap.3) entraremos, notadamente, em um campo temático de discussão que está relacionado de maneira direta com as indagações levantadas, sobretudo, em (iv) e (v), e que são centrais no ponto de vista teórico adotado por nós neste texto.

- (v) Como explicar a diversidade de línguas humanas existentes já que todas elas são fruto do mesmo mecanismo cognitivo humano definido como UG?

O esquema representativo (1), assim, do processo de LA, dentro do quadro teórico da teoria gerativa que ficou conhecido como Princípios e Parâmetros (P&P) é o seguinte, segundo proposto por HAEGEMAN (1994, pág.16) <sup>9</sup>:

Esquema (1)



No esquema (1) acima, representa-se o processo de LA. Assim, a criança, através de uma exposição inicial à língua circundante em seu meio ambiente social, tem uma *experiência da linguagem* que fará com que ela escolha os *valores paramétricos binários* disponíveis na UG como realizados na constituição da gramática específica da sua língua – no esquema (1) denominado língua X. Tal processo é denominado o *input* lingüístico. Em seguida, após o processo de seleção paramétrica da língua X (rápido, considerando que, apesar de toda a complexidade envolvida neste processo, o falante adquire o vocabulário elementar e a sintaxe básica da sua língua no decorrer de um espaço temporal relativamente curto), a criança já terá construído mentalmente um sistema gramatical cognitivo que é a gramática específica da sua língua nativa X. Essa segunda etapa do processo de LA é denominada do *output* lingüístico. Sendo assim, o *input* da gramática da língua X caracteriza-se como a experiência lingüística inicial

---

<sup>9</sup>Mais tarde veremos que nas mais recentes modificações realizadas dentro da perspectiva teórica minimalista esse quadro será representado de maneira um pouco diferenciada (cf. CHOMSKY, 1999b, 2002, 2006; e (RADFORD, 1997).

processada pela FL durante o processo de LA, enquanto o *output* da FL é a gramática da língua X que está sendo adquirida.

### 2.1.1 - Os níveis de adequação teórica.

CHOMSKY (1994) propõe que quatro propriedades são apontadas como fundamentais para as teorias lingüísticas. Aqui elas são retomadas a partir da explanação resumida de RADFORD (1997), por motivos de facilitação da exposição:

(i) *Adequação descritiva* (pág.4):

A adequação descritiva é satisfeita quando se consegue descrever e delimitar as sentenças gramaticais das agramaticais de uma dada língua particular humana e, também, quando se descreve quais as interpretações relevantes que essas sentenças têm (RADFORD, 1997, *supra*):

Given that a grammar of a language is a model of the competence of a fluent speaker of the language, and given that competence is reflected in intuitions about the grammaticality and interpretation, an important criterion of adequacy for a grammar of any natural language is that of descriptive adequacy <sup>10</sup>.

Entretanto, enquanto o lingüista descritivo quer elaborar tão somente descrições das gramáticas de línguas particulares, o lingüista teórico quer elaborar uma *Teoria da gramática*, ou seja, uma descrição das possibilidades e impossibilidades estruturais de todas as línguas naturais humanas, não somente de certas gramáticas (línguas) particulares. Ou, ainda, nas palavras de RADFORD (*supra*):

---

<sup>10</sup>Tradução minha: "Dado que uma gramática de uma língua é um modelo da competência do falante fluente da língua(gem), e dado que a competência é refletida em intuições sobre a gramaticalidade e a interpretação, um critério importante de adequação para a gramática de qualquer língua natural é o da adequação descritiva".



While the concern of the descriptive linguist is to devise grammars of particular languages, the concern of the theoretical linguist is to devise a theory of grammar. A theory of grammar is a set of hypotheses about the nature of possible and impossible grammars of natural (i.e. human) languages: hence, a theory of grammar answers questions like: 'what are the inherent properties which natural language grammars do and don't possess?' <sup>11</sup>

Dessa forma, assim como há critérios de descrição das gramáticas particulares (os critérios de adequação descritiva) também há critérios que devem estar presentes na descrição de todas as línguas naturais humanas.

(ii) *Universalidade*

O critério da universalidade afirma que uma teoria da gramática deve permitir elaborar descrições adequadas (adequação descritiva) de todas as línguas naturais para, assim, desenvolver uma teoria da UG que especifique suas propriedades. Ele culmina justamente no terceiro critério: a adequação explanatória.

(iii) *Adequação explanatória*

O critério da adequação explanatória afirma, justamente, que uma teoria da UG deve explicar as propriedades universais que a UG tem. Todavia, não basta apenas descrever os padrões lingüísticos universais, mas também explicá-los em suas propriedades fundamentais. Daí a importância do critério de adequação explanatória e de sua característica principal que é a de restringir a amplitude explanatória da teoria

---

<sup>11</sup>Tradução minha: "Enquanto a preocupação do lingüista descritivo é elaborar gramáticas de línguas particulares, a preocupação do lingüista teórico é elaborar uma teoria da gramática. Uma teoria da gramática é um conjunto de hipóteses acerca da natureza das gramáticas possíveis e impossíveis de línguas naturais (i.e. humanas). Daí, uma teoria da gramática responde questões como: quais são as propriedades inerentes que as gramáticas de línguas naturais possuem e não possuem?"

para ter escopo analítico exclusivamente sob o seu objeto central de estudo. Chama-se a essa característica do critério de adequação explanatória de *restrição máxima*<sup>12</sup>.

A restrição máxima afirma que a descrição lingüística deve ser tão geral que dê conta de explicar o mecanismo de funcionamento de todas as línguas naturais, mas, ao mesmo tempo, seja tão específico a ponto de dar conta de descrever só e somente só a linguagem humana e mais nenhum outro tipo de linguagem (as linguagens da ciência da computação, a linguagem animal, as línguas artificiais – o esperanto – e outras linguagens e sistemas comunicativos que não se constituem como línguas naturais, por exemplos).

(iv) *A aprendibilidade*

O quarto e último critério apresentado por RADFORD (1997), retomando os conceitos de CHOMSKY (1994), traduziu-se, aqui, livremente como o da *aprendibilidade*<sup>13</sup>. Nesse critério, prescreve-se que a gramática descrita deve dar conta do fato de que as crianças em fase de LA aprendem rapidamente uma determinada língua natural em um curto período de tempo. Dessa forma, os princípios presentes na UG não podem ser em número ilimitado ou infinito, nem tampouco terem propriedades extremamente complexas, já que a marcação paramétrica pela criança se dá de forma espontânea, rápida e autônoma em um espaço temporal.

A teoria dos P&P, nascida nos anos 80, fundamenta-se, ainda, em alguns conceitos-chaves, como o da *gramática modular*<sup>14</sup> (CHOMSKY, 1998), (RAPOSO, 1992) e (MIOTO, 2003, pág.23). Neste, afirma-se que os componentes da gramática devem ser analisados como *módulos autônomos*, independentes entre si, no sentido de que são governados por suas próprias regras e não sofrem influência direta dos outros

---

<sup>12</sup> Tradução livre minha dos vocábulos ingleses *restrictive, constrained*.

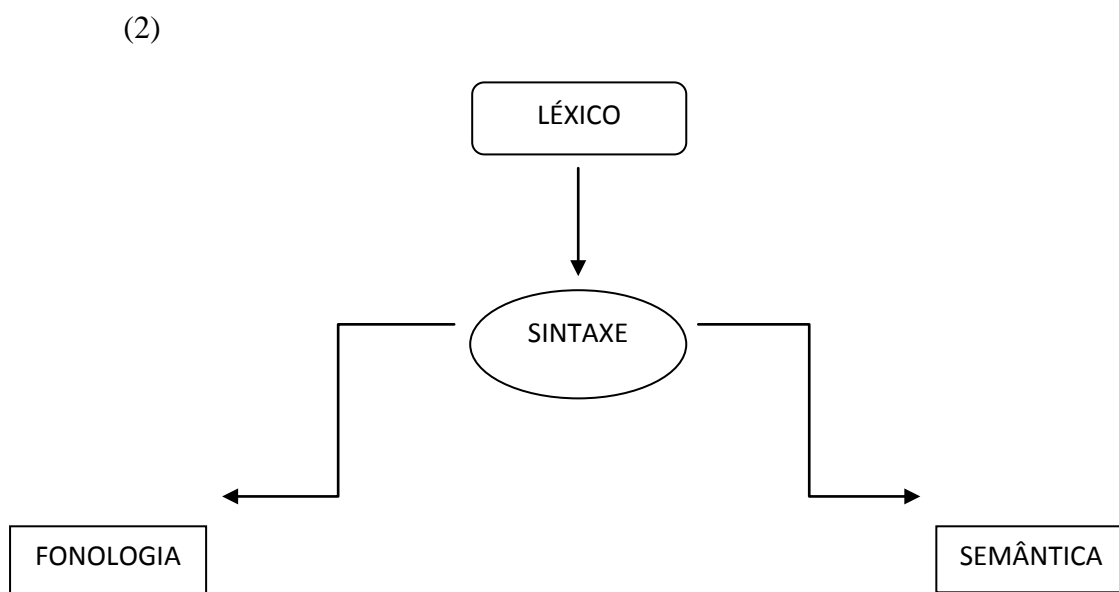
<sup>13</sup> Tradução livre minha do vocábulo inglês *learnability*.

<sup>14</sup> A questão acerca de ser a gramática cognitiva humana (UG) modular ou não gera grandes debates, discussões e pontos de vista antagônicos, já que as mais recentes pesquisas nas neurociências contemporâneas têm demonstrado que o cérebro humano mantém uma complexa e intrigante rede de interconexões e ligações diretas entre as suas mais diferentes áreas componentes (cf. CHOMSKY 1998), dentre outros.

módulos mentais (como o da memória, da música, das artes, do raciocínio lógico etc.). Além desse, outro conceito muito ressaltado dentro do modelo dos P&P é o da *recursividade*, que afirma que o processo de geração ou construção das sentenças dá-se de forma recursiva e ilimitada na mente humana. A importância de tal conceito fundamenta-se no fato de ele fornecer uma explicação para a *criatividade lingüística* dos falantes, propriedade tida como uma das mais importantes características das línguas naturais.

O processo de LA, assim, é explicado, fornecendo uma resposta apropriada a questão (v) colocada anteriormente (cf. pág.21), através da noção de princípios e parâmetros lingüísticos.

A FL é composta por *Princípios* gerais válidos para todas as línguas naturais e por *Parâmetros*, que são os princípios ou propriedades específicas de cada uma das diferentes línguas naturais, servindo para dar conta de explicar a diversidade lingüística humana. Com isso, as gramáticas de uma determinada língua natural qualquer, a exemplo do português, francês, holandês ou alemão, são os resultados da marcação/escolha de parâmetros particulares dessas línguas através das opções (normalmente disponíveis em forma de *algoritmos binários* positivos ou negativos [+ ou -]) dos princípios universais da UG. O esquema (2) a seguir, então, é o representativo do modelo de gramática adotando no P&P, na versão até agora explicitada:



A teoria dos P&P, criada em meados dos anos 80, como já se disse, pode ser dividida em duas grandes fases: a primeira, denominada de *Teoria da Regência e Ligação*<sup>15</sup> (TRL), que perdurou durante toda a década de 80 até o início dos anos 90; e a segunda, o *Programa Minimalista* (MP), que se estende desde o início da década de 90 até o tempo presente atual (CHOMSKY, 1999b).

Da junção de todos aqueles quatro critérios de adequação da descrição lingüística teórica expostos no início desta seção, portanto, surge o fato de que uma teoria da gramática, na perspectiva do lingüista teórico, deve realizar-se com a utilização de um *aparato técnico mínimo* (daí, portanto, o qualificador minimalista) para fornecer uma caracterização descritiva e explanatoriamente adequada, completa, satisfatória e condizente do fenômeno lingüístico estudado, utilizando-se, contanto, do mínimo arcabouço teórico necessário. Disso, advém a proposta do atual *Programa Minimalista*, que nada mais é do que, senão, um desenvolvimento contemporâneo das idéias do modelo dos P&P.

## 2.2 - O Programa Minimalista

O objetivo central desta subseção é demonstrar como o modelo teórico do Programa Minimalista (MP, desenvolvido a partir do ano de 1995), que serve de base para o desenvolvimento da proposta de análise do nosso objeto de estudo, é um desenvolvimento recente das idéias já esboçadas no modelo dos P&P anteriormente, bem como apresentar os principais conceitos teóricos chaves que são adotados em nosso texto.

O MP não se constitui enquanto um arcabouço teórico totalmente novo e diferenciado dos P&P anterior. Mais que isso, antes, tal programa constitui-se como um desenvolvimento mais recente daquele antigo modelo teórico gerativista a partir da retomada e da colocação de novas indagações e questões metodológicas.

---

<sup>15</sup>A Teoria da Regência e Ligação (TRL) às vezes também é denominada de Teoria da Regência e Vinculação na tradução feita em língua portuguesa.

Ao longo da sua história, a teoria gerativa tem passado por diversas transformações. Assim, houve o modelo inicial da *Gramática Gerativo-Transformacional* (a partir do início em 1957), seguido dos modelos da *Teoria Padrão* (*Standard Theory*, a partir de 1965) e da *Teoria Padrão Ampliada* (*Extended Standard Theory*, de 1973 até meados de 1983), até chegar à teoria dos P&P (a partir de 1986/1987 até o desenvolvimento do PM atual de 1995 em diante), já visto brevemente.

O MP surge, então, dentro das mais recentes perspectivas de CHOMSKY (1999b, 2002, 2005b, 2006) de “otimizar” e aumentar o potencial da adequação descritiva e, sobretudo, principalmente, da adequação explanatória da teoria gerativa através da exigência de simplicidade, elegância, economia e simetria dentro deste modelo teórico. Enfim, neste modelo, a antiga noção já há muito tempo presente na ciência da linguagem de *Economia Lingüística*<sup>16</sup> retorna com força total e desempenhando um papel centralmente relevante.

Entre as inovações teóricas do MP, está o fim das *estruturas profundas* e das *estruturas superficiais* presentes desde o início do modelo gerativo-transformacional até o P&P. Os antigos níveis de representações lingüísticos compostos pela *Forma Lógica* (doravante LF, do original *Logical Form*) e *Forma Fonética* (doravante PF, de *Phonetic Form*)<sup>17</sup> permanecem. Contudo, essas representações designadas de *níveis de interface*, passam a ser denominadas, respectivamente, de *Sistema Sensório-Motor* (ou *Articulatório-Conceptual*, posteriormente) e de *Sistema Conceptual-Intencional* (ou *Conceitual-Intencional*, posteriormente).

Entretanto, agora, tanto o Sistema articulatório-conceitual (ASC) quanto o Sistema conceitual-intencional (CIS) são gerados após o momento de *conversão* da sentença. Esse momento de conversão é denominado de *Spell-out* por CHOMSKY (1999b, p.268, 269). Uma definição conceitual sucinta de *Spell-out* é-nos dada em (RADFORD, 1997, p.172):

---

<sup>16</sup>Para uma discussão mais completa da noção de *Economia Lingüística* (cf. CHOMSKY, 1999), particularmente o capítulo 2 “Algumas notas sobre a economia das derivações e das representações” (pág.197); e (SCHAFF *et alli*, 1975). Esse último tece uma interessante análise comparativa entre a noção de economia nas Ciências Econômicas e na Lingüística estruturalista.

<sup>17</sup>Decidi manter a sigla original nesses dois casos específicos para evitar equívocos, a exemplo de utilizar ao mesmo tempo FL tanto para Faculdade da Linguagem quanto para Forma Lógica.

(...) the point at which the phrase structures generated by the processes of selection and *merge* feed into two different components - an PF component which processes their phonetic features, and an LF component which processes their grammatical and semantic features.<sup>18</sup>

As teorias *X-Barra* e *mova -  $\alpha$* , que eram pontos centrais do modelo teórico de P&P, são substituídas pelas novas noções de *merge*<sup>19</sup>, *concordância* (ou *Agr*<sup>20</sup>, do inglês *agreement*) e *mova* somente, enxugando ainda mais o arcabouço teórico gerativista. A operação *merge* ou *concatenar*, então, passa a ocupar um papel de destaque no MP. O *merge* é realizado através da *concatenação* ou união de dois elementos lexicais quaisquer, através do processo de *numeração* ou *seleção lexical*, no qual as entradas lexicais são rotuladas ou etiquetadas, formando um único constituinte; ou pela concatenação ou união de dois constituintes formando um novo constituinte maior.

Outra noção que perde espaço no MP é a antiga idéia de *construção* ou *geração de sentenças*, que dá nome à teoria “gerativa”. Em seu lugar, agora, surge a noção de *derivação* das sentenças por *fases* (CHOMSKY, 1999a). Dessa forma, as sentenças já não são mais construídas ou geradas simplesmente a partir da entrada lexical, mas o que ocorre é a derivação de sentenças a partir do processo inicial da numeração lexical até o momento de *spell-out*, no qual as sentenças convergem para as representações em PF e LF já mencionados.

A representação gráfica mais adequada, então, do processo de *derivação de gramáticas* (e não mais de *geração ou construção de gramáticas*), em substituição

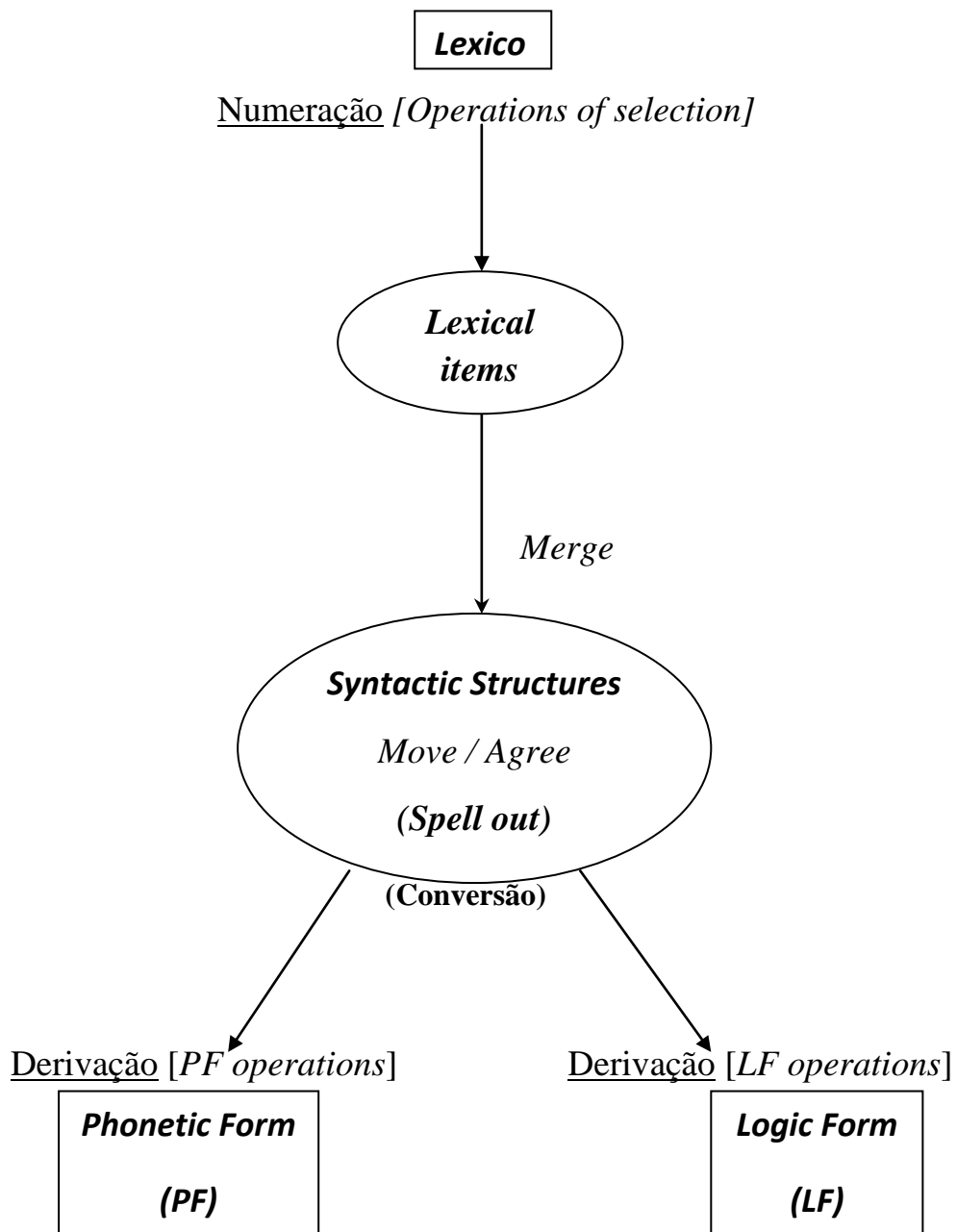
---

<sup>18</sup> Tradução livre minha: “O ponto em que a estruturas sintagmáticas geradas pelos processos de seleção e “merge” gera/alimenta dois diferentes componentes – um componente PF o qual processa seus traços fonéticos, e um componente LF o qual processa seus traços semânticos e gramaticais.”

<sup>19</sup> Pode-se entender a operação *merge* como aquele que toma dois objetos sintáticos quaisquer  $\beta$  e  $\alpha$  e forma um novo objeto  $\gamma = \{\beta, \alpha\}$  (cf. CHOMSKY, 1999b, pág.3). Assim, o resultado da operação *merge* é sempre *algoritmos binários*.

<sup>20</sup> Pode-se entender a operação *Agree* através das noções de *probe* e *goal/target*. *Probe* é o objeto sintático que possui *traços inflexionais interpretáveis* e *goal* o objeto que possui *traços não-interpretáveis* os quais são apagados sob a operação *Agree* (concordância). O *probe* procura e determina quais os objetos sintáticos passíveis de mover-se para a sua posição para a *checagem de traços*, enquanto o *goal/target* é justamente o objeto que é selecionado pelo *probe* (cf. CHOMSKY, 1999b) e (ROBERTS, 2007, pág.66).

àquele do esquema (2) visto anteriormente (cf. 2.1.1), é a seguinte do esquema (3) logo a seguir:



---

<sup>21</sup>Este modelo de gramática exposto logo mais acima é o adotado por mim na dissertação.



No esquema (3) acima, temos que, resumidamente, as gramáticas das línguas naturais são derivadas pelo *sistema computacional* humano a partir da rotulação ou etiquetagem dos itens lexicais selecionados através do processo de numeração do *Léxico*. Em seguida, os itens lexicais (já numerados) são *mapeados* pelo processo de *merge*, que, através da *checagem dos traços formais não-interpretáveis*, forma novos constituintes sintáticos. Depois disso, ocorre o processo de conversão das estruturas sintáticas até então formadas para os dois componentes de interface da gramática, o Sistema articulatório-conceitual e o Sistema conceitual-intencional, através das operações de derivação. O momento de conversão, então, é denominado de *spell-out*, como já dito.

A noção de traços fortes e fracos ou, mais comumente, *traços interpretáveis e não-interpretáveis* e a noção de *checagem* (do inglês *checking*) desses traços também ocupam um lugar extremamente relevante nesse novo modelo teórico MP.

Seguindo ROBERTS (2007, p.66), pode-se esquematizar uma operação *Agree*, resultante do momento de checagem de traços que ocorra entre dois elementos sintáticos  $\beta$  e  $\alpha$  quaisquer, da seguinte maneira:

Esquema (4):

*$\alpha$  Agree with  $\beta$  where:*

- (i)  *$\alpha$  and  $\beta$  have non-distinct formal features;*
- (ii)  *$\alpha$  asymmetrically c-commands  $\beta$ .*

Sendo que a noção de c-comando assimétrico é definida como no original (*supra*):  *$\alpha$  asymmetrically c-commands  $\beta$  if and only if  $\beta$  is contained in the structural sister of  $\alpha$ .*<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> *$\alpha$  assimetricamente c-comanda  $\beta$  se, e somente se,  $\beta$  está contida na estrutura irmã de  $\alpha$ .*

A checagem de traços presentes nas projeções, então, se estabelece a partir da necessidade de que apenas os traços respectivamente apropriados derivem até os dois componentes de interfaces. Esse princípio de restrição é chamado de Princípio de Interpretação Plena <sup>23</sup> (cf. CHOMSKY, 1999b, p.67/168). Assim, para o componente da gramática PF devem derivar-se apenas os traços formais ou gramaticais que são foneticamente interpretáveis, bem como para o componente LF devem derivar-se apenas os traços semanticamente interpretáveis. Daí, a necessidade de que os traços não-interpretáveis nos dois componentes sejam checados e apagados para que a sentença derivada seja gramatical. Caso contrário, a derivação é bloqueada (*crashed*), resultando em uma conversão agramatical nos componentes citados.

Por fim, cabe ressaltar aqui que este sucinto comentário acerca do desenvolvimento do modelo teórico gerativista e, principalmente, do MP, não tem a pretensão de constituir-se enquanto uma descrição pormenorizada e abrangente do tema – o que por si só já se constituiria improvável nesse breve espaço disponível do nosso texto. Todavia, caracteriza-se, sim, mais como um breve esboço do modelo teórico que fundamenta aquele que é adotado nesse estudo para estudar o posicionamento sintático dos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro. Crê-se que esses comentários sirvam para prover o leitor das informações básicas necessárias para a compreensão do nosso estudo lingüístico que se segue.

Na verdade, muitos lingüistas formais poderiam questionar nesse ponto se, na realidade, não haveria uma oposição teórica entre as propostas do MP e a perspectiva dos estudos formalistas de CINQUE, nos quais se fundamenta esta pesquisa, acerca das projeções funcionais da sentença. Nas considerações finais do nosso texto, retornaremos a esse ponto para emitirmos uma opinião particular acerca dessa contradição, que, do nosso ponto de vista, é somente aparente, e da postura que assumiremos frente a este superficial “antagonismo teórico”.

Passa-se, então, agora, no capítulo 3 seguinte, a discorrer acerca da proposta teórica de CINQUE (1999 *et al.*), caracterizada enquanto uma proposta realizada dentro do âmbito dos estudos formais da linguagem desenvolvido por CHOMSKY (1999). É sob essa perspectiva teórica que nos apoiaremos para realização dos nossos estudos dos advérbios predicativos de constituintes na língua portuguesa.

---

<sup>23</sup>No original em inglês, *Principle of Full Interpretation* – PFI, ou FI simplesmente.

## Capítulo 3 – OS ADVÉRBIOS NOS ESTUDOS FORMALISTAS DA LINGUAGEM

### 3.1 – Introdução

Neste capítulo, faz-se uma breve revisão teórica acerca das diversas propostas teóricas, dentro do âmbito da Linguística Formal, sobre os advérbios e o seu posicionamento e ordenamento na sintaxe das línguas naturais. Para tanto, inicia-se com um resumo das principais propostas já levantadas anteriores e que, não só representam por si pontos de vista analíticos singulares e autônomos, mas, também, em certa medida, impulsionaram metodologicamente e abriram caminho teórico para que se chegasse até a proposta contemporânea adotada em nossa dissertação.

Basicamente, as propostas teóricas acerca da sintaxe dos advérbios podem ser divididas em duas grandes visões analíticas: (i) As Teorias da Adjunção Baseada Semanticamente (TABS) e (ii) a Teoria dos Especificadores Funcionais (TEF). Vários autores, adotando uma ou outra proposta, compuseram hipóteses teóricas acerca do lugar dos advérbios na estrutura sintática das línguas.

Dentre essas propostas, podem-se ser ressaltadas algumas teorias que serão retomadas e comentadas logo mais adiante, como revisão teórica acerca do tema central da nossa pesquisa. Dentro da perspectiva das TABS, as hipóteses de: JACKENDOFF (1972), POLLOCK (1989), COSTA (1999) e de ERNST (2006). Dentro da perspectiva da TEF, a hipótese de LAENZLINGER (1998) e a tese de CINQUE (1999).

Em seguida, resume-se, de forma mais pormenorizada e com mais vagar, a tese de CINQUE (1999), que é a teoria que subsidia nosso estudo, tentando seguir os mesmos passos utilizados pelo próprio autor na exposição original da sua proposta, a fim de facilitar a compreensão e o entendimento dos leitores. Segue, então, a nossa revisão diacrônica de alguns dos mais salutares posicionamentos teóricos acerca do comportamento sintático e semântico dos advérbios.

### 3.2 - O ESTUDO DE JACKENDOFF (1972)

JACKENDOFF (1972) afirma que os advérbios compõem a classe de palavras menos estudada e menos conhecida do léxico de uma língua natural. Isso devido a vários fatores, mas, principalmente, ao consenso generalizado entre os estudiosos do assunto à época de que os advérbios compartilham das mesmas regras transformacionais que os adjetivos. Sendo assim, com base nessa pressuposição, várias regras de transformação eram aplicadas sobre as regras de base da estrutura sintagmática adverbial, resultando em regras de projeção específicas para cada subclasse dessa categoria do léxico. Exemplo dessas regras é aquela que se aplicava aos advérbios ingleses não terminados em *-ly*, morfema muito produtivo na língua inglesa para geração de advérbios a partir de adjetivos (*e.g.: hardly, lastly, fastly, quickly etc.*).

Segundo essa regra de transformação específica, qualquer item adverbial não terminado em *-ly* deve aparecer em posição pós-verbal na estrutura profunda, ou, então, ocorrer em posição pré-verbal nessa estrutura, mas “subir”, por meio de regras de transformação, para a posição pós-verbal na estrutura superficial. O importante é que todo advérbio terminado em *-ly*, que o autor denomina de semanticamente apropriado, o advérbio típico da língua inglesa, deve ocorrer pós - verbalmente na estrutura superficial.

Tal consenso generalizado nas regras transformacionais culminava em um tratamento teórico reducionista dos advérbios, segundo JACKENDOFF (*supra*, p.47):

Adjectives submit fairly docilely to this reductionist treatment: since there is almost always a paraphrase for an *Adj-N* construction with a relative clause *N Which is Adj*, a rather simple set of transformations suffices. Adverbs are more unruly since the constructions they occur in are less homogeneous, and since their paraphrase relations are much more widely varied. Hence they were neglected in favor of more tractable constructions. <sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>Tradução livre minha: Adjetivos submetem-se bastante docilmente a essa abordagem reducionista: desde que haja quase sempre uma paráfrase para uma construção *Adj-N* com uma sentença relativa *N a qual é Adj*, um grupo bastante simples de transformações basta. Advérbios são mais indisciplinados já que as construções nas quais eles ocorrem são menos homogêneas, e já que as relações de paráfrases

Contudo, refutando essa perspectiva anterior de análise, para JACKENDOFF as diversas classes de advérbios são incorporadas às sentenças das línguas naturais por diferentes “regras estruturais sintagmáticas” (JACKENDOFF, p.48). Ele mostra, assim, que advérbios, sintagmas preposicionais e modais fazem contribuições similares para a leitura semântica das sentenças, embora eles sejam introduzidos por regras estruturais sintagmáticas diferentes e sejam tratados diferentemente pelas regras de transformações específicas. Ele ressalta, ainda, que a classificação cruzada de funções sintáticas e semânticas é tomada como evidência da necessidade de manter distintas a sintaxe e a semântica como implica uma teoria gramatical como a proposta por ele que incorpora um componente semântico interpretativo.

Por isso, ele discorda da proposta consensual da sua época, que ainda está na Teoria Padrão da Sintaxe Gerativa, de relacionar os advérbios com os adjetivos e diz que existe um item do léxico (uma categoria lexical) *Adv* que apenas mantém correlação fortuita com os *Adj*.

Sua proposta, então, é que os advérbios se distribuem estruturalmente na sintaxe de três formas: (i) em posição inicial de sentença; (ii) posição final sem pausa intervindo; (iii) e em posição auxiliar (entre o sujeito e o verbo principal). Assim, JACKENDOFF propõe que os advérbios se inserem na estrutura da sentença por meio de regras de transformações próprias, sendo que para cada pequena classe de advérbios haverá uma regra de transformação diferente e particular (JACKENDOFF, p.53):

There will be a large number of such transformations, one for each tiny class of adverbs, each governed by an exception feature. Each transformational will have the power to destroy the main clause and insert lexical material (i.e. the adverb) into a lower clause. Among the traditional repertoire of transformations, none such is known. It would clearly be desirable to restrict the power of transformations to prohibit such drastic changes, especially when transformations for which this power is needed are so limited in generality (*supra*).<sup>25</sup>

---

deles (dos *Adv*s, grifo nosso) são muito mais largamente variadas. Daí eles terem sido negligenciados (dentro da teoria sintática) em detrimento de construções mais facilmente abordáveis.

<sup>25</sup>Haverá um largo número de tais transformações uma para cada minúscula classe de advérbios, cada uma governada por uma característica de exceção. Cada (regra) transformacional terá o poder de

Para ratificar sua análise, JACKENDOFF demonstra que alguns advérbios ingleses não podem ser resultados de regras de transformação dos adjetivos inseridos na base, o que leva a pensar-se que há uma categoria *Adv* de base. Então, se há advérbios que não podem ser resultados de regras de transformações dos adjetivos e outros que o podem, gerando uma ambigüidade na gramática, é mais lógico propor que tais advérbios são, sim, já inseridos na base do léxico (JACKENDOFF, 1972, pág.56). Se alguns advérbios já são inseridos na base do léxico, então é mais plausível pensar que todos os outros o sejam da mesma maneira, do que propor que alguns advérbios sejam inseridos na base do léxico e outros inseridos por regras de transformações derivados de adjetivos.

Assim, segundo esse autor, a teoria transformacional que afirma que advérbios se formam derivados de adjetivos na estrutura profunda não dá conta de explicar as diferentes classes de advérbios e seus diferentes posicionamentos sintáticos, daí ele postular que advérbios são gerados diretamente na base (JACKENDOFF, p.58):

Orientation of adverbials thus seems to be a much wider semantic phenomenon than can be predicted by a transformational theory of adverbs: hence it would be a loss of generality to account for adverb orientation transformationally.<sup>26</sup>

Enfim, JACKENDOFF propõe a hipótese de uma análise dos advérbios na qual eles sejam gerados na sentença já na base do léxico como uma entrada (lexical) específica e, posteriormente, sejam interpretados por uma variedade de regras de projeções, variantes para cada classe ou tipo de advérbios, o que daria conta de explicar seus diferentes posicionamentos sintáticos.

A grande vantagem na visão analítica de JACKENDOFF é o fato de propor, justamente, que advérbios são gerados na base do léxico, o que deu mais independência

---

destruir a sentença matriz e inserir material lexical (i.e. o advérbio) dentro de uma sentença encaixada. Entre o repertório tradicional de transformações, nada assim é conhecido. Seria claramente desejável restringir o poder das transformações para proibir tais mudanças drásticas, especialmente quando as transformações para as quais este poder é necessário são tão limitadas na generalidade.

<sup>26</sup> A orientação de adverbials, portanto, parece ser um fenômeno semântico muito mais amplo que pode ser previsto por uma teoria transformacional de advérbios: portanto, seria uma perda de generalidade explicar a orientação advérbial transformacionalmente.

para o desenvolvimento de teorias apropriadas e particulares para a(s) classe(s) dos advérbios, sem necessidade de, obrigatoriamente, correlacioná-los aos adjetivos.

Entretanto, a hipótese de JACKENDOFF, dado os desenvolvimentos recentes da teoria gerativa, apresenta hoje diversos problemas conceitual-metodológicos. Dentre os principais, podem-se citar: o fato de basear-se, ainda, em regras de transformação, consequência do modelo teórico já superado no qual a hipótese se apóia; o fato de propor de forma generalizada apenas duas grandes divisões tipológicas dos advérbios, a saber, advérbios do falante e advérbios do sujeito, não dando conta contemporaneamente de outras tipologias que surgiram para os itens lexicais ditos como adverbiais; o fato de não teorizar clara e empiricamente um ordenamento hierárquico dos advérbios; etc. dentre outras questões que serão levantadas conjuntamente à apresentação das próximas hipóteses teóricas seguintes.

### 3.3 – O ESTUDO DE POLLOCK (1989)

Contrariamente a JACKENDOFF, cujo trabalho se realiza ainda dentro da perspectiva da Teoria Padrão do gerativismo, POLLOCK (1989) tece sua hipótese dentro da abordagem teórica dos P&P. Em seu texto, ele intenciona analisar a relação existente entre o movimento do verbo, a UG e a estrutura do IP nas línguas naturais.

Para tanto, POLLOCK analisa o porquê de os verbos lexicais em língua francesa obrigatoriamente moverem-se para IP, enquanto em língua inglesa tal movimento é restrito apenas para verbos auxiliares (como as partículas lexicais *do*, *have*, *will*), sendo que os verbos lexicais ingleses têm de permanecer *in situ* no VP, não podendo realizar o movimento de subida até IP.

Assim, ele analisa a estrutura sintática das sentenças finitas e infinitivas nas duas línguas citadas, afirmando que a única diferença existente entre sentenças com verbos finitos e infinitivos (que, segundo o autor, possuem a mesma estrutura profunda) está na existência ou não dos traços [+ ou - finito], que irão fazer com que ocorra ou não movimento (mova- $\alpha$ ). Dessa forma, caso o traço [+ finito] esteja presente, mova- $\alpha$  torna-se obrigatório e o verbo tem de elevar-se; caso contrário, se somente o traço [-

finito] estiver presente, mova- $\alpha$  não é necessário e o verbo não se eleva às posições mais altas (POLLOCK, 1989, p.372):

I will adopt what I take to be the null hypothesis and assume that they differ from finite clauses only in the feature composition of their infl(ection) (and/ or Comp). It will suffice for the time being to assume that infinitives and tensed sentences are distinguished by some feature, say [-finite] and [+finite]. If that is needed the only difference between them, then structure (1) – [IP NP I ([<sub>Neg</sub> not/pas]) [VP (Adv) V...]] – is the D-Structure form of both types of sentences.<sup>27</sup>

A grande inovação da proposta de POLLOCK é o fato de o autor cindir o antigo IP em duas outras categorias sintáticas compondo projeções máximas logo acima de VP, abrindo caminho para a perspectiva que, hoje em dia, se denomina de cartográfica, na qual novas projeções, normalmente funcionais, são postuladas na estrutura sintática.

As duas categorias postuladas por POLLOCK são: o TP, projeção da marcação de tempo do verbo; e o AgrP, projeção da marcação de concordância do verbo. Assim, segundo ele, se ganha em poder de adequação explicativa na análise do fato do verbo poder elevar-se mais alto em francês do que em inglês. Tal movimento é explicado, então, pelo fato de que a presença do traço [+finito] nos verbos lexicais franceses e nos auxiliares ingleses desencadear o movimento daqueles verbos até AgrP e TP, o mesmo não ocorrendo com os verbos lexicais do inglês, que permanecem *in situ* em VP.

Em prol de embasar empiricamente sua análise, POLLOCK analisa construções com vários elementos sintáticos diferentes, como a negação, os advérbios e os quantificadores flutuantes, a fim de, a partir do posicionamento sintático desses elementos, comprovar sua hipótese de que o movimento do verbo está diretamente ligada a presença ou ausência de um traço [+finito]. Particularmente nos interessa a proposta desse autor para as posições dos advérbios na sentença.

---

<sup>27</sup>Tradução minha: Eu adotarei o que eu tomo por ser a hipótese nula e assumirei que elas diferem de sentenças finitas somente na composição de traços de sua Inflexão (e/ou complementizador). Bastará para o momento assumir que infinitivos e sentenças com tempo (conjugadas) são distinguidas por alguns traços, digamos [-finito] ou [+Finito]. Se isto é necessário somente às diferenças entre elas, então, a estrutura (1) – [IP NP I ([<sub>Neg</sub> not/pas]) [VP (Adv) V...]] – é a forma da estrutura profunda de ambos os tipos de sentenças.



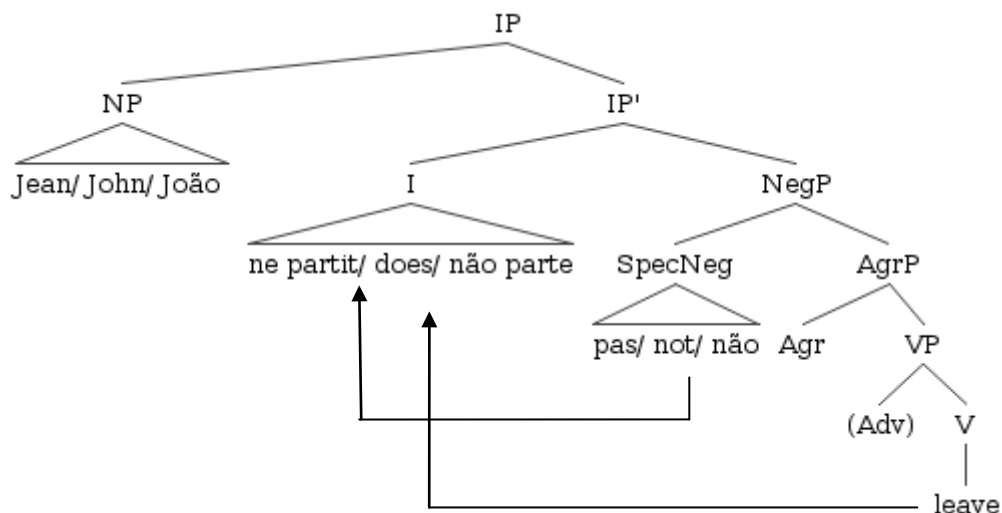
Segundo POLLOCK, de maneira oposta à perspectiva analítica de JACKENDOFF, por exemplo, não existem regras especiais para o movimento dos advérbios. Na verdade, advérbios são gerados na base do léxico (DS) em duas posições diferentes, a saber: (i) em posição inicial ao VP; (ii) e em posição final ao VP. Seu diferente ordenamento na estrutura superficial da sentença (SS) ocorre devido às regras de movimento do verbo. Tanto às regras de movimento do verbo ocasionado pelo traço [+finito], que é restrito aos itens lexicais apenas, isto é, “verbos em sentenças conjugadas”<sup>28</sup>, quanto àqueles outros que o autor denomina de “movimentos curtos de verbos” (os quais não são restritos a verbos lexicais somente). Ao moverem-se por causa do traço dito, os verbos passam, então, a ocupar a posição logo mais à frente ou atrás dos advérbios.

Exemplos do que POLLOCK propõe são as sentenças a seguir representadas, respectivamente, em francês, inglês e português no esquema (5) cujos verbos movimentam-se (em francês e português) e não se movimenta (em inglês) para a posição de IP:

---

<sup>28</sup>No original, *Tensed clauses*.

Esquema 5 (adaptado de POLLOCK, 1989, p.414) <sup>29</sup>:



Com base na afirmação de que existem somente movimentos dos verbos, mas não movimentos dos advérbios, o autor conclui que os advérbios inserem-se na sentença por adjunção (POLLOCK, 1989, p.379):

Continuing to assume, as above, that there are no rules for Adverb Movement, the process in question is easily circumscribed. If the adverbs in (27) are generated in the VP-initial position in (1), then it must be a Verb Movement rule, different from Verb Movement to Infl, moving the nonfinite verb to some intermediate position before the negative adverb *pas*. If the adverbs are generated in the VP-final position, we could derive the order of elements in (27)-(28) by a rule moving the object to the right (adjoining it to VP), as shown schematically in (31):

(31) [<sub>IP</sub> NP Infl [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> V e<sub>i</sub> Adv] NP<sub>i</sub>]] <sup>30</sup>

<sup>29</sup> São representadas no esquema 5 três sentenças em três línguas diferentes, respectivamente, a saber: inglês, francês e português. A seta indica os movimentos do verbo auxiliar que há em francês e português, mas que são impossíveis em inglês.

<sup>30</sup>Tradução livre minha: Continuando por assumir, como acima, que não há regras para o movimento adverbial, o processo em questão é facilmente circunscrito. Se os advérbios em (27) são gerados na

Os principais problemas que podem ser apontados na análise de POLLOCK para os advérbios têm correlação, primeiramente, com a aceitação ao mesmo tempo por parte dele da adjunção e do fato de afirmar que advérbios são gerados na base lexical. Se advérbios já são gerados na base, como podem ocorrer adjungidos ao IP (adjungidos ao TP ou ao AgrP) ou ao VP? Um elemento já incluso na base do léxico, em DS, (em termos minimalistas, na numeração) pode ser adjungido? Considerando-se que posições geradas na base do léxico já entram na numeração da sentença, então, elas devem ocorrer em projeções distintas, ou, então, admiti-se que os elementos sintáticos inseridos por adjunção na sentença já entram na numeração também. Todavia, consideramos também como ressalva as limitações teóricas da época em que o autor compôs sua hipótese.

Além disso, a análise de POLLOCK, que não é propriamente uma análise dos elementos adverbiais em si, mas, sim, do movimento do verbo e da sua correlação com a estrutura de IP, não leva em conta o rígido ordenamento que parece haver entre os advérbios, apesar desse não ser seu objetivo central de estudo. Os advérbios apresentam certa hierarquia ou ordenamento linear que faz com que alguns desses itens possam ocorrer antes do verbo ou de outros advérbios, por exemplo, enquanto outros não possam fazê-lo.

Contudo, concordamos com POLLOCK quando afirma que os verbos se movem na sentença, daí advindo os (aparentes) diferentes posicionamentos dos advérbios em relação ao verbo. Entretanto, achamos que o autor não explicita adequadamente quais posições são essas, sendo que, para nós, esses “lugares” por onde o verbo se move – posições as quais POLLOCK não define muito claramente quais são, já que somente a existência de TP e AgrP não são suficientes para dar conta de algumas estruturas sentenciais maiores contendo mais elementos sintáticos – são, justamente, as diferentes posições de núcleos funcionais das quais os advérbios ocupam a posição de especificadores (cf. 3.7.0).

---

posição inicial de VP em (1), então, isto deve ser uma regra de movimento, diferente do movimento do verbo para Infl, movendo o infinitivo verbal para algumas posições intermediárias antes do advérbio negativo *pas*. Se os advérbios são gerados na posição final de VP, nós poderíamos derivar a ordem de elementos em (27)-(28) por uma regra movendo o objeto à direita (adjungido-o à VP), como demonstrado esquematicamente em (31): (31) [<sub>IP</sub> NP Infl [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> V e<sub>i</sub> Adv] NP<sub>i</sub>]]

### 3.4 – O ESTUDO DE ERNST (2006)

A hipótese de ERNST (2006) é um dos mais influentes estudos contemporâneos acerca da sintaxe adverbial dentro dos estudos gerativistas. Ela é, também, a grande representante das teorias da adjunção baseada semanticamente (TABS), opondo-se, consideravelmente, às teorias dos especificadores funcionais (TEF).

Segundo ERNST (2006), os advérbios inserem-se na estrutura sintática via adjunção, podendo adjungir-se a várias projeções sintáticas diferentes de maneira muito livre. Para ele, o ordenamento sintático dos advérbios é restringido pelo emprego de princípios semânticos (o significado das entradas lexicais adverbiais e suas regras gerais de composição) e não pelo componente sintático da UG, como propõe os autores da teoria dos especificadores funcionais; daí serem as “ordens ilícitas” resultantes de “anomalias semânticas” (pág.1009):

This paper aims to provide evidence for the latter view that semantics plays a much larger role, i.e. that the contribution of semantics to adverb syntax is direct and fairly extensive, with most of its work being done by means of adverbs' lexical entries and general rules of semantic composition. As a result, we should conclude that adverb distribution should be linked to their semantics in a fairly direct way, and that adverbs are generally adjoined, not in specifier positions.<sup>31</sup>

ERNST propõe, então, que a melhor hipótese teórica para se pensar acerca do ordenamento dos advérbios na sintaxe é aquela baseada em uma Teoria da Adjunção Baseada Semanticamente (TABS). Seguindo a perspectiva proposta pelo autor na TABS, o posicionamento sintático dos advérbios é decorrente dos traços semânticos já presentes na própria constituição da entrada lexical (seu significado), isto é, eles já estão presentes no momento da numeração da computação lingüística, incluindo aí, também,

---

<sup>31</sup> Este artigo objetiva fornecer evidências para o último ponto de vista de que a semântica desempenha um papel muito mais amplo, i.e. que a contribuição da semântica para a sintaxe adverbial é direta e bastante extensiva, com muito do seu funcionamento sendo realizado pelos significados de entradas lexicais adverbiais e regras gerais de composição semântica. Como resultado, nós poderíamos concluir que a distribuição adverbial poderia ser ligada à sua semântica de maneira bastante direta, e que advérbios estão geralmente adjungidos, não em posições de especificadores.

as especificações de subcategorização dos itens lexicais (suas regras de composição). Várias são as motivações empíricas, segundo ERNST, que subsidiam sua hipótese. Dentre essas, as principais são (ERNST, 2006, p.1010):

- i. A ordem relativa dos advérbios: alguns advérbios apresentam uma (aparente) liberdade de ordem dentro da sentença, podendo ocorrer em posições contrárias. Isso gera, então, uma ambigüidade na teoria dos especificadores funcionais, já que, assim, ou teríamos advérbios que ocupam mais de um núcleo funcional ou núcleos que licenciam mais de uma classe de advérbios diferentes.<sup>32</sup> *E.g.*:
  - a) The press secretary *usually* will *wisely* refuse to answer leading questions.  
“O secretário de imprensa *geralmente* recusará *sabidamente* a responder perguntas importantes.”
  - b) The press secretary *wisely* will *usually* refuse to answer leading questions.  
“(?) O secretário de imprensa *sabidamente* recusará *geralmente* a responder perguntas importantes.”
  - c) Fred *also* has *deliberately* been avoiding Ruth.  
“Fred *também* tem *deliberadamente* evitado Ruth”.
  - d) Fred *deliberately* has *also* been avoiding Ruth.  
“Fred *deliberadamente* tem *também* evitado Ruth”.

---

<sup>32</sup> Mais à frente veremos com mais detalhes que CINQUE explica tal fato pela diferença de escopo de alguns advérbios, que podem possuir mais de um significado a depender da abrangência do seu escopo. Assim, por exemplo, temos as sentenças em língua portuguesa: 1-*Mateus sempre come sanduíches de quatro queijos na lanchonete* e 2-*Mateus come sanduíches de quatro queijos sempre na lanchonete*. É a diferença entre o escopo sobre o evento (1) ou sobre o processo (2).

ii. A alteração da ordem dos advérbios ocorre sem alteração em seu significado. O que leva as mesmas conseqüentes ambigüidades já expressas anteriormente acima (pág.1011). *E.g.*:

a) Texans *often* drink beer.

“Texanos *frequientemente* bebem cerveja.”

b) Texans drink beer *often*.

“Texanos bebem cerveja *frequientemente*.”

iii. Segundo ERNST, há muito mais do que apenas duas únicas posições passíveis de serem preenchidas por alguns advérbios na sentença, como propõe CINQUE para os casos de advérbios com escopos ambíguos. O que o leva a mesma conclusão já esboçada em (i) e (ii), anteriormente vistos, de que tal fato se deve a liberdade de movimento dos advérbios decorrente da ação de serem inseridos por adjunção às sentenças <sup>33</sup>. *E.g.* (ERNST, p.1019):

a) Once *again* the valet is *often immediately* knocking *twice*.

“*Mais uma vez* o manobrista/criado está *de modo frequente imediatamente* batendo *por duas vezes*.”

b) The valet would *immediately (once) again* knock *twice*.

“O criado/manobrista (batia) *imediatamente (uma vez) de novo* (batia) *duas vezes*.”

c) *Twice*, the valet had *immediately (once) again* knocked *often*.

“*Por duas vezes*, o manobrista/criado (bateu) *imediatamente (uma vez) de novo* (bateu) *com freqüência*.”

---

<sup>33</sup>CINQUE demonstra, como veremos mais adiante, que o verbo, principalmente o verbo auxiliar de perífrases verbais, movimenta-se livremente por entre os advérbios especificadores ocupando-lhes a posição de núcleo da projeção funcional correspondente. Se notarmos bem os exemplos citados em ERNST (2006), incluindo aqueles citados em (iii) a-d, praticamente todos apresentam construções perifrásticas, portanto, possuem a possibilidade de que a ordem contrária à teoria dos especificadores funcionais seja resultante do movimento do auxiliar verbal.

d) The valet *often* would *twice immediately* knock (*once*) *again*.

“O manobrista/criado *frequentemente* (batia) *por duas vezes* (batia) (*uma vez*) *de novo*.”

Dessa forma, o autor prossegue para concluir sua explanação afirmando de maneira peremptória que o ordenamento e posicionamento sintático livre dos advérbios nas sentenças não pode, como na teoria dos especificadores (TEF), ser uma mera diferença do significado encoberto no advérbio (então necessitando separar os núcleos licenciadores, como na TEF) ou separar os núcleos que de certa forma capturam diferentes possibilidades de escopo. Dessa forma, quando lida com os advérbios de frequência, de localização tempo-espacial e aqueles outros orientados ao agente, a teoria dos especificadores funcionais é forçada a: (i) realizar predições incorretas em casos nos quais duas posições de advérbios são possíveis com significados idênticos; (ii) errar/perder nas generalizações; e (iii) frente às dificuldades consideradas em caracterizar a informação semântica, afirmar que esta deve localizar-se em núcleos funcionais licenciadores. A TABS, segundo ele, não enfrenta estes problemas, porque ela permite ao advérbio adjungir-se muito mais livremente (em múltiplas posições) e encobrir diferenças semânticas de modo mais geral e natural. Isto constitui evidência para a superioridade da abordagem da TABS sobre a abordagem da TEF para a distribuição adverbial, na opinião do autor (ERNST, 2006, p.1026).

### 3.5 – O ESTUDO DE LAENZLINGER (1998)

A tese de LAENZLINGER (1998) pertence ao paradigma teórico das TEF dentro dos estudos formalistas da sintaxe adverbial. Em seu estudo, LAENZLINGER (1998, 2002) objetiva capturar as correlações entre a Forma Lógica (LF ou Semântica) dos advérbios e sua distribuição estrutural (Sintaxe). Para tanto, ele baseia-se na perspectiva iniciada por (JACKENDOFF, 1972), que, em sua opinião, abre caminho para teorias que correlacionem as propriedades semânticas (escopo) de advérbios às suas propriedades distribucionais (sintáticas).

A questão principal cuja resposta LAENZLINGER objetiva alcançar em seu estudo é a seguinte: o escopo potencial de um advérbio é indicado por sua posição

semântica ou por sua posição sintática? Para tentar responder a essa questão, LAENZLINGER (pág.39) aponta três outras questões secundárias a serem respondidas em seu texto:

- (i) Como podem os advérbios serem definidos de um ponto de vista lógico-semântico enquanto modificadores, predicadores ou operadores? Qual a relação dos advérbios com os outros elementos da sentença?
- (ii) Como os advérbios são gerados dentro da estrutura sintagmática? Qual tipo de posição (estrutural) eles ocupam na sentença?
- (iii) Como os advérbios são licenciados na estrutura superficial? Quais traços eles necessitam checar?

É interessante ressaltar que o autor foca, sobretudo, em três aspectos principais, a saber: lexical, sintático e semântico; deixando de lado, portanto, aspectos pragmáticos dos itens adverbiais como o que ele denomina de advérbios conjuntivos (*E.g.: however “no entanto”, but “mas”, moreover “por outro lado”*) e advérbios formais (*E.g.: precisely “precisamente”, obviously “obviamente”*), entre outros.

Outra divisão apresentada por LAENZLINGER é entre adjuntos argumentais, que, segundo o autor, são itens subcategorizados pelo verbo através de seleção semântica/categorial, e adjuntos livres, que não são subcategorizados. Após isso, ele propõe que existem advérbios de sentença, advérbios de VP e advérbios de sintagmas (*phrases*), cada um com condições de licenciamento particulares e diferentes uma das outras.

Um dos pontos mais salutares dentro da proposta de LAENZLINGER é que ele busca uma definição sintática para os advérbios para além de sua definição semântica. Dessa forma, ele conceitua os advérbios de três formas:



- (i) Como modificadores;
- (ii) Como predicadores<sup>34</sup>  
(*predication relation in addition to the operator-variable relation*);
- (iii) Como operadores  
(*operator – variable relation*).

Entretanto, a concordância entre os pontos de vista analíticos de LAENZLINGER e JACKENDOFF esbarra-se em muitas questões. Um dos pontos principais e mais óbvios é que a proposta de JACKENDOFF é realizada em um modelo teórico-metodológico da Teoria Padrão, como já disse na seção passada. Portanto, é incompatível com os modelos contemporâneos do P&P e do MP da Teoria da Gramática.

Isso ocorre, segundo ele, porque a teoria semântica de adverbiais de JACKENDOFF (1972) não cabe facilmente no recente modelo da teoria dos Princípios e Parâmetros. De acordo com este modelo, o componente semântico é visto como um nível autônomo de representação (Forma Lógica), o qual mapeia estruturas sintáticas bem formadas. Já que a sintaxe e a semântica consistem de níveis separados de regras de aplicação, as correspondências um-a-um entre as posições que adjuntos ocupam na estrutura superficial e as regras de projeção semântica com as quais elas são associadas são muito menos claras/definidas. Ainda mais, as regras de projeção semântica de JACKENDOFF são muito gerais; elas não se aplicam corretamente para advérbios temporais, locativos e aspectuais (LAENZLINGER, 1998, pág.64).

Em relação à proposta de estudo de (ERNEST, 1984), LAENZLINGER (p.64) afirma o seguinte, apontando os pontos de discordâncias que há entre as duas hipóteses:

---

<sup>34</sup> Segundo LAENZLINGER (1998), a “Predicação deve ser realizada em uma configuração em que o ‘sujeito’ da predicação deve *c-comandar* (WILLIAMS, 1980) ou seguir (ROBERTS, 1985), *m-comandar* o predicado (...). A ausência da configuração requerida (...) dar origem à agramaticalidade destas construções.

ERNST (1984) proposes treating the syntax-semantics correspondences of adverbs by means of a set of mapping rules based on lexico-semantic specifications. The semantic interpretation rules involves variables over types of semantic operands. These variables have different ranges depending on the different classes of adverbs.<sup>35</sup>

Para LAENZLINGER (p.65), principalmente, ambas as teorias, de JACKENDOFF (1972) e de ERNST (2006), falham no seguinte ponto em sua argumentação teórica:

However, we do not see clearly how these mapping rules should be formalized in a model of grammar where the syntactic component and the semantic component are independent levels of representation. Besides, ERNST (1984) quite arbitrarily accounts for the distributional peculiarities of some adverbs by means of syntactic features encoded in the lexicon, which prevent an adverb form appearing in a position not permitted syntactically, but permitted semantically<sup>36</sup>.

LAENZLINGER em resposta, então, aquelas três questões secundárias apontadas inicialmente nesta seção – (i) como definir o *status* categorial e funcional dos advérbios? ; (ii) como especificar os mecanismos da inserção adverbial na estrutura sintagmática? ; (iii) como declarar um princípio formal que licencie a distribuição dos advérbios nas relações (i) e (ii) anteriores – fornece as seguintes generalizações (pág.72):

---

<sup>35</sup>ERNST (1984) propõe tratar as correspondências sintático-semânticas dos advérbios pelos significados de um grupo de regras de mapeamento baseadas em especificações léxico-semânticas. As regras de interpretação semântica envolvem variáveis sobre tipos de operações semânticas. Essas variáveis têm escalas diferentes dependendo das diferentes classes de advérbios.

<sup>36</sup>Tradução minha: Nós não enxergamos claramente como aquelas regras de mapeamento poderiam ser formalizadas em um modelo de gramática no qual o componente sintático e o componente semântico são níveis independentes de representação. Além disso, ERNST (1984) bastante arbitrariamente explica as peculiaridades distribucionais de alguns advérbios pelo significado dos traços sintáticos codificados no léxico (a subespecificação, *grifo nosso*), os quais previnem um advérbio de aparecer em uma posição não permitida sintaticamente, mas permitida semanticamente.

- (i) Advérbios são operadores que ocupam posições  $\bar{A}$ .
- (ii) Advérbios são especificadores (Spec) de categorias funcionais.
- (iii) Advérbios são licenciados em uma configuração de Spec-núcleo com o núcleo carregando os traços relevantes.

Já a partir das respostas acima fornecidas pelo autor em questão, inferi-se que o autor é contra a hipótese da adjunção adverbial na sentença. Segundo ele, os principais argumentos teórico-empíricos que antagonizam com a proposta dos advérbios como adjuntos são (LAENZLINGER, 1998, p.73):

- a) A hipótese da adjunção leva a uma supergeração (*overgeneration*) de adjuntos por meio da adjunção sintagmática;
- b) A hipótese da adjunção não se intera completamente com a Teoria X-barras, não estando bem claro, segundo o autor, como a adjunção funciona dentro de tal esquema (de *merge binário* e de três níveis estruturais apenas: projeção máxima, projeção intermediária e núcleo do sintagma) e se a adjunção é parte do componente estrutural sintagmático;
- c) Não está muito claro como adjunção ocorre em sistemas argumentais (A) e não-argumentais ( $\bar{A}$ ).
- d) Como a adjunção ocorre numa estrutura sintática de *merge* previsto na numeração?

Entretanto, a retirada do processo de adjunção das estruturas sintagmáticas traz a necessidade de se repensar o esquema tradicional da Teoria X-barra para dar conta dos advérbios na sintaxe. Dessa forma, tornar-se necessário lançar mãos de duas estratégias possíveis, a saber, como aponta LAENZLINGER (*supra*, p.75):

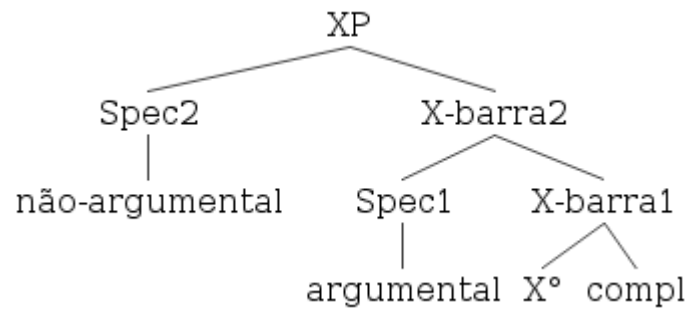
- (i) Multiplicar as projeções funcionais, ou
- (ii) Enriquecer o esquema X-barra.

LAENZLINGER (pág.75) opta pela segunda opção, de enriquecer o esquema X-barra, postulando a sua teoria dos especificadores duplos<sup>37</sup>. A justificativa para a duplicação de Spec vem da existência, segundo ele, de dois tipos de traços: traços argumentais e traços não-argumentais (interpretáveis e não-interpretáveis). Desta maneira, as sentenças das línguas naturais podem ter no máximo dois Spec, sendo um argumental e um não-argumental. Os esquemas (6) e (7), a seguir, seriam, assim, o que melhor representariam a estrutura X-Barra da proposta de LAENZLINGER (*supra*):

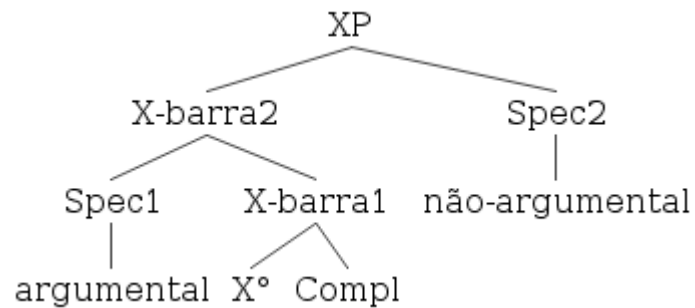
---

<sup>37</sup>Este ponto é uma das diferenças principais entre as propostas de (LAENZLINGER, 1998) e (CINQUE, 1999), pois, enquanto LAENZLINGER opta por enriquecer o esquema da Teoria X-barra, CINQUE opta por multiplicar as projeções funcionais da sentença. Portanto, apesar de serem perspectivas teóricas conciliares – ambas postulam os advérbios como especificadores de projeções funcionais (TEFs) – as duas teorias contrapõem-se nesse ponto fundamental.

Esquema (6)



Esquema (7)



Nos esquemas (6) e (7) acima, representa-se a estrutura de uma sentença por meio: da projeção máxima XP; dos especificadores não-argumentais [Ā Spec], que são irmãos das projeções intermediárias X<sub>2</sub>-barras; dos especificadores argumentais ([A] Spec), que são irmãos das projeções intermediárias (X<sub>1</sub>-barra); que domina os irmãos núcleos X° e o seu complemento (Compl).

Um das indagações principais que a proposta de LAENZLINGER de duplicação de Spec no esquema X-barra gera é aquela acerca do antagonismo existente entre as estruturas antes apresentadas nos esquemas (6) e (7) e o Axioma da Correspondência Linear (ACL) de KAYNE (1994 *apud* LAENZLINGER, 1998), que conjuntura o modo como o esquema X-barra é estruturado e quais as relações que devem ser mantidas entre os elementos sintáticos presentes dentro dessa estrutura. Contudo, segundo LAENZLINGER (*supra*, pág.76), o antagonismo existente entre a sua proposta e o LCA de KAYNE é apenas aparente, pois sua teoria da duplicação de Spec não é contraditória aos três pontos principais da proposta de KAYNE, os quais não serão retomados aqui por nós (cf. LAENZLINGER, *supra*).

Além disso, LAENZLINGER (pág.83) demonstra em seu texto como os efeitos de Minimalidade Relativizada (MR), teorizada em (RIZZI, 1990 *apud* LAENZLINGER, *supra*) mas por LAENZLINGER alterada<sup>38</sup>, observados na extração do elemento-Wh em língua francesa (*E.g.: \*[Combien]<sub>i</sub> as-tu souvent/presque/beaucoup/ à peine lu [e]<sub>i</sub> de livres de Chomsky*) é uma prova empírica potencial de que os advérbios estão em Spec de alguma projeção máxima, apesar de existirem algumas exceções que LAENZLINGER cita em sua obra e que são o que o motivam a rever o conceito de MR de RIZZI.

---

<sup>38</sup> Segundo LAENZLINGER, RIZZI (1990 *apud* LAENZLINGER, 1998, p.83) define a Minimalidade Relativizada da seguinte forma:

(74) *Relativized Minimality:*

*X antecedent-governs Y only if there is no Z such that*

- (i) *Z is a [ $\bar{A}$ ]-Spec (Spec) potential antecedent-governor for Y,*
- (ii) *Z c-commands Y and does not command X.*

Entretanto, LAENZLINGER (*supra*) retoma o conceito de RM de RIZZI apresentado anteriormente acima, como abaixo, para dar conta das exceções listadas por ele:

*Relativized Minimality: X antecedent-governs Y only if there is no Z such that*

- (i) *Z is a typical [ $\bar{A}$ ]-Spec (Spec) potential antecedent-governor for Y,*
- (ii) *Z c-commands Y and does not command X.*

Para explicar, então, que existem advérbios que promovem o efeito de minimalidade na extração de Wh e advérbios que não o promovem, LAENZLINGER postula a bifurcação classificatória dividindo os advérbios em dois tipos a seguir <sup>39</sup>:

1. *Advérbios quantificadores*: advérbios os quais marcam valor quantificacional para uma variável, como os advérbios tipicamente aspectuais, negativos, quantificacionais e focalizadores.
2. *Advérbios qualificativos*: advérbios os quais marcam valor qualificacional para uma variável, como os advérbios tipicamente temporais, locais e de modo/maneira.

A diferença básica entre os dois tipos de advérbios apontados por LAENZLINGER está na forma como cada uma daquelas duas classes adverbiais é licenciada na estrutura da sentença. Advérbios quantificadores são licenciados pelo Critério-Adv <sup>40</sup> e advérbios qualificativos são licenciados pela teoria da checagem de traços, como fica complexamente expresso em (LAENZLINGER, 1998, p.86):

The Criteria are part of the system licensing quantifier-like-elements: the Wh-Criterion for Wh-phrases (Rizzi 1991a), the Neg-Criterion for negation (Haegeman and Zanuttini 1991; Rizzi 1991a), and the Foc-Criterion for focused constituents (cf. Brody 1990, Aboh 1993, Puskas 1996). Checking Theory is part of the system licensing L-related (lexically related) elements: the features to be checked are Case features,  $\emptyset$ -features and  $\theta$ -features. Thus quantifier adverbs have quantificational features to check, whereas qualifier adverbs have L-related features to check. Although the two licensing mechanisms require a Spec-head configuration, their application differs in a crucial way: a Criterion must be satisfied by the head of the chain, that is, by lexical element itself at the end of the derivation, whereas quasi-

---

<sup>39</sup> Segundo (LAENZLINGER, *supra*, pág.86), Advérbios quantificadores são sujeitos ao Critério-Adv. Enquanto advérbios qualificativos são sujeitos à teoria da checagem, i.e. o mecanismo de checagem/compartilhamento de traços quase-morfológicos.

<sup>40</sup> LAENZLINGER (1998, p.86) define o critério-Adv como:

(79) Adv- Criterion:

A [+F] adverbial phrase must be in a spec-head configurations with a [+F] X°.

morphological feature checking can be satisfied by way any member of the chain, that is, in the course of derivation. <sup>41</sup>

LAENZLINGER afirma, ainda, que os dois tipos de licenciamento sintático para advérbios quantificadores e advérbios qualificadores é o que explica o fato de os efeitos de MR (na versão de (RIZZI, 1990) *apud* LAENZLINGER) só ocorrer com os quantificadores, que são advérbios que não podem mover-se para posições de tópicos ou foco, enquanto para os qualificativos tal efeito não se faz presente, pois os advérbios qualificativos necessitam, justamente, elevar-se para um nível acima a fim de realização de checagem de traços.

Assim como CINQUE (1999), LAENZLINGER também propõe uma hierarquia dos advérbios não somente a partir da sua semântica, mas, sim, também, a partir da relação de checagem de seus traços com as projeções funcionais da sentença, afirmando, com isso, que advérbios seguem o mesmo ordenamento dessas projeções funcionais. O ordenamento dos advérbios na sintaxe visível é afetado, segundo o autor, por uma série de fenômenos sintáticos, tais como: movimento do verbo; extraposição; topicalização e focalização.

Por fim, algumas vantagens da proposta de advérbios em especificadores frente à proposta de adjunção de adverbais são ressaltadas por (LAENZLINGER, *supra*, pág.121) em seu texto. Dentre elas, podemos citar, seguindo o autor, algumas principais, como:

- (i) O domínio de licenciamento de cada classe de advérbio é identificado em concordância com suas propriedades semânticas;

---

<sup>41</sup>Os critérios são parte do sistema de licenciamento e elementos como quantificadores: o Critério Wh para sintagmas Wh (Rizzi, 1991a), o Critério de negação (Haegeman e Zanuttini 1991; Rizzi 1991a), e o critério Foc para constituintes focalizados (cf. Brody 1990, Aboh 1993, Puskas 1996). A teoria da checagem é parte do sistema de licenciamento de elementos lexicalmente relacionado: a traços a serem checados são traços de casos, traços- $\emptyset$ , e traços- $\theta$ . Então, advérbios quantificadores têm traços quantitacionais para checar, enquanto advérbios qualificativos têm traços relacionados lexicalmente para checar. Embora dos dois mecanismos de licenciamento requeiram uma configuração Spec-núcleo, a aplicação deles difere de modo crucial: um Critério deve ser satisfeito por um núcleo da cadeia, isto é, pelo elemento lexical por si mesmo no final da derivação, enquanto a checagem de traços quase-morfológicos pode ser satisfeita por qualquer membro da cadeia, isto é, no curso da derivação.



- (ii) A hierarquia de advérbios interna à sentença ([Adv modal < Adv event < Adv aspect < Adv quant < Adv manner]) é mapeada dentro da seqüência das projeções sentenciais;
- (iii) Um sistema estrutural sintagmático altamente restrito subjaz a inserção adverbial e o seu ordenamento na sentença.
- (iv) A distribuição linear de advérbios é em parte dependente de fenômenos sintáticos distintos, tais como o movimento do verbo, topicalização, focalização e extraposição.

Finalmente, LAENZLINGER conclui, afirmando acerca dos limites teóricos e analíticos da sua hipótese que: “Algumas questões permanecem abertas, notadamente, aquelas se referindo ao licenciamento de advérbios pragmáticos, aspectuais e restritivos, e também aquelas se referindo à viabilidade de uma análise de extraposição de complemento, movimento cíclico (barreiras), “scrambling” e outros fenômenos sem a teoria da adjunção.

### 3.6 – O ESTUDO DE COSTA (1999)

COSTA (1999) estuda as diferentes ordens dos constituintes das sentenças em língua portuguesa em sua variante europeia (PE), relacionando tais ordens aos diferentes posicionamentos sintáticos do sujeito nessa língua e às condições de interface. Assim, COSTA (1999, 2004) discorda da afirmação de que o sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo é sempre deslocado à esquerda para a chamada periferia da sentença, ocupando, então, posições  $\bar{A}$ . Para ele, o sujeito em PE, quase sempre, ocupa posições A.

O posicionamento do autor justifica-se, sobretudo, pela postura teórica adotada por ele, pois, para COSTA, a sintaxe propriamente dita (a denominada sintaxe visível), deve ter seu papel na computação lingüística reduzido às tarefas básicas da sua

competência, não tendo de, necessariamente, manipular variáveis semânticas, discursivas e/ou prosódicas (COSTA, 1999).

Para o autor, então, a sintaxe visível não necessita satisfazer obrigatoriamente as melhores condições para as interfaces. Tudo que é necessário da sintaxe visível é que ela gere um arranjo de saída bem formado. Tais saídas devem ser avaliadas *a posteriori* por cada uma das interfaces. Se elas satisfazem os requerimentos da interface, elas são selecionadas como legítimas e convergem. Se, de maneira contrária, algumas condições de interface são violadas, elas são bloqueadas.

Desse modo, segundo ele, sob essa perspectiva, três resultados independentes são derivados: (i) uma explicação é encontrada para os padrões de variação de ordem de palavras; (ii) a sintaxe propriamente dita (visível) deve ser reduzida às suas próprias tarefas, não tendo de manipular variáveis semânticas, discursivas ou prosódicas; (iii) a intuição de que o português europeu é uma língua SVO é derivada: esta ordem de palavras corresponde a outra em que o sujeito ocupa somente a posição de especificador na qual as outras interfaces não desempenham qualquer papel.

Esse ponto de vista do autor de que a sintaxe visível deve ter seu papel reduzido discorda totalmente da perspectiva analítica de LAENZLINGER (1998) e, sobretudo, principalmente, de CINQUE (1999), como veremos mais adiante. Na verdade, de maneira geral para todos os elementos sintáticos que estuda, não somente para os advérbios, COSTA trabalha em uma perspectiva teórica totalmente discordante e conflitante com aquela outra perspectiva denomina de “cartográfica”, para a qual há inúmeras posições sintagmáticas existentes tanto na chamada “periferia esquerda” da sentença – a cisão do campo do CP logo mais acima de TP – quanto para o próprio TP, sendo a existência dessas projeções sintáticas motivada semântica-pragmática-discursivamente. Isto é, motivadas por questões que, segundo COSTA diz, não são pertinentes à sintaxe visível.

Isto conduzirá o autor a ter um ponto de vista analítico acerca do posicionamento dos advérbios bem restrito às projeções cartográficas, portanto, ainda ancorado na hipótese da adjunção para explicar a sintaxe dos advérbios. Por isso, COSTA afirma que há três posições possíveis de serem preenchidas pelo sujeito em PE, a saber: [AgrP [TP [VP]]]; sendo que o verbo somente pode mover-se até o núcleo T°,

mas jamais até posições de núcleos funcionais mais altas, como Agr<sup>o</sup> (o que ele chama de movimento curto do verbo <sup>42</sup>).

Ele ainda afirma que avaliar o movimento do verbo e as posições dos advérbios em relação os verbos são dois diagnósticos válidos fundamentais para detectar qual daquelas posições o sujeito está preenchendo na estrutura. Dessa maneira, segundo COSTA (1999), em muitos casos com os quais se lida, a posição de sujeito será determinada por olhar também a posição do verbo. Isto é muito óbvio para a alternativa entre SV e VS em PE. Sendo assim, ele explora os padrões de variação de ordem de palavras encontrados assumindo que há diversas posições para o sujeito.

COSTA conclui, ainda mais, que deve ser previamente estabelecido onde o verbo se localiza, de modo a tornar possível tomar sua posição como um diagnóstico válido para detectar posições de sujeito. Pois, já que o ordenamento de advérbios são um diagnóstico tradicional (uma maneira tradicional de diagnosticar) para detectar o movimento do verbo e o preenchimento de diferentes posições para argumentos, deve ser estabelecido quais advérbios são usados como um diagnóstico.

Assim, COSTA (1999, 2004) propõe que os advérbios possam adjungir-se livremente a diferentes projeções máximas da sentença (VP, TP, AgrP, CP), daí explicando o fato de que eles regularmente ocorrem em diferentes posições na estrutura sintática aliando a afirmação da adjunção adverbial à de livre movimento do verbo. Dessa forma, segundo ele, é possível originar todas as derivações exemplificadas em PE em sentenças como:

- a. O João (*ontem*) leu o livro (*ontem*). (Exemplo meu adaptado de COSTA, 2004)
  
- b. (*Provavelmente*) O Paulo (*provavelmente*) tinha (*provavelmente*) lido (*provavelmente*) o livro (*provavelmente*) à Maria (*provavelmente*). (Exemplo meu adaptado de COSTA, 2004)

---

<sup>42</sup>No original: *short-Verb-movement*.

Resumidamente, pode-se afirmar que a operação de adjunção consiste em adjungir a outras projeções máximas de qualquer sintagma outros sintagmas adverbiais ou com função de adverbiais. *E.g.* esquema (8) abaixo:

Esquema (8)



No esquema (8), representa-se a configuração padrão do processo de adjunção a uma projeção máxima, como aceito por COSTA (1999) para os advérbios, de um elemento sintático com o outro. Nele, tem-se um XP<sub>1</sub> qualquer que se duplica<sup>43</sup> (duplicação da projeção máxima), para que se possa realizar a adjunção adverbial em um dos XP, enquanto o outro possui o X' intermediário e o núcleo X da projeção máxima duplicada.

COSTA (1999) argumenta, também, que adotar um ordenamento rígido para os advérbios em que haja uma única posição para a ocorrência adverbial e, depois, tentar derivar as múltiplas possibilidades via postular movimentos opcionais de todos os outros constituintes – como na proposta dos advérbios enquanto especificadores – é algo bastante implausível, já que isso origina a necessidade de criar tanto mais movimentos opcionais quanto haja constituintes e posições para os advérbios.

Para ele, algumas provas empíricas que ancora o seu ponto de vista são as análises de COSTA (1999) de construções, que ele chama de defectivas, no português europeu (compostas por advérbios em sentenças declarativas simples, complementos de verbos causativos em contextos de união de sentenças principais com encaixadas e

<sup>43</sup>Além da duplicação de projeção máxima, alguns autores defendem a possibilidade da duplicação da projeção intermediária.

construções de topicalização) e de COSTA (2004) do movimento do verbo em PE, afirmando que este somente pode dá-se até o núcleo T°.

Finalmente, COSTA (1999) termina essa abordagem da relação existente entre o movimento do verbo, a localização dos advérbios na sentença em PE e as diversas posições de sujeito disponíveis em PE afirmando que, na base da discussão acima, assume haver movimento curto do verbo em PE; isto é, o verbo move-se para fora do VP em direção a T° e não em direção ao núcleo mais alto do domínio de IP. Concluindo, posteriormente, que certos advérbios devem ser tomados como diagnósticos para o movimento do verbo. Em particular, essa afirmação é feita seguindo sua argumentação que advérbios monossilábicos mais baixos adjungem-se à esquerda de VP.

### 3.7.0 – A PROPOSTA DE CINQUE (1999)

Segundo CINQUE (1999, 2006 a, 2006 b, 2006 c, 2006 d), o posicionamento sintático dos sintagmas adverbiais pode ser melhor compreendido a partir de uma análise na qual esses sintagmas sejam entendidos como especificadores (ou argumentos externos) únicos ou exclusivos de projeções funcionais máximas distintas, mais do que como adjuntos. Para tanto, CINQUE (1999), a partir do estudo do comportamento sintático, mais também levando em consideração alguns aspectos semânticos desses itens lexicais, argumenta a favor do estabelecimento de uma *Hierarquia Linear Universal* (HLU) fixa das projeções funcionais, e conseqüentemente, dos sintagmas adverbiais.

Como já foi visto, grande parte dos autores cujo objeto de estudo são os advérbios coadunam com a proposta da adjunção para entender a sintaxe adverbial. COSTA (1999, 2004), um desses autores, por exemplo, afirma que as categorias funcionais da sentença somente são projetadas quando são necessárias ou para criarem *locus* sintático para “hospedar” núcleos lexicais ou para satisfazer as propriedades de subcategorização<sup>44</sup> de classes verbais específicas.

---

<sup>44</sup>RAPOSO (1992, pág.89) afirma o seguinte acerca do fenômeno da subcategorização: “(...) Cada verbo particular é sensível à composição categorial do VP em que ocorre. Visto de outro modo, cada verbo

CINQUE (1999), pelo contrário, argumenta contra tal hipótese. Para ele, ao contrário do que já foi afirmando por COSTA (1999, 2004) e outros autores (KAYNE, 1994, *apud* CINQUE, 1999) – dentre eles o próprio (CHOMSKY, 1995)<sup>45</sup> – a UG não permite que a projeção dos núcleos funcionais seja diversificada de uma língua para outra ou mesmo entre estruturas diferentes de uma mesma língua. Segundo CINQUE, tal variação não seria muito permitida pela UG, pois o mesmo número, tipo e ordem (hierárquica) de projeções funcionais mantêm-se através das diversas línguas naturais e através dos diversos tipos de construções sentenciais. Desse modo, os advérbios são os especificadores de projeções funcionais diferentes, as quais em certas línguas também se manifestariam via material preenchido (do inglês, *overt material*) interpretável no componente de interface do Sistema articulatorio-conceptual – ou seja, realizado foneticamente – nas posições de núcleos correspondentes.

Além disso, CINQUE discorda da perspectiva analítica de definir os advérbios enquanto núcleos que fazem parte da projeção máxima de VP, como complementos, ou de alguma outra projeção máxima dominada pelo VP, como projeção estendida. Uma prova teórica de tal fato, segundo o autor, vem da evidência de que os advérbios não podem bloquear o movimento de núcleo de várias formas verbais e do fato de que alguns advérbios podem realizar movimentos de topicalização e focalização, os quais são abertos apenas para XPs (projeções máximas), mas não para X<sup>o</sup> (projeções nucleares), como se verifica em (CINQUE, 1999, p.4):

Although I occasionally use the term adverbs (for brevity), I do not assume it to be a head taking the VP, or some projection dominating the VP, as complement; in other words, I do not assume it to be part of the “extended projection” of V (in GRIMSHAW’s 1991 sense). The evidence against this assumption ranges from the fact that adverbs do not block head movement of various verbal forms, to the fact that some of them can undergo Topicalization and Focus Movement, which are open to XPs but not to X<sup>o</sup>s. In the next chapter, I present an empirical argument for

---

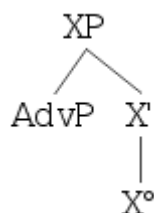
‘escolhe’ a categoria gramatical dos constituintes com os quais pode, ou não pode, ou deve ocorrer no interior do VP.” Confira, também, (CHOMSKY, 1994, Pág.99) falando sobre algumas das propriedades do léxico.

<sup>45</sup>CHOMSKY (1995) e KAYNE (1994, *apud* CINQUE, 1999, pág.132, 133) propõem que a UG humana permitiria uma ampla e larga variação dentre as línguas naturais no número e tipo de projeções funcionais que essas admitem e na sua ordem relativa.

locating adverbs (more accurately, the Adverbial Phrases they head) in distinct specifier positions.<sup>46</sup>

O esquema (9) abaixo, então, representa mais fidedignamente a proposta de CINQUE (1999) para o posicionamento sintático dos advérbios dentro da estrutura sintática da linguagem humana:

Esquema (9):



No esquema (9) acima, há a representação da estrutura sintática de um XP constituído por uma projeção funcional qualquer, que faz *merge* com a projeção intermediária X' dessa mesma projeção máxima XP, na qual os sintagmas adverbiais ocupam a posição canônica de especificadores Spec, estabelecendo, assim, uma relação de concordância (*agree*) entre os sintagmas adverbiais e os núcleos funcionais da sentença. Essa relação pode ser compreendida com base nos conceitos de *probe* e *goal/target* da teoria minimalista. É interessante notar como aquela estrutura preenche os pré-requisitos para o estabelecimento de uma relação de concordância, que são:

---

<sup>46</sup> Tradução livre minha: Embora eu ocasionalmente use o termo advérbios (para abreviar), eu não assumo que os advérbios sejam núcleos tomados pelo VP, ou alguma projeção dominada pelo VP, como complemento; em outras palavras, eu não assumo que os advérbios sejam parte da “projeção estendida” de V (no sentido de GRIMSHAW’s 1991). As evidências contra essa hipótese vêm do fato de os advérbios não bloqueiam o movimento de núcleo de várias formas verbais, do fato de que alguns deles podem sofrer topicalização e movimento de foco, os quais são abertos aos XPs, mas não para os X<sup>o</sup>s. No próximo capítulo, apresento um argumento empírico para a localização de advérbios (mais precisamente, os sintagmas adverbiais que eles encabeçam) em posições de especificador distintas.

- (i) Não possuir traços formais distintos entre o *probe* e o *goal/target* (segundo a proposta de CINQUE há uma estreita e interdependente relação semântica entre os advérbios e os núcleos funcionais aos quais eles correspondem, como se verá logo mais adiante);
- (ii) Haver uma relação de *c-comando* assimétrico – sendo esta definida como no Esquema(4), pág.33 – entre o *probe* e o *goal/target*, isto é, entre os núcleos funcionais e os advérbios.

Em resumo, pode-se afirmar que os elementos *probe* e *goal* têm de estar em uma configuração esquemática de uma *relação local*, isso quer dizer, sem quaisquer outros tipos de elementos sintáticos interventores entre eles (núcleos ou especificadores do mesmo tipo), adotando o conceito de *Localidade*<sup>47</sup> proposto no âmbito da *Teoria da Minimalidade Relativizada* (MR) exposto em RIZZI (2004).

Assim, adoto a perspectiva proposta por CINQUE (1999) e assumo, também, a afirmação de que os advérbios não são somente projeções nucleares (X<sup>o</sup>), mas, sim, projeções que, normalmente, se estendem até formarem projeções máximas (XPs) que ocupam a posição de especificadores de diferentes projeções funcionais na sentença, por isso, doravante, não mais se utilizará aqui o termo advérbios para tratar dos itens lexicais que formam o nosso objeto de estudo. Então, de agora em diante, uso somente a terminologia de *Sintagmas Adverbiais* (ou, simplesmente, AdvPs<sup>48</sup>) para tais itens lexicais, tendo em vista o fato de que eles formam projeções máximas próprias (logicamente dependentes da sua relação com as categorias funcionais) e,

---

<sup>47</sup>Segundo RIZZI, as relações estruturais centrais das representações sintáticas são locais. Uma relação local é aquela que é satisfeita no menor “domínio” possível em que ela possa ser satisfeita, sua configuração mínima (MC). As relações locais devem ser satisfeitas em uma configuração mínima sem interventores. Excluindo-se a possibilidade de adjunção sintagmática, interventores potenciais são os núcleos e os especificadores. Assim, Z intervém entre os elementos sintáticos X e Y se Z c-comanda Y e não c-comanda X também. Isto é, um interventor é uma posição de núcleo interveniente entre dois elementos sintáticos que mantêm relação de *probe e goal/target*, sendo que o elemento interventor possui a mesma caracterização de traços que o *goal/target*, como na configuração a seguir:

X	Z	Y
[+F]	[+F]	[+F] Traços

<sup>48</sup> Sigla para o termo original inglês *Adverbs Phrases*.



aparentemente, permitem movimento que, comumente, não são permitidos para um núcleo sintagmático.

No texto em que propõe tal tese, CINQUE estipula três passos a serem seguidos para demonstrar a plausibilidade da sua hipótese, a saber:

- I.           Mostrar que classes de sintagmas adverbiais diferentes preenchem uma única posição de especificador de projeções máximas distintas;
  
- II.           Estabelecer a hierarquia de núcleos funcionais de sentenças de níveis independentes tomando como parâmetro para tanto a ordem dos morfemas funcionais “regidos” (*binding*) e dos morfemas funcionais “livres” nas diferentes línguas naturais;
  
- III.          Combinar as duas hierarquias estabelecidas independentemente e mostrar uma - a - uma a relação sistemática entre os diferentes AdvPs e os diferentes núcleos funcionais sentenciais.

Em nosso texto, os passos (I), (II) e (III) estabelecidos por CINQUE (1999) para a comprovação da sua tese correspondem, respectivamente, às subseções (3.7.1), (3.7.2) e (3.7.3) seguintes do presente capítulo.

### 3.7.1 - Sintagmas adverbiais como especificadores (Specs)

Como já visto anteriormente, CINQUE (1999, pág.44) argumenta, indo contra o que é assumido pela maioria dos autores na literatura especializada corrente, que os sintagmas adverbiais (AdvPs) não podem estar localizados dentro da estrutura da sintaxe das línguas naturais adjungidos a projeções máximas – sendo essa projeção comumente VP. Caso contrário, se os sintagmas adverbiais realmente estivessem

adjungidos à projeção máxima de VP, uma consequência lógica que advém de tal perspectiva de análise é acreditar que os AdvPs não possuem nenhum ordenamento rígido e fixo dentro da arquitetura sintática lingüística.

Para ratificar teórica e empiricamente sua hipótese, CINQUE analisa as construções contendo formas verbais no particípio passado ativo na língua italiana com diversos itens lexicais adverbiais também presentes nessa construção. Assim, ele analisa as seguintes construções (CINQUE, *supra*, p.44):

- a. Da allora, non hanno *rimesso* di solito mica più sempre completamente tutto bene in ordine.
- b. Da allora, non hanno di solito *rimesso* mica più sempre completamente tutto bene in ordine.
- c. Da allora, non hanno di solito mica *rimesso* più sempre completamente tutto in ordine.
- d. Da allora, non hanno di solito mica più *rimesso* sempre completamente tutto bene in ordine.
- e. Da allora, non hanno di solito mica più sempre completamente *rimesso* tutto bene in ordine.
- f. Da allora, non hanno di solito mica più sempre completamente *rimesso* tutto bene in ordine.

1. Since then, they haven't usually not any longer always put everything well in order.

“Desde então, eles não têm geralmente não mais sempre *colocado* tudo bem em ordem”.

Segundo CINQUE, as sentenças italianas acima exemplificam que os AdvPs presentes preenchem posições fixas e ordenadas. O verbo no particípio passado ativo italiano *rimesso* (em inglês, *put*; em português, *colocado*) se movimenta por entre as posições de núcleos existentes. Além disso, a livre movimentação desse particípio passado ativo somente é possibilitada, exatamente, pela existência de posições de núcleos sintagmáticos distintos à esquerda do AdvP habitual *di solito* e entre todos os AdvPs que lhe seguem (com a exceção de *tutto e bene* <sup>49</sup>). Caso contrário, levando em conta a hipótese dos advérbios enquanto adjuntos, a livre movimentação do particípio passado ativo italiano por entre os outros AdvPs seguintes a *di solito* não poderia ser explicada (CINQUE, *supra*, pág.45):

In the spirit of Pollock's (1989, 1993) analysis, according to which AdvPs are assumed to occupy fixed positions and what is taken to move is the verb, the word orders shown in (1) suggest the presence of a distinct head position to the left of the habitual adverb *di solito* and between all the following adverbs (except *tutto* and *bene*). (...) If correct, this conclusion provides the promised evidence for the "AdvP-in-Spec hypothesis," in that classical X-bar theory (Chomsky 1970; kayne 1994) leaves room for just one XP specifier in between two X's (heads). If AdvPs were adjoined to (possibly different) maximal projections, one would not necessarily expect the past participle to be able to appear between (virtually) any two AdvPs. <sup>50</sup>

---

<sup>49</sup>CINQUE demonstra que, apesar de o particípio passado ativo italiano não poder ocorrer à direita de *bene* ou entre os AdvPs *tutto e bene* – o que poderia revelar que não existem, aí, posições de núcleos disponíveis, o que justificaria a hipótese da adjunção para esses casos –, em alguns dialetos italianos, como o logurdorês da Sardenha, tais posições podem, sim, ser preenchidas por aqueles AdvPs, revelando, com isso, a existência das posições de núcleos fundamentais para o movimento do verbo (cf. *supra*, pág.46). *E.g.* (Sardo logurdorês):

- a. \* Apo bene mandigabu. (I have well eaten.) - \* Eu tenho bem comido.
- b. Apo mandigabu bene. (I have eaten well.) - Eu tenho comido bem.
- c. Apo tottu mandigabu. (I have everything eaten.) - \* Eu tenho tudo comido.
- d. Apo mandigabu tottu. (I have eaten everything.) - Eu tenho comido tudo.

<sup>50</sup>No espírito da análise de Pollock (1989, 1993), segundo a qual os AdvPs são assumidos por ocuparem posições fixas e o que é tomado por mover-se é o verbo, as ordens de palavras mostradas em (1) sugerem a presença de uma posição distinta de núcleo à esquerda do advérbio habitual *di solito* e entre todos os advérbios seguintes (exceto *tutto e bene*). (...) Se estiver correta, esta conclusão apresenta as evidências prometidas para a "Hipótese dos AdvPs em Spec", em que a teoria X-barrá clássica (Chomsky 1970; kayne 1994) deixa espaço para apenas um especificador XP entre dois X's (núcleos). Se AdvPs são

A estrutura em parênteses rotulados, então, proposta por CINQUE (*supra*) para as sentenças italianas exemplificadas logo mais acima contendo uma forma verbal no particípio passado ativo e diversos AdvPs é a que está logo mais abaixo no Esquema (10):

Esquema (10)

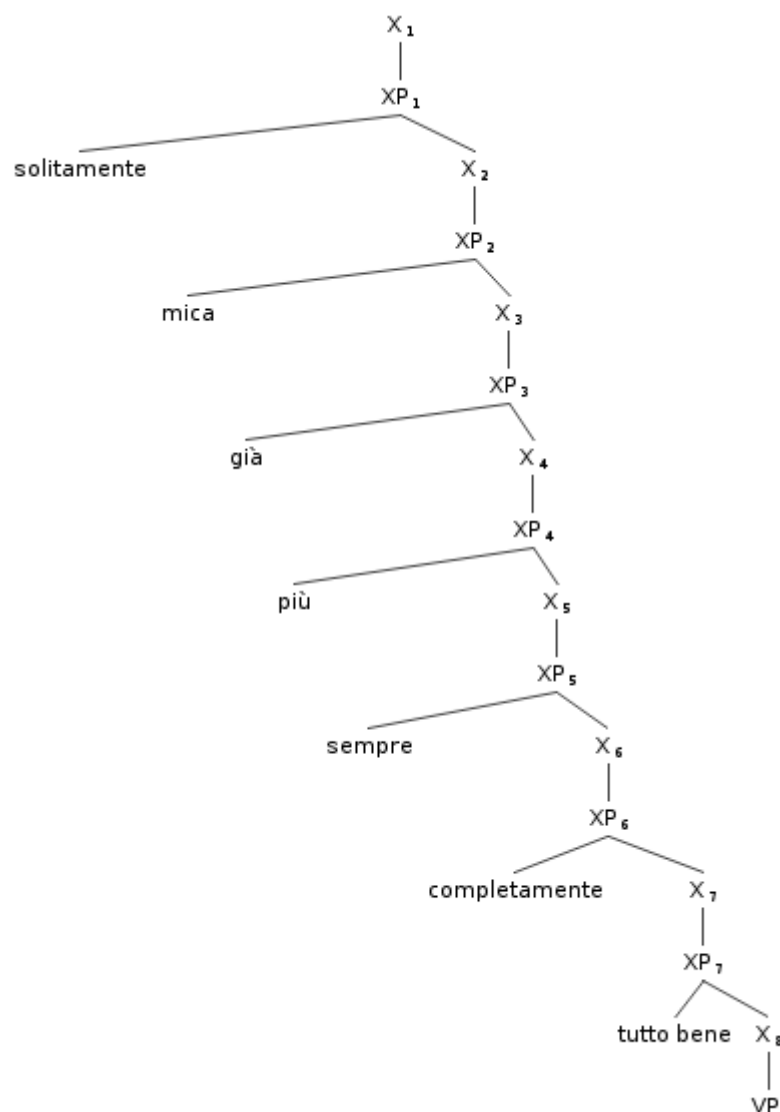
[X [solitamente X [mica X [già X [più X [sempre X [completamente X [tutto bene [vp] ]]]]]]]]

Para fins de ficar um pouco mais claro a visualização da estrutura sintática proposta por CINQUE presente naquelas sentenças italianas anteriores, demonstramos essas posições dos sintagmas adverbiais no esquema arbóreo (11) a seguir:

---

adjungidos a (possivelmente diferentes) projeções máximas, esperaria-se que não necessariamente o particípio passado pudesse aparecer entre (virtualmente) dois AdvPs.

Esquema (11)



No esquema (11), tem-se a representação em diagrama arbóreo da estrutura sintática colocada antes em (10) em parênteses rotulados. Nele são representadas de maneira mais clara as posições de núcleos que CINQUE salienta, nas quais o particípio verbal pode posicionar-se quando se movimenta na sentença.

Contudo, se os AdvPs estão localizados nas posições de especificadores de projeções funcionais como proposto na tese de CINQUE (1999), torna-se necessário conhecer quais são essas projeções. A partir de agora, na subseção (3.7.3), se irá

conhecer e delimitar especificadamente quantas e quais são as projeções funcionais sentenciais propostas por CINQUE (*supra*), bem como a relação de interdependência que há entre cada um dessas projeções e um, e apenas um, tipo ou classe semântica de AdvPs que lhes preenchem a posição de especificador do núcleo.

Entretanto, antes de traçar esse percurso, faz-se necessário que se ressalte, aqui, que essas projeções funcionais proposta por CINQUE, em quase sua totalidade, estão ligadas a algumas categorias lingüísticas presentes nos sistemas verbais das línguas naturais, a saber: as categorias lingüísticas de Tempo, Aspecto, Modo (TAM); além de Número e Voz. Por isso, antes de entrar propriamente dito na descrição das projeções funcionais hipotetizadas por CINQUE – e, também, por outros autores da área dos estudos formais da sintaxe das línguas naturais que, de forma conjunta, propõe a existência da chamada “cartografia funcional da periferia esquerda da sintaxe” (cf. RIZZI, 1997, 2004; CINQUE, 1999, 2006, dentre outros autores citados por eles nas referências bibliográficas dos seus textos) –, realizo alguns breves comentários acerca daquelas três categorias verbais TAM citadas anteriormente (Tempo, Aspecto e Modo). Todas as projeções funcionais propostas por CINQUE estão diretamente ligadas à manifestação concreta dessas categorias lingüísticas.

### 3.7.2 – As categorias de Tempo, Aspecto e Modo (TAM)

Os itens lexicais verbais das línguas naturais apresentam algumas propriedades ou categorias pertinentes que lhes caracterizam o uso. São elas, principalmente: Número, Pessoa, Modo, Tempo, Aspectos, Voz (CUNHA e CINTRA, 2007, pág. 380). Destas, apenas as categorias de Tempo, Aspecto e Modo (categorias TAM) do verbo nos interessa para o nosso objetivo central: estudar o posicionamento e o ordenamento sintático dos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes na língua portuguesa. Isso porque, como já dito, a Hierarquia Linear Universal das projeções funcionais de CINQUE propõe exatamente a existência concreta de sintagmas específicos (projeções) para esses elementos que desempenham funções gramaticais (funcionais) nas sentenças. Daí, serem essas projeções denominadas de projeções funcionais sentenciais.

Nessa subseção, não discorrerei com base na proposta formal de CINQUE, que, sendo um estudo da sintaxe *strictu sensu*, não se atém, portanto, especificadamente, sobre questões que são de maneira mais apropriada abordadas por outros níveis lingüísticos de análise: o semântico, sobretudo. Porém, apesar disso, o entendimento da proposta de CINQUE subentende um conhecimento das propriedades semânticas verbais. Isso é o que justifica essa subseção. As referências aqui serão basicamente, compostas por estudos lingüísticos descritivos e teóricos no campo da semântica e/ou da pragmática lingüísticas. Esse breve (e aparente) desvio momentâneo torna-se necessário (e justificar-se-á depois) para que se possa mais adiante tratar das projeções funcionais conhecendo mais detalhadamente o que elas representam e o porquê de ter sido postulada a sua existência dentro da arquitetura sintática da linguagem humana. Então, nosso texto irá deter-se agora sobre as três categorias TAM citadas.

Para (S. Costa, 1990) <sup>51</sup>, os discursos lingüísticos representam três entidades básicas no seu nível semântico, a saber:

- (i) As entidades de primeira ordem;
- (ii) As entidades de segunda ordem;
- (iii) As entidades de terceira ordem.

As entidades de primeira ordem são compostas pelos objetos físicos; indo, em ordem decrescente, “do ponto de vista do tratamento lingüístico”, dos humanos, que nela ocupam posição privilegiada, aos animais e objetos inanimados. A caracterização principal destas entidades é que são localizadas na dimensão espacial. Elas ocupam um lugar específico descrito no espaço físico. Já as entidades de segunda ordem são aquelas compostas pelos estados, processos e eventos. A característica principal dessas entidades é que são localizadas na dimensão temporal. Elas ocupam um momento específico descrito no tempo. E, finalmente, as entidades de terceira ordem são aquelas compostas por elementos abstratos que não se localizam especificadamente nem no tempo nem no espaço, como as entidades anteriores. As proposições, as quais podem ser atribuídas o valor de verdade ou falsidade, são exemplos de elementos pertencentes

---

<sup>51</sup>Costa segue perspectiva analítica já proposta anteriormente por (Lyons, 1980, *apud* COSTA, *supra*).

a essas últimas entidades. Assim, temos entidades lingüísticas que são delimitadas no espaço (primeira), no tempo (segunda), e aquelas que não o são nem no espaço nem no tempo, representadas pelas verdades ou proposições (terceira).

Para tratarmos aqui das categorias verbais TAM, focaremos, particularmente, nas entidades de segunda ordem. Isso porque essas entidades compõem-se, basicamente, dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados, que são os elementos sobre os quais nos deteremos para discorrer acerca das três categorias abordadas.

Sendo os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados, elementos representativos das entidades de segunda ordem, são, portanto, elementos localizados no tempo. Assim sendo, essas entidades são tomadas por apresentarem a dêixis lingüística. A dêixis, na definição de S. COSTA (*supra*, pág.15), “é a faculdade que tem as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência básica o falante”. Dessa forma, a dêixis é definida com base no discurso lingüístico. A localização temporal de uma entidade por meio da dêixis é realizada tendo por parâmetro a noção de ponto dêitico. A autora denomina de ponto dêitico “o ponto espacial e temporal em que o falante está situado no momento em que fala.” Com isso, em relação a um ponto dêitico qualquer, o falante pode situar, por meio da dêixis lingüística, os acontecimentos, atos, processos, atividades e estados como anteriores, posteriores ou do exato momento presente; isto é, respectivamente, no passado, no presente e no futuro.

Para referir-se ao tempo físico por meio da dêixis, o falante possui nas línguas naturais as três categorias abordadas: o Tempo, o Aspecto e o Modo verbais<sup>52</sup>. A categoria de Tempo “é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tornando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação” (*supra*). Já a categoria de Aspecto, ao contrário da categoria de Tempo que “trata o fato enquanto ponto distribuído na linha de tempo, (...) trata o fato como possível de conter frações de tempo que decorrem dentro dos seus limites” (*supra*, pág. 21).

---

<sup>52</sup>Em seu texto, COSTA (*supra*, pág. 22) argumenta contra a separação das categorias de Aspecto e Modo verbais enquanto categorias lingüísticas separadas. Segundo a autora, a categoria de Modo estaria incluída na categoria do Aspecto, não havendo motivos para tal separação. Aqui, não entraremos nessa discussão por fugir totalmente aos objetivos centrais pretendido em nosso texto. Por isso, recomendamos aos leitores interessados na discussão que vejam nas referências citadas o texto da autora e nele procurem as referências bibliográficas específicas do tema.



A diferença existente entre as categorias do Tempo e do Aspecto verbal pode ser entendida a partir da divisão dos tempos verbais existentes em dois: tempos simples e relativos. Tempos simples são os tempos verbais como o presente do indicativo ou o pretérito perfeito que se caracterizam por recorrerem a um único ponto dêitico na enunciação. Tempos relativos são os tempos como o pretérito-mais-que-perfeito ou os tempos verbais perifrásticos compostos com o particípio ou o gerúndio que, para além de terem como referencial temporal o ponto dêitico da enunciação, recorrem, ainda, a um segundo referencial que pode ser posterior, anterior ou concomitante ao do tempo designado no ponto dêitico da enunciação.

Os tempos simples, então, revelam a estrutura dêitica temporal externa dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados (entidades de segunda ordem). Dizem de um dado fato se ocorreu no passado ou pretérito, se está ocorrendo no momento presente ou se ocorrerá no futuro, por exemplo. Os tempos relativos, por sua vez, revelam a estrutura temporal interna dos acontecimentos, atos, processos, atividades e estados. Dizem de um fato se ocorreu anteriormente a outro em um determinado tempo no passado (*E.g.*: pretérito-mais-que-perfeito), se está ocorrendo no exato momento presente (*E.g.*: aspecto habitual ou gnômico) ou se está acontecendo repetidamente várias vezes (*E.g.*: aspecto iterativo ou freqüentativo), por exemplo.

Assim, os tempos simples exemplificam bem a categoria do Tempo, não possuindo a categoria de Aspecto por não revelarem a estrutura temporal interna dos fatos. Já os tempos relativos exemplificam bem o Aspecto verbal porque, além de possuírem a categoria de Tempo<sup>53</sup>, possuem também a categoria do Aspecto por revelarem a estrutura interna dos fatos. Segundo (S. COSTA, *supra*) tal diferenciação pode ser resumida na oposição esquemática existente entre categoria de Tempo (tempo

---

<sup>53</sup>Tempo é obrigatório gramaticalmente no português, e aspecto não o é. Isso nos leva a pensar num estudo possível que pesquise se a categoria de Tempo na língua portuguesa seria necessariamente sempre [+ interpretável] no componente fonológico da interface e a categoria de Aspecto nem sempre necessariamente o seria. Tal fato, então, é o que justificaria a obrigatoriedade da marcação morfofonológica temporal no português e a não obrigatoriedade da marcação aspectual nessa mesma língua? Talvez, *a priori* essa é uma possibilidade analítica. Mas, para realizarem-se afirmações mais consistentes e fundamentadas teórica e empiricamente devem-se estudar mais essas categorias da semântica verbal portuguesa sob o prisma dos estudos lingüísticos formais.

externo, centra o fato no tempo) *versus* categoria de Aspecto (tempo interno, centra o tempo no fato<sup>54</sup>).

Essa mesma diferenciação pode ser compreendida, também, em termos do par antagônico: tempos perfectivo x tempos imperfectivos<sup>55</sup>. Aqueles primeiros, também chamados de tempos simples, apresentam somente a categoria Tempo. Os segundos, também chamados de tempos relativos, apresentam, além da categoria Tempo, a categoria Aspecto. O perfectivo é a variante não-marcada ( $\emptyset$ , ou negativa) pela categoria verbal de Aspecto, enquanto o imperfectivo é a variante marcada positivamente pela categoria verbal de Aspecto. Uma boa exemplificação dessas duas possibilidades em língua portuguesa são as sentenças<sup>56</sup> abaixo:

- (i) *Correu água durante todo dia.*  
(Tempo Perfectivo, não-marcado pelo Aspecto para a sua constituição temporal interna.)
  
- (i) *Ficou correndo água durante todo dia.*  
(Tempo imperfectivo, marcado pelo Aspecto para a sua constituição temporal interna.)

Desse modo, chegamos a alguns traços específicos da categoria Aspecto (tempo imperfectivo) que a diferencia da categoria Tempo (tempo perfectivo) (*supra*):

---

<sup>54</sup>Um exemplo da diferenciação entre pôr centralizado o fato no tempo e pôr centralizado o tempo no fato pode ser, respectivamente, visualizado nos exemplos abaixo fornecido pela autora (*supra*):

- (i) Caminhei bastante. (tempo externo; centra o fato da ação de caminhar no tempo passado)
- (ii) Estive caminhando por muito tempo. (tempo interno; centra o tempo passado do ato de caminhar no fato desta ação ter-se prolongado durante todo o dia).

<sup>55</sup>Perfectivo: fato referido como global. Não-marcado para as nuances da constituição temporal interna. Os lexemas apresentam o traço semântico [- durativo]. Imperfectivo: fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluam o traço semântico [+ durativo] (*supra*).

<sup>56</sup> Exemplos retirados de (S. COSTA, *supra*, pág.31).

- a. A não-referência à localização no tempo;
- b. A constituição temporal interna
- c. A vinculação da categoria situações, processos e estados;
- d. A “representação espacial”.

Podemos resumir, então, tudo o que foi visto anteriormente em relação à caracterização da categoria de Aspecto como o Esquema (12) a seguir, proposto por COSTA (*supra*, pág. 38):

Esquema (12):

- 1. Aspecto: Categoria lingüística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. Apresenta duas possibilidades:
  - 1.1.Perfectivo: Fato referido como global. Não-marcado para as nuances da constituição temporal interna.
  - 1.2.Imperfectivo: Fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluam o traço [+durativo]. (...) <sup>57</sup>

---

<sup>57</sup>A autora ainda prossegue com a divisão do imperfectivo em: imperfectivo de curso; imperfectivo de fase inicial; imperfectivo de fase intermediária; imperfectivo de fase final; imperfectivo resultativo. Acredito que a autora tece essa classificação porque em seu texto ela exclui o iterativo, a iminência e o habitual enquanto valores aspectuais. Logicamente que essa discussão de quais e quantos são os valores aspectuais foge aos objetivos centrais do nosso texto cujo foco central é na sintaxe dos sintagmas adverbiais. Mais adiante apresentaremos, também, a proposta classificatória dos valores aspectuais de MATEUS *et alli*. Entretanto, ambas serão somente utilizadas aqui enquanto suporte teórico para o estudo da categoria de Aspecto em língua portuguesa. Quando formos tratar especificadamente da tipologia dos valores aspectuais nas línguas naturais, adotaremos integralmente aquele proposto em CINQUE (1999). É com base nessa tipologia que proporemos uma hipótese para o ordenamento do posicionamento sintático dos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes na língua portuguesa do Brasil.

De outro modo, mas ainda na mesma linha teórica de estudo, (DUARTE, 1989, pág.76) define a categoria de Tempo como aquela:

(...) que exprime, no modo de enunciação experiencial <sup>58</sup>, a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma, a *categoria de Tempo (grifo nosso)* está gramaticalizada nos tempos verbais e exprime-se igualmente através de expressões com o valor de advérbios temporais e de conectores frásicos de valor temporal.

A autora, também, define Aspecto como a “categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural (...)”. Para ela, a categoria de Aspecto estabelece-se por três diferentes tipos de predicadores: a predicação de estados ( $P_e$ ); predicadores de processos ( $P_{proc}$ ); e predicadores de eventos ( $P_{ev}$ ) <sup>59</sup>.

Já as Modalidades verbais (categoria de Modo<sup>60</sup>) são definidas como as categorias associadas aos modos verbais ou aos verbos modais “enquanto elementos gramaticais de expressão da atitude do locutor, quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado, quer em relação ao alocutário a quem o enunciado se destina” (DUARTE., *supra*, pág. 102). Segundo a autora, ainda, a modalização consiste numa “modificação introduzida pelo locutor ao nível da

---

<sup>58</sup>MATEUS *et alli* define o modo de enunciação experiencial como “o modo de enunciação característico da interação verbal, que supõe sempre um *EU* (o nome do LOCUTÁRIO) e um *TU* (o nome do ALOCUTÁRIO), e uma referência espaço-temporal organizada a partir do *aqui* e do *agora* da enunciação”.

<sup>59</sup>Segundo a autora, a diferenciação básica entre esses três tipos de predicadores é que “Os  $P_{proc}$  e  $P_e$  caracterizam-se pela seguinte propriedade: se a proposição de que fazem parte é verdadeira num dado intervalo  $I_t$  (intervalo de tempo, *grifo nosso*), então é verdadeira em todos os subintervalos – incluindo todos os momentos de tempo – de  $I_t$  (...)”. Além disso: “ $P_{proc}$  e  $P_e$  partilham a propriedade [- dinâmico]”. Esses dois, ainda, apresentam, também, a distinção entre acabado (perfectivo) *versus* inacabado (imperfectivo) e entre ocorrência singular (única) *versus* ocorrências plurais (repetidas/freqüentativas).

<sup>60</sup>Em seu texto, MATEUS *et alli* considera, diferentemente da argumentação proposta por COSTA (*supra*, cf. nota de rodapé <sup>32</sup>) as categorias de Aspecto e Modo como coisas separadas, abordando-as de maneira individualizada em tópicos específicos.

predicação<sup>61</sup>, como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção”.

DUARTE (*supra*, p.102) considera, assim, os seguintes tipos de modalidades tradicionalmente expressa do ponto de vista lógico:

- a. Modalidades aléticas ou aristotélicas – que funcionam ao “nível dos estados de coisas”. Esses podem ser expressos como necessário ou contingente, possível ou impossível.
- b. Modalidades epistêmicas.  
Essas podem ser expressas como certo ou contestável, plausível ou excluído.
- c. Modalidades deônticas.  
Essas podem ser expressas como obrigatório ou facultativo, permitido ou interdito.

No nível do tipo de conhecimento que cada locutor ou falante tem dos estados de coisas descritas na enunciação, tem-se o esquema seguinte:

- a. Uma relação necessária (alética) é tida como certa (modalidade epistêmica) ou como obrigatória (modalidade deôntica):
  - (i) Modalidade alética:  
Fumar faz mal para a saúde. (necessário) (pag.104)
  - (ii) Modalidade epistêmica:  
Se continuas a fumar ficas doente. (certo) (*idem*)

---

<sup>61</sup>Definição da autora para predicação: “Se, de um ponto de vista semântico, a operação **predicar** (grifos da autora) consiste em atribuir uma determinada propriedade a um certo termo ou em estabelecer uma relação entre termos, *do ponto de vista comunicativo, o acto de predicar (e, portanto, a construção de predicações) visam fundamentalmente, descrever estados de coisas relativos a um dado universo de referência.*”

- (iii) Modalidade deôntica:  
É proibido fumar. (obrigatório) (*idem*)
  
- b. Uma relação contingente (alética) é tida como contestável (modalidade epistêmica) ou como facultativa (modalidade deôntica):
  - (i) Modalidade alética:  
O homem pode ou não trabalhar. (contigente) (pág.104)
  
  - (ii) Modalidade epistêmica:  
O homem nem sempre trabalha. (contestável) (*idem*)
  
  - (iii) Modalidade deôntica:  
O homem é livre de não trabalhar. (facultativo) (*idem*)
  
- c. Uma relação possível (alética) é tida como plausível (modalidade epistêmica) ou como permitida (modalidade deôntica):
  - (i) Modalidade alética:  
Um homem é capaz de chorar. (possível) (pág.104)
  
  - (ii) Modalidade epistêmica:  
Se continuas a arrelhar o teu irmão, ele ainda chora (plausível) (*idem*)
  
  - (iii) Modalidade deôntica:  
Não é vergonha chorar. (permitido) (pág.105)

Além da diferenciação entre modalidades aléticas, epistêmicas e deônticas esquematizadas acima, outra diferenciação bastante tradicional dentro do estudo semântico das modalidades verbais, que toma por base a relação explícita ou implícita entre os estados de coisas e o locutor/falante, pode ser realizada: a diferenciação entre *modalidades de re* versus *modalidades de dictum*.

A diferença básica entre esses dois tipos clássicos de modalidades é que uma modalidade *de dictum* é atribuída a uma proposição (em latim, *dictum*), enquanto que uma modalidade *de re* é atribuída a algo (em latim, *res*) por posse de terminada propriedade <sup>62</sup>.

Pode-se, resumir, também, a proposta de FARIA (1989, pág.96) para sistematizar e definir <sup>63</sup> os diversos valores aspectuais disponíveis na língua portuguesa como o do esquema (12) apresentado a seguir:

---

<sup>62</sup>“Uma modalidade de necessidade (L) ou possibilidade (M) **de dicto** é atribuída a uma proposição (**dictum**) enquanto uma modalidade **de re** é atribuída a algo (**res**) por posse de determinada propriedade. Ao afirmamos que uma modalidade é **de dicto** estamos de facto a dizer que uma determinada proposição é necessariamente ou possivelmente verdadeira. Ao afirmamos que uma modalidade é **de re** estamos apenas a dizer que determinada coisa ou objeto necessariamente ou possivelmente tem uma determinada propriedade”. (FARIA, *supra*, pág. 105).

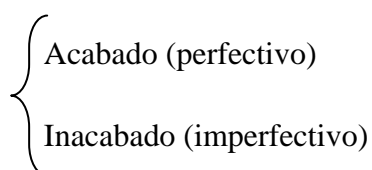
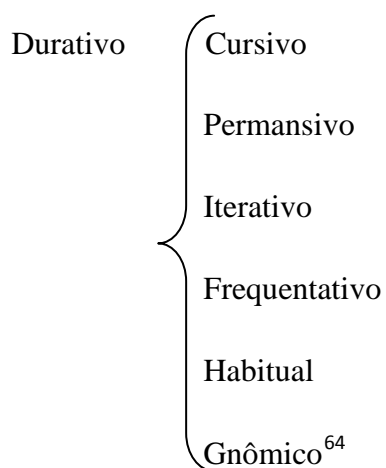
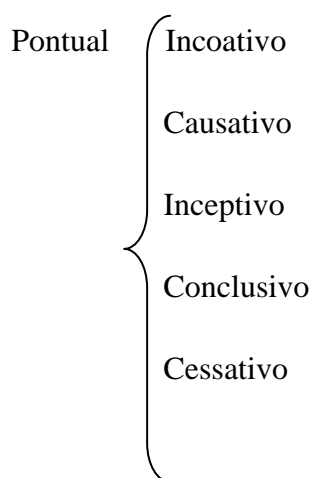
E. g.:

Modalidade *de re* é atribuída a algo (*res*): (i) O João é capaz de vir.

Modalidade *de dictum* é atribuída à proposição (*dictum*): (ii) É possível que o João venha.

<sup>63</sup>Em seu texto, a autora define esses valores aspectuais aqui listados com base em algoritmos lógicos. Não reproduziremos aqui essas definições baseadas no sistema da lógica matemática para fins de facilitação do entendimento, além, é claro, do fato de que não nos utilizaremos dessas definições formais específicas para definirmos os valores das projeções funcionais hipotetizadas por CINQUE.

Esquema (12):



---

<sup>64</sup>O valor aspectual gnômico ou universal é definido por MATEUS *et alli* como aquele “que se caracteriza pela quantificação universal do  $I_t$  (tempo, *grifo nosso*) relevante”. Ele “descreve um estado de coisas que se verifica em todos os subintervalos pertencentes a  $I_a$ ,  $I_e$ ,  $I_p$  (subintervalos de tempo de  $I_t$ , grifo nosso). Ou seja, não existe, em rigor, localização temporal do estado de coisas descrito.” O presente gnômico “ocorre caracteristicamente em enunciados exprimindo ‘verdades’ científicas ou ideológicas e em enunciados definitórios; tanto uns como outros são supostos descrever estados de coisas a que é atribuído o estatuto de verdades atemporais e eternas.”



Tendo em vista tudo o que foi visto nesta subseção, pode-se retomar resumidamente os principais conceitos pertinentes acerca das categorias TAM (Tempo, Aspecto e Modo) para fins de compreensão. De todos os conceitos teóricos apresentados anteriormente, sem dúvidas aqueles referentes à definição do que é Aspecto, Tempo e Modo do verbo não podem ser esquecidos. Bem como a divisão entre tempos perfectivos e imperfectivos e o fato de enquanto os primeiros são caracterizados por somente apresentarem a categoria de Tempo, os últimos caracterizam-se por apresentarem Tempo, Aspecto e Modo verbais. Por isso, os tempos imperfectivos são ditos como aqueles marcados positivamente para marcação da estrutura interna dos *estados, processos e eventos* descritos na ação verbal, enquanto os perfectivos não os são, caracterizando-se como a variante não-marcada para descrição da estrutura interna dos *estados, processos e eventos*. Além disso, apresentaram-se os três tipos de modalidades tradicionalmente adotados: a modalidade alética (que descrevem os estados, processos e eventos como possíveis ou impossíveis, necessários ou contingente); a modalidade epistêmica (que descrevem os estados, processos e eventos como certos ou contestáveis, plausíveis ou excluídos); e, por fim, a modalidade deôntica (que descrevem estados, processos e eventos como obrigatórios ou facultativos, permitidos ou interditos).

Agora, passa-se, então, a discorrer na próxima subseção acerca das projeções funcionais tais quais propostas por CINQUE (1999). Alguns dos conceitos discutidos na subseção presente auxiliará no entendimento dos valores (sejam estes valores aspectuais, modalizadores, de modo ou temporais) das projeções funcionais que serão apresentadas.

### 3.7.3 – As projeções funcionais da sentença

CINQUE (1999, pág.77) argumenta a favor da existência de diversas projeções funcionais dentro da arquitetura sintática das línguas naturais. Essas projeções estão interligadas de maneira direta com os morfemas, afixos, partículas auxiliares e partículas funcionais verbais existentes que ocorrem nas sentenças das línguas. Todos esses elementos lingüísticos relacionam-se à marcação funcional das categorias de

Tempo, Aspecto e Modo verbais (categorias TAM), antes vistas; além das categorias de Voz e Número. É com base na análise da marcação funcional nas línguas naturais, que é realizada por meio daqueles elementos lingüísticos ligados às categorias verbais, que CINQUE estipula quais núcleos funcionais (X<sup>o</sup>s) devem ser postulados em sua Hierarquia Universal.

Isso que dizer que todos os núcleos funcionais apresentados por ele na sua hipótese estão inter-relacionados com algumas das categorias verbais, notadamente as categorias TAM, mas, também, menos freqüentemente, a algumas outras categorias lingüísticas ligadas a esses itens lexicais, como a de Número<sup>65</sup> e Voz<sup>66</sup>. Assim, segue-se, agora, uma apresentação dos núcleos funcionais presentes na Hierarquia Linear Universal proposta pelo autor. A ordem de apresentação que segue é similar àquela proposta por CINQUE.

A primeira projeção funcional de modo proposta por CINQUE é aquela ligada aos atos de falas<sup>67</sup> (no original, *Speech act mood*<sup>68</sup>). Esses atos de falas marcam, basicamente, a força ilocucionária da sentença. Assim, uma língua pode distinguir os modos das formas verbais declarativas de interrogativas e de formas imperativas. Geralmente, segundo CINQUE, esses sintagmas ocupam a posição de núcleo mais alta dentro do “espaço do IP”, que é, também, a posição mais alta dentro do esquema hierárquico que ele propôs. Segundo CINQUE, essa projeção não se confunde com o núcleo complementizador (C<sup>o</sup>) proposto por (RIZZI, 1997) para marcar, também, a força ilocucionária da sentença (interrogativas, declarativas, infinitivas, finitas). A argumentação de CINQUE para tecer tal diferenciação é que, enquanto o núcleo C<sup>o</sup> de RIZZI precede outros sintagmas topicalizados e/ou focalizados, o núcleo do modo de

---

<sup>65</sup>A noção de Número Verbal não é a mesma que a de Número Nominal nas Gramáticas Normativas (GTs), pois enquanto esta última distingue as formas singulares das plurais, aquela primeira “categoria de Número se aplica aos verbos quando se expressa a repetição ou não do fato verbal, o que produziria a oposição *semelfactivo* (fato verbal expresso como único, singular, ocorrendo apenas uma vez) x *repetido* (iterativo ou freqüentativo). (...) O par *saltar* x *saltitar* seria, então, melhor compreendido se analisado como exemplo da aplicação da categoria de Número para os verbos” (COSTA, 1990, pág.25).

<sup>66</sup>Mais adiante veremos como sintagmas adverbiais, como *bem* ou *ruim*, estão relacionados de maneira direta com as projeções funcionais ligadas a categoria de Voz verbal (VoiceP).

<sup>67</sup>Para uma discussão específica aprofundada dos atos de falas das línguas naturais sobre o prisma da Filosofia da Linguagem, o que foge ao nosso objetivo central aqui, ver (SEARLE, 1981).

<sup>68</sup>Tradução livre minha: Modo de ato de fala.

ato de fala (Speech act<sup>o</sup>) pode também segui-los, se separado por pausa intonacional ou prosódica, como fica exemplificado abaixo (CINQUE, *supra*, pág. 84):

(1) Di questo, A NESSUNO *francamente* potrei parlare.

‘About this, to nobody (focus) *frankly* I could talk.’<sup>69</sup>

Sendo assim, se o núcleo de ato de fala (Speech act<sup>o</sup>) está seguindo o sintagma topicalizado ou focalizado *a nessuno*, tem-se a seguinte representação em parênteses rotulados (13) abaixo da sentença em (1) acima:

Esquema (13)

Di questo, [<sub>TopP/FocP</sub> [<sub>Spec</sub> A NESSUNO] [<sub>Top°/Foc°</sub> [<sub>SpeechActP</sub> [<sub>Spec</sub> francamente] [<sub>SpeechAct°</sub> potrei [<sub>VP</sub> [<sub>V°</sub> parlare]]]]]]]]

Depois, CINQUE faz distinções entre os sintagmas de modo avaliativo e o de modo evidencial (do original, respectivamente, Mood *evaluative* e Mood *evidential*). O modo e a modalidade verbais são tratados de forma conjunta por CINQUE. Segundo ele, o modo se diferencia da modalidade pelo fato de que, apesar de ambas as características do sistema verbal das línguas naturais expressarem a opinião ou atitude do falante em relação à proposição, a primeira o faz comumente através da morfologia verbal enquanto a segunda o faz, normalmente, através de palavras tipicamente independentes, como o uso de verbos e auxiliares, ou, ainda, de afixos e partículas. Nesse ponto é interessante retornarmos a divisão lógica tradicional já apresentada em (3.7.2) entre modalidade alética, epistêmica e deôntica. Essas modalidades ainda serão subdivididas por CINQUE. Assim, têm-se modalidades epistêmicas de necessidade, possibilidade, volição, obrigação, habilidade e permissão, por exemplo.

---

<sup>69</sup>Tradução minha da frase em inglês: Sobre isso, para ninguém (foco) sinceramente eu podia falar.

A segunda projeção funcional de modo (Mood)<sup>70</sup> seguinte àquelas ligadas aos atos de fala é a de modo avaliativo (Mood *evaluative*). Essas, geralmente, são expressas nas línguas por meio de morfemas regidos ou presos (sufixos) ou por morfemas livres (modais ou partículas). O modo avaliativo não afeta o valor de verdade da proposição, mas expressa a avaliação do falante (ex: positiva, negativa ou outra qualquer) acerca do estado de coisas descritos nela, constituindo-se, portanto, num modo epistêmico. Algumas línguas orientais, como o coreano e uma língua aborígene australiana (*Ngiyambaa*), são utilizadas por CINQUE (*supra*, pág.85) para exemplificar a realização (as partículas de modo avaliativo estão em itálico), por meio de morfemas presos, desse modo, *E.g.*:

(2) a. Ku say-ka cwuk-ess-keyss-*kwun*-a.

That bird-NOM die-PAST-EPISTEM-EVALUAT-DECL

‘That bird must have died!’<sup>71</sup>

b. Minca-nun-ttena-ss-te-*kwun*-yo.

M.-TOP leave-PAST-EVID-EVALUAT-POLITE

‘I noticed that M. had left!’<sup>72</sup>

Nas sentenças (a) e (b) do exemplo (2) anterior, vê-se a realização fonológica do núcleo funcional de modo avaliativo expresso nas línguas citadas pela partícula *kwun*.

O modo evidencial (Mood *evidential*), que é o seguinte ao avaliativo, de outro lado, expressa o tipo de evidência que o falante tem da sua asserção ou sentença. Normalmente, esse modo é expresso nas diferentes línguas por meio de afixos verbais, auxiliares modais ou partículas independentes. CINQUE aponta que algumas línguas

---

<sup>70</sup>Como o leitor notará, CINQUE utiliza-se das siglas *Mood* para os núcleos de modo/maneira e *Mod* (do inglês *modals*) para os núcleos modais/modalizadores.

<sup>71</sup>Tradução minha: Essa ave deve ter morrido!

<sup>72</sup>Tradução minha: Notei que M. havia saído.

têm sistemas de marcação evidencial bastante elaborados e complexos, chegando a marcar cinco ou seis diferentes distinções avaliativas, como por exemplo, em concordância se o falante tem testemunhado visualmente o estado, evento ou processo descrito na asserção, se possui somente evidência auditiva ou sensorial ou de outro tipo qualquer, se tem ouvido a declaração de mais alguém, ou, ainda, se tem evidência reveladora (como um sonho ou premonição) ou se é baseado em sua própria experiência prévia anterior. Exemplos da ocorrência do modo evidencial, respectivamente, no dinamarquês (partícula *Skulle*) e no alemão (partícula *sollen*)<sup>73</sup> são fornecidos abaixo (*supra*, pág.85, 86):

(3)

De *skall* ville bygge et hus.

‘They are said to want to build a house.’<sup>74</sup>

(4)

Bei den Unruhen *soll* es bisher vier Tote gegeben haben.

‘So far four people are reported killed in the disturbances.’<sup>75</sup>

Após o modo evidencial, segue-se o modal epistêmico (Mod<sub>epistemic</sub>) propriamente dito. Como já se mencionou, o modo epistêmico, diferentemente do alético, que expressa verdades possíveis ou necessárias, é aquele que marca o grau de confiança do falante acerca da verdade da proposição baseada no tipo de informação que ele/ela tem. *E.g.* (*supra*, pág.87):

---

<sup>73</sup> CINQUE não diz claramente qual é o valor de modo evidencial das partículas dinamarquesa e alemã colocadas nos exemplos.

<sup>74</sup>Tradução minha: Disseram que querem construir uma casa.

<sup>75</sup>Tradução minha: Até agora, quatro pessoas foram noticiadas mortas/assassinadas no tumulto.

(5) John *must* probably give his money back by tomorrow.<sup>76</sup>

No exemplo (5), visualize-se que o modo epistêmico é expresso em língua inglesa pelo verbo modal *must*.

Seguidamente aos modos visualizados acima, temos as projeções nucleares interligadas à categoria de Tempo. CINQUE compreende Tempo (*Tenses*) como uma relação entre entidades temporais (*times*)<sup>77</sup>, adotando perspectiva já proposta antes dele por (REICHENBACH, 1947, *apud* CINQUE, *supra*). Em nosso texto, conceituou-se tempo através da noção de ponto dêitico de COSTA (1990) (cf. subseção 3.7.2.).

Outro ponto de vista teórico de CINQUE é aquele que propõe que se divida a projeção de marcação temporal tradicionalmente proposta por RIZZI (1989) em ao menos três núcleos funcionais temporais (T°) diversos, cada um ocupando uma posição própria específica dentro da Hierarquia Universal dos núcleos funcionais das sentenças. Dessa forma, ao invés de se ter um único núcleo para hospedar a categoria de Tempo, tem-se, pelos menos, três núcleos como no esquema (14) sugerido por (GIORGI e PIANESI, 1991, 1997; ZAGONA, 1988, *apud* CINQUE, *supra*, pág.83):

Esquema (14)

[... [T1 (Past)... [T2 (Future)... [T3 (anterior)... V ] ] ] ]

---

<sup>76</sup>Tradução minha: João deve provavelmente dar seu dinheiro de volta (devolver) amanhã.

<sup>77</sup>Essa proposta, como já dissemos, foi esboçada por (REICHENBACH, 1947, *apud* CINQUE, *supra*) em oposição ao tratamento do tempo como operadores lógicos. Os dois pontos de vista, conjuntamente, apresentam a divisão tradicional clássica de uma “teoria dos tempos”, segundo CINQUE. Outra diferenciação importante a ser ressaltada, aqui, é sobre a diferenciação existente em língua inglesa entre *Tense* e *Time*. O primeiro remete-se aos tempos verbais especificadamente (por exemplo, passado, presente, futuro, pretérito-mais-que-perfeito ou futuro do pretérito, em língua portuguesa), enquanto o segundo trata do tempo de forma genérica, como entidade subjetiva de divisão espacial criada pelo homem e parâmetro da existência humana.

Contudo, segundo CINQUE, enquanto o T(*Past*) e o T(*Future*) ocorrem exatamente nessa ordem e nas posições precisas precedidos dos Mood *evaluative* e Mood *evidential*, T(anterior) ocorre um pouco mais abaixo na sua cartografia, entre os núcleos aspectuais que mais a frente serão abordados.

Após os núcleos de modo ligados aos tempos verbais passado e futuro, exatamente nessa ordem, segue o núcleo de modo *irrealis* (Mood *irrealis*). A distinção entre modo *realis* e *irrealis* traduz-se pelo antagonismo existente, respectivamente, entre os modos Indicativo vs. Subjuntivo na língua portuguesa. Assim, o modo *realis* expressa ações concretas, reais, verídicas, cuja existência é um fato certo não passível de contestação; enquanto o modo *irrealis* expressa ações não-concretas, não-verídicas, cujo caráter de realidade é um fato ainda passível de contestação, podendo tornar-se real ou não. Podemos exemplificar, respectivamente, o modo *realis* (sentenças a, c, e) e *irrealis* (sentenças b, d, f) na língua portuguesa logo mais a seguir:

(6)

- a. Espero por um carona que me *leva* até meu bairro.
- b. Espero por uma carona que me *leve* até meu bairro.
  
- c. Quero me casar com uma baiana que *sabe* dançar.
- d. Quero me casar com uma baiana que *saiba* dançar.
  
- e. Ele falou que você *diz* a verdade.
- f. Ele falou que, talvez, você *dissesse* a verdade.

CINQUE aponta que o modo *irrealis* é usado quando o falante não sabe ou não tem conhecimento bastante suficiente para afirmar se a proposição é verdadeira ou não. Na língua inglesa, CINQUE aponta, ainda, o advérbio inglês *perhaps* (talvez) como caracterizador do modo *irrealis*.

Depois do modo *irrealis* vem o núcleo de modalidade alética (*alethic modals*). Dois núcleos representam a modalidade alética na estrutura da sentença: o núcleo modal

de necessidade (Mod<sub>alethic necessity</sub>) e o núcleo modal de possibilidade (Mod<sub>alethic possibility</sub>). Segundo CINQUE, estes núcleos ocorrem nessa mesma ordem entre os advérbios epistêmicos anteriormente colocados e o que ele chama de modalidade raiz (*root modality*<sup>78</sup>). Os dois núcleos funcionais aléticos posicionam-se seguidamente abaixo dos núcleos de modo ligados ao tempo futuro e passado, que precedem o núcleo *irrealis* anterior.

Os núcleos de modalidade raiz vêm logo após os núcleos de modalidade alética acima. Da mesma maneira que estes últimos, os núcleos de modalidade raiz também apresentam subdivisões. Assim, temos os núcleos de modalidade raiz de volição (Mod<sub>volition</sub>), de obrigação (Mod<sub>obligation</sub>) e de habilidade/permissão (Mod<sub>ability/permission</sub>). Estes núcleos aparecem exatamente nessa ordem Mod<sub>volition</sub> > Mod<sub>obligation</sub> > Mod<sub>ability/permission</sub>. Porém, alguns núcleos aspectuais (Asp<sup>o</sup>), que serão os próximos a mencionar, ocorrem entre eles, segundo CINQUE.

Mais abaixo dos núcleos funcionais de Modo, de Tempo, de modalidade epistêmica e de modalidade alética acima apresentados vêm os núcleos funcionais de Aspecto (*aspectual heads*) que são ligados diretamente a categoria verbal de Aspecto, já explanada anteriormente (cf. subseção 3.7.2). Os núcleos aspectuais apresentam várias subdivisões, compondo-se de várias subclasses e constituindo-se no maior grupo dentro todos os já ditos. Dessa forma, CINQUE (1990, pág.90) propõe a existência dos seguintes núcleos funcionais aspectuais<sup>79</sup>, assim classificados de acordo com o Aspecto Verbal expresso:

---

<sup>78</sup>Os núcleos da modalidade raiz (*root modality*), segundo CINQUE, ocupam posições mais baixas que os núcleos epistêmicos na estrutura sentencial dentro de sua Hierarquia Universal Linear das Projeções Funcionais. Além disso, a modalidade raiz é caracterizada por não ser constituída por uma classe monolítica de elementos, mas, sim, por ser compostas por diferentes subclasses semânticas de elementos (de volição, obrigação, habilidade e permissão).

<sup>79</sup>Por entre os núcleos funcionais aspectuais expressos agora no texto, posicionam-se o núcleo T<sup>o</sup>(anterior), já mencionada antes no texto, e o núcleo Voice<sup>o</sup>, que é relacionado à categoria verbal de Voz, sobre o qual falaremos logo em seguida após os núcleos aspectuais. Omitimos a presença desses dois núcleos para fins de facilitação da exposição e apresentação dessas projeções. Ao fim de toda a explanação acerca dos núcleos funcionais sentenciais propostos por CINQUE, reproduziremos a Hierarquia Universal Linear das projeções funcionais de maneira completa e fidedigna como posta em CINQUE (1999).



habitual (Asp<sub>habitual</sub>)

repetitivo I (Asp<sub>repetitive (I)</sub>)

freqüentativo (Asp<sub>frequentative (I)</sub>)

celerativo (Asp<sub>celerative (I)</sub>)

terminativo (Asp<sub>terminative</sub>)

continuativo (Asp<sub>continuative (I)</sub>)

perfectivo (Asp<sub>perfect</sub>)

retrospectivo (Asp<sub>retrospective</sub>)

proximativo (Asp<sub>proximative</sub>)

durativo (Asp<sub>durative</sub>)

progressivo (Asp<sub>progressive</sub>)

prospectivo (Asp<sub>prospective</sub>)

completivo singular (Asp<sub>completiveSg</sub>)

completivo plural (Asp<sub>completivePl</sub>)

celerativo II (Asp<sub>celerative (II)</sub>)

repetitivo II (Asp<sub>repetitive (II)</sub>)

freqüentativo (Asp<sub>frequentative (II)</sub>)

completivo (Asp<sub>completive (II)</sub>)

O núcleo aspectual habitual (*habitual aspect*) é definido por descrever uma situação caracterizando-a em um “período estendido de tempo”, segundo CINQUE (*supra*, p.90). Além disso, o aspecto habitual distingue-se dos aspectos repetitivo e iterativo pelo fato de que estes últimos dois aspectos verbais apenas expressam a “mera

repetição de uma situação”, enquanto aquele primeiro descreve a característica do período completamente. *E.g.*<sup>80</sup>:

(7)

a. *yau-r-edib-eb-a-su.*

Sit-CM-FREQ-HAB-PRES-3sgMasc

‘He (habitually and repeatedly) sits down.’<sup>81</sup>

b. *Pura vara tu’u mai a Nau.*

*HAB FREQ* come toward Pers.sing.N.

‘N. usually comes here.’<sup>82</sup>

(8)

a. Mario è *di solito spesso* costretto a rimanere a casa.

‘M. is usually often obligated to stay home.’<sup>83</sup>

b. \*?Mario è *spesso di solito* costretto a rimanere a casa.

‘M. is often usually obligated to stay home.’<sup>84</sup>

---

<sup>80</sup>Os exemplos são das línguas naturais *Papua language Yareba e Rapanui* (Austronesian).

<sup>81</sup>Tradução minha: Ele (habitualmente e repetidamente) senta-se.

<sup>82</sup>Tradução minha: N. geralmente vem aqui.

<sup>83</sup>Tradução minha: ? M. geralmente é muitas vezes obrigado a ficar em casa.

Nas sentenças (a) e (b) de (7) e (8), é exemplificada a existência do núcleo aspectual habitual nas línguas naturais. Ele manifesta-se tanto através de partículas morfológicas, como em (7a) e (7b), quanto por meio de advérbios, como em (8a) e (8b).

Os núcleos aspectuais repetitivo-freqüentativos I e II (*repetitive/frequetantive aspects*) marcam, como está explícito na sua própria denominação, a repetição ou a freqüência na qual um “estado, evento ou processo” ocorre; expressando se tal ação é repetida em uma única certa ocasião específica ou em ocasiões diferentes. Ele relaciona-se diretamente com a noção de categoria de Número Verbal, como exposto em (COSTA, 1990, pág.24<sup>85</sup>). Segundo o autor, o núcleo repetitivo I e repetitivo II e o freqüentativo I e II não co-ocorrem e preenchem a mesma posição de especificador (Spec) na sentença, mas, sim, ocupam posições diferentes entre si na arquitetura sintática da linguagem, com a ressalva de que o repetitivo/freqüentativo I preenche posições mais altas dentro da estrutura da sintaxe do que o repetitivo/freqüentativo II<sup>86</sup>. Algumas línguas naturais, a exemplo do *Austronesian language Sobei* fornecido por CINQUE (*supra*, pág.92, 93), possuem afixos morfológicos diversos para expressarem o aspecto repetitivo/freqüentativo, enquanto outras o fazem por meio de itens lexicais auxiliares e/ou advérbios somente (em itálicos):

(9)

a. (Quando troviamo qualcosa) questa è *spesso già* stata scoperta da qualcuno.

‘(When we find something) this has often already been discovered by someone.’<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup>Tradução minha: ? M. muitas vezes é geralmente obrigado a ficar em casa.

<sup>85</sup>COSTA (*supra*) adota a perspectiva teórica de COSERIU para tratar da categoria de Número Verbal, (cf. autora).

<sup>86</sup>Entretanto, um mesmo e único item lexical, por exemplo, os mesmos sintagmas adverbiais, podem co-ocorrer nas duas posições de núcleos aspectual repetitivo/freqüentativo I e II; às vezes, isso acontece até de forma simultânea e concomitante.

<sup>87</sup>Tradução minha: (Quando encontramos algo assim) isso muitas vezes já foi descoberto por alguém.

b. Questa proprietà è *già* stata scoperta *spesso*, negli ultimo cinquant'anni.

'This property has already been discovered often, in the last fifty years.'<sup>88</sup>

(10)

a. Gianni, saggiamente, *spesso* esce con la stessa persona *spesso*.

'G., wisely, often dates the same person often.'<sup>89</sup>

b. Gianni *raramente* esce con la stessa persona *spesso*.

'G. rarely dates the same person often.'<sup>90</sup>

Nas sentenças (a) e (b) de (9) e (10), é exemplificada a existência do núcleo repetitivo-frequentativo nas línguas naturais expressos por meio de sintagmas adverbiais. Nas sentenças em (9) e (10), ele são expressos através dos AdvPs italianos *spesso* e *già*.

O próximo núcleo funcional diretamente ligado à marcação do Aspecto verbal é o núcleo celerativo<sup>91</sup>. Assim como o aspecto verbal repetitivo-frequentativo anteriormente mencionado, o núcleo aspectual celerativo também se subdivide em dois (chamados, similarmente, celerativo I e celerativo II). O aspecto celerativo, comumente, é definido como uma marcação morfológica verbal particular que expressa o fato de que a ação verbal desempenhou-se rapidamente.<sup>92</sup> Também, assim como ocorre com o Aspecto anterior dito, os dois núcleos celerativos I e II ocupam duas posições autônomas entre si na estrutura sintática, *E.g.*:

---

<sup>88</sup>Tradução minha: Este imóvel já foi descoberto, muitas vezes, nos últimos cinquenta anos.

<sup>89</sup>Tradução minha: ? G., sabiamente, muitas vezes, namora a mesma pessoa com freqüência.

<sup>90</sup>Tradução minha: Gianni raramente namora a mesma pessoa freqüentemente.

<sup>91</sup>Em inglês, *Celerative aspect I, II*.

<sup>92</sup>"(...) a particular verbal morphology signaling that the action has been performed quickly."(CINQUE, 1999, pág.93).

(11)

a. John *quickly* lifted his arm.

b. John lifted his arm *quickly*. (*supra*, pág. 93)<sup>93</sup>

Nas sentenças (11a) (11b), é exemplificada a existência dos núcleos celerativos I e II nas línguas naturais. Nas sentenças ditas, é demonstrado que os advérbios que preenchem, como o AdvP inglês *quickly*, as posições de tais núcleos são os mesmos, contudo, apresente uma leve alteração no alcance do seu escopo. A diferença básica entre os núcleos celerativo I e o celerativo II é que no primeiro caso o sintagma adverbial tem escopo sobre o evento descrito (*John was quickly in...*), enquanto que no segundo caso tem escopo sobre todo o processo (*John did it in a quick way.*). Também é exemplificado em (11) que o núcleo celerativo I é mais alto que o núcleo celerativo II, que, portanto, preenchem posição mais baixa na cartografia do IP de CINQUE.

O núcleo funcional aspectual seguinte é o terminativo<sup>94</sup>. O aspecto terminativo, também denominado de cessativo, é caracterizado por apresentar a ação expressa pelo verbo como tendo alcançado um ponto final de execução, embora não necessariamente tal ponto coincida exatamente com o ponto final natural de conclusão desta ação. Normalmente, o aspecto terminativo ou cessativo é expresso nas línguas através de afixos verbais, partículas auxiliares, sintagmas adverbiais etc.; *E.g.* (CINQUE, *supra*, pág.95):

(12)

a. Gianni ha amesso di amare Maria (= Gianni non ama più Maria).

‘G. has stopped loving M’ (= G. no longer loves M.).<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> Tradução minha:

a) John *rapidamente* levantou o braço.

b) John levantou o braço *rapidamente*.

<sup>94</sup>No original, *Terminative or cessative aspect*.

<sup>95</sup>Tradução minha: G. parou de amar Maria. (= G. já não ama mais Maria)

b. Gianni ha smesso (cessato) di cantare (= Gianni non canta più).

‘G. stopped singing’ (= G. no longer sings).<sup>96</sup>

c. Gianni ha smesso di scrivere la tesi (= Gianni non scrive più la tesi).

‘G. stopped writing his dissertation’ (= G. no longer writes his dissertation).<sup>97</sup>

d. % Gianni ha smesso di raggiungere la vetta (% Gianni non raggiunge più la vetta).

‘G. stopped reaching the summit’ (G. no longer reaches the summit).<sup>98</sup>

Após o núcleo aspectual terminativo, segue-se o núcleo funcional de aspecto continuativo (*continuative aspect*). O aspecto continuativo, segundo CINQUE, parece manter uma relação estreita com o aspecto terminativo anterior, com a diferença de que, enquanto esse último marca o determinado ponto final da ação verbal expressa, aquele primeiro expressa justamente o contrário, indicando que a ação verbal continua em execução num dado momento de fala. Contudo, apesar da estrita relação que CINQUE indica existir entre o aspecto continuativo e terminativo, ele afirma que razões empíricas ainda maiores parecem haver para que se postule que o continuativo e o terminativo ocupem núcleos funcionais separados, dentre eles, sobretudo, a mais importante, o fato de que tais núcleos só podem ocorrer na ordem terminativo (*più*) > continuativo (*ancora*), e nunca na ordem inversa continuativo (*ancora*) > terminativo (*più*), *E.g.* (*supra*, pág.95)<sup>99</sup>:

---

<sup>96</sup>Tradução minha: G. parou de cantar. (= G. já não canta)

<sup>97</sup>Tradução minha: G. parou de escrever sua dissertação.

<sup>98</sup>Tradução minha: G. parou de chegar ao cume/topo. (= G. já não atinge o cume)

<sup>99</sup>O italiano *più* = português mais; *ancora* = ainda.

(13)

a. ? Spero che tu non sai *più ancora* arrabbiato con me!

‘I hope that you are no longer still angry with me.’<sup>100</sup>

b. \* Spero che tu non sai *ancora più* arrabbiato con me!

‘I hope that you are still no longer angry with me.’<sup>101</sup>

Seguinte ao aspecto continuativo vem o núcleo funcional aspectual relacionado à marcação de Aspecto perfeito/imperfeito (*perfect/imperfect aspect*). CINQUE não levanta muitas hipóteses acerca desse núcleo nem tece maiores comentários e afirmações sobre sua caracterização. Indica apenas, porém, que o núcleo perfeito/imperfeito ocorre logo após os núcleos terminativo e continuativo já vistos antes<sup>102</sup>.

Os aspectos retrospectivo e aproximativo (*retrospective and proximative aspects*) ocorrem logo após o perfeito/imperfeito. Eles são abordados de maneira conjunta pelo autor por causa da estreita relação que há entre eles. De maneira geral, o aspecto retrospectivo expressa que uma determinada ação ocorreu em um determinado tempo passado, ou, mais precisamente, que acabou de ocorrer. Já o aspecto aproximativo expressa que uma determinada ação ocorrerá logo mais adiante no futuro, ou, mais precisamente, que acontecerá a partir de agora em diante. Segundo CINQUE, esse dois aspectos das línguas naturais são, geralmente, expressos através de partículas,

---

<sup>100</sup>Tradução minha: Eu espero que você não esteja ainda zangada comigo.

<sup>101</sup>Tradução minha: Eu espero que você ainda não esteja zangada comigo.

<sup>102</sup> Talvez, o núcleo perfeito/imperfeito mencionado por CINQUE esteja ligado diretamente ao que chamamos de aspecto perfectivo e imperfectivo em língua portuguesa, já mencionado anteriormente neste texto por nós (cf. 3.7.2). Assim, talvez, tal núcleo funcional aspectual seja justamente o lugar no qual ocorre a marcação das sentenças distinguido-as entre perfectivas e imperfectivas, embora não possamos afirmar categoricamente isso aqui devido ao fato de que o autor não deixa muito claro e nem tece maiores considerações acerca do que ele denomina de perfeito/imperfeito em seu texto.

perífrases <sup>103</sup> ou afixos verbais, como, respectivamente, nas línguas *Yimas* (60 a.) e *Una* (60 b.) da região do indo-pacífico e na língua malaio-polinésia *Kwiao* (62 a. e 62 b.) da Ásia, E.g. (*supra*, pág.97):

(14)

a. Ti-n-ti-*mpa*-t.

[Obj]=3sg[Subj]-do-*IMM*-PERF

‘She’s just finished’.<sup>104</sup>

b. E-*n*-we

say-*momAsp*-1sg1PAST

‘I was saying just a while ago.’<sup>105</sup>

(15)

a. Ngai e bi”i nigi.

FPr(3s) SRP(1s) TAM arrive

‘He just got here’.<sup>106</sup>

---

<sup>103</sup> A própria língua portuguesa, além da língua francesa, são exemplos de línguas que expressam o aspecto retrospectivo através de perífrases verbais, como podemos constatar nos exemplos abaixo (CINQUE, *supra*, pág.96):

(59)

a. *Je viens d’arriver.* (adaptado)

b. Acabo de chegar. (adaptado)

<sup>104</sup> Tradução minha: Ela está acabada.

<sup>105</sup> Tradução minha: Eu dizia há pouco tempo.

<sup>106</sup> Tradução minha: Ele acabou de chegar aqui.



b. Ta-goru- bi'i aga-si-a.

FUT-SRP(1t) TAM see- TrS-Pro(3s)

'We'll see it soon.'<sup>107</sup>

Nas sentenças (14) e (15) (a) e (b), vê-se exemplos de línguas naturais que expressam o Aspecto retrospectivo/aproximativo por meio de partículas e morfemas livres (aglutinantes), como *mpa* e *n* em (14a/14b), além de línguas que têm a possibilidade paramétrica de não os realizarem na forma fonológica, deixando a posição de núcleo vazia, como em (15a/15b).

Depois dos núcleos aspectuais retrospectivo e aproximativo, ocorre o núcleo funcional aspectual durativo (*durative aspect*). O núcleo aspectual durativo, basicamente, expressa a duração, em um determinado período de tempo, da ocorrência de uma ação ou acontecimento. Assim, o aspecto durativo expressa que uma ação verbal prolonga-se no tempo em sua execução, ou seja, possui uma duração. Exemplos do aspecto durativo na sentença podem ser visualizados abaixo (CINQUE, *supra*, p.98):

(16)

a. Gianni ha appena *brevemente* parlato con il suo capo.

'G. just briefly talked with his boss.'<sup>108</sup>

b. \* Gianni ha *brevemente* appena parlato con il suo capo. (adaptado)

Nos exemplos acima, o Aspecto durativo é expresso fonologicamente em língua italiana por meio da ocorrência dos sintagmas adverbiais *brevemente*.

---

<sup>107</sup>Tradução minha: Nós o veremos (isto) em breve.

<sup>108</sup>Tradução minha: ? G. apenas momentaneamente conversou com seu chefe.

Os outros dois núcleos funcionais aspectuais seguintes ao aspecto durativo são os núcleos aspectuais genérico e progressivo (*generic/progressive aspect*). Segundo CINQUE (*supra*, pág.99), “*Generic sentences in fact seem to refer to some inherent characteristic (of an object) that may not even have had realization once.*”<sup>109</sup>” O aspecto genérico, então, diferencia-se do aspecto habitual, segundo o autor, porque, enquanto este expressa a ocorrência de uma ação como um fato real habitual, repetindo-se usualmente no tempo, aquele outro expressa a ação verbal como um fato real “genérico” que pode ainda não ter sido realizado concretamente, ou seja, um fato verídico, mas que nunca foi executado. Já o aspecto progressivo expressa que uma determinada ação verbal está ocorrendo (ou seja, está em progresso) no tempo. Pode-se exemplificar em língua portuguesa o aspecto genérico e progressivo, respectivamente, como logo mais adiante:

(17)

- a. Um ser humano corre até 40 km por horas.
- b. Marcos está correndo agora a 20 km por hora.

Em (17a) é afirmado, de modo genérico, que um ser humano pode correr até 20 km por hora; enquanto que em (17b) é afirmado que um ser humano específico está correndo 20 km por hora.

Em seguida, aparece o aspecto prospectivo (*prospective aspect*). O núcleo funcional aspectual prospectivo relaciona-se àquelas formas gramaticais (afixos, partículas, auxiliares e construções perifrásticas) que expressam um determinado ponto no tempo que é imediatamente anterior ao começo ou ao instante inicial de um “estado, evento ou processo.”<sup>110</sup> CINQUE (*supra*, pág.99) cita que, às vezes, ele é relacionado ao tempo futuro, mas isso não condiz totalmente com a verdade. Exemplos da

---

<sup>109</sup> Tradução minha: Frases genéricas na verdade parecem referir-se para alguma característica inerente (de um objeto) que, provavelmente, nunca já teve realização ao menos uma vez.

<sup>110</sup> Segundo CINQUE (*supra*, pág.99), o termo “Aspecto prospectivo” veio a ser usado para aquelas formas gramaticais (afixo, partículas, auxiliares e construções perifrásticas) que marcam o ponto exatamente anterior ao começo ou início de um evento ou ação.

ocorrência de núcleo aspectual prospectivo são fornecidos, respectivamente em língua inglesa e em língua italiana, logo mais adiante abaixo (*supra*):

(18)

- a. It was *almost* raining.<sup>111</sup>
- b. He *nearly* accepted.<sup>112</sup>
- c. We were *imminently* leaving for Spain.<sup>113</sup>

(19)

- a. Gianni *stava per morire*.  
'G. was about to die.'<sup>114</sup>
- b. Gianni è *quasi* morto.  
'G. has almost died.'<sup>115</sup>

Os sintagmas adverbiais ingleses *almost*, *nearly*, *imminently* e os sintagmas adverbiais italianos *quasi* são a realização fonológica do Aspecto prospectivo.

Logo após o aspecto prospectivo, seguem-se os núcleos funcionais aspectuais completivos (*completive aspect I and II*). O aspecto completivo, assim como ocorreu com os outros núcleos aspectuais celerativos I e II, repetitivos I e II, freqüentativos I e II, também ocorre bifurcado com dois posicionamentos possíveis de existirem na arquitetura sintática. Assim, existem os núcleos completivos I e II. Cada qual ocupando

---

<sup>111</sup>Tradução minha: Estava quase chovendo.

<sup>112</sup>Tradução minha: Ele quase aceitou.

<sup>113</sup>Tradução minha: Nós estávamos iminentemente/em breve partindo para a Espanha.

<sup>114</sup>Tradução minha: G. estava prestes a morrer.

<sup>115</sup>Tradução minha: G. quase morreu.

posições distintas da sentença e independentes entre si, igualmente aos demais núcleos funcionais bifurcados anteriormente citados. Os núcleos aspectuais completivos expressam que uma determinada ação já tem alcançado seu fim ou seu ponto final, isto é, sua conclusão, assim como afirma CINQUE (*supra*, p.100): *Many languages appear to have a specific marker to signal that a telic process has reached completion (namely, the natural end point of the process)* <sup>116</sup>.

CINQUE aponta, ainda, que enquanto o núcleo completivo I expressa que cada membro de um determinado grupo, no caso de um conjunto de elementos, tem sido afetado pelo término da ação, o núcleo completivo II expressa que cada membro de um grupo tem sido totalmente afetado pelo término da ação. Dessa forma, o completivo I indica que a ação afetou a todos os membros do grupo e o completivo II indica que a ação que afetou todos os membros de um grupo já terminou<sup>117</sup>, como citado adiante pelo autor (*supra*, pág.101):

In the case of a *plural* (definite) object, “completion” implies both of two things: (1) that the plural set has been *totally* affected (i.e., each member of the set has been affected), and (2) that each member of the set has been *totally* affected (see Bybee et al. 1994, 57). <sup>118</sup>

Esse é o motivo pelo qual CINQUE prefere estabelecer uma distinção, inclusive ocupando posições sintáticas diversas, entre esses dois tipos de aspecto completivo. Exemplos de sentenças expressando o aspecto completivo I e II (respectivamente, do húngaro e do inglês) são colocados a seguir (*supra*, pág.100):

---

<sup>116</sup>Tradução minha: Algumas línguas parecem ter um marcador específico para sinalizar que um processo *télico* tem alcançado a sua conclusão.

<sup>117</sup>Exemplos do que CINQUE chama de aspecto completivo I e completivo II são fornecidos, respectivamente, pelas sentenças seguintes traduções minhas (CINQUE, 1999, pág.210, adaptado):

- (i) All the children ate some tamale(s). Todas as crianças comeram alguns/algumas *tamale(s)*.
- (ii) The children ate all of the tamale(s). As crianças comeram todos/todas os/as *tamale(s)*.

<sup>118</sup> Tradução livre minha: No caso de objeto (definido) plural, “conclusão” implica ambas as coisas: (1) que o conjunto plural tem sido totalmente afetado (i.e., cada membro do conjunto foi afetado), e (2) que cada membro do conjunto foi totalmente afetado (see Bybee et al. 1994, 57).

(20)

a. Wara-*kaaku*-sha.

Dawn-COMPL-3PERF

‘It has completely dawned (i.e. it is now day).’<sup>119</sup>

b. Ta zuotian xie-*wan*-le yifeng xin.

he yesterday write-COMPL-PERF a letter

‘He wrote a letter (to the end).’<sup>120</sup>

c. Kuugal timm-*id*-i.

Work finish-COMPL-TENSE

‘The job is completely finished.’<sup>121</sup>

(21) (adaptado)<sup>122</sup>

a. He ate *up* his sandwich.

b. He ate *up completely* sandwich.

---

<sup>119</sup>Tradução minha: Já amanheceu completamente (isto é, agora é dia).

<sup>120</sup>Tradução minha: Ele escreveu uma carta (ao final).

<sup>121</sup>Tradução minha: O trabalho está terminado completamente.

<sup>122</sup>As traduções em língua portuguesa das sentenças a e b, nessa ordem, são:

a. Ele comeu até o fim seu sanduíche.

b. Ele comeu completamente até o final seu sanduíche.

Nas sentenças, o Aspecto completivo I e II é exemplificado tanto por meio de partículas e morfemas livres *kaaku, wan, id* em (20) quanto por meio dos sintagmas adverbiais *up, up completely* em (21).

Por fim, após todos os núcleos funcionais aspectuais vistos, ainda há o núcleo funcional ligado às vozes ativa e passiva do verbo (*Voice*<sup>o</sup>). Entretanto, apesar de aqui aparecer como última projeção funcional mencionada dentro da Hierarquia Universal de CINQUE, *Voice* não ocupa a última posição na hierarquia propriamente dita, mas, sim, ocorre dentro o esquema das projeções funcionais aspectuais, localizando-se logo após o aspecto completivo I e antes do aspecto celerativo II. Segundo CINQUE, o núcleo *Voice* está relacionado diretamente com os chamados “advérbios de modo/maneira” das GTs, para nós, mais precisamente, sintagmas adverbiais de modo. Uma possível comprovação disso vem do fato de que em algumas línguas, como na língua *Maori* (*Austronesian*), as partículas lingüísticas indicativas de modo/maneira realizam concordância com os verbos em voz passiva.<sup>123</sup> Além disso, na língua italiana, CINQUE demonstra como é impossível, tornando-se a sentença agramatical, que os sintagmas adverbiais de modo/maneira ocupem a posição logo à direita do particípio passado passivo, pois a posição na qual estes sintagmas (em itálico) devem localizar-se é a imediatamente à esquerda deste particípio passado italiano (em negrito), e.g. (CINQUE, *supra*, pág.103):

(22)

Questo genere di spettacoli è sempre stato *bene accolto* da tutti.

‘This kind of show has always been well received by everybody.’<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup>CINQUE (*supra*, pág.102) fornece os seguintes exemplos desta relação de concordância existente entre as partículas adverbiais e os verbos passivos em língua *Maori*:

I peehi a rawa tia ngaa waahine.  
T/A oppress PASS intens PASS the(pl) women.  
‘The women were severely oppressed’.  
“As mulheres foram severamente oprimidas”.

<sup>124</sup>Tradução minha: Este tipo de espetáculo sempre tem sido bem recebido por todos. Compare-se com a sentença portuguesa seguinte: ? Este tipo de espetáculo tem sempre sido recebido bem por todos.

Contudo, quanto se trata do particípio passado ativo italiano, o verbo, normalmente, ocorre na posição à direita do verbo. CINQUE explica isso justificando que, comumente, o particípio passado ativo italiano tem de se elevar para posições mais acima de *Voice* para checagem de outros traços necessários, como o do aspecto perfectivo etc. Também, às vezes, o próprio particípio passado passivo italiano permite a ordem com os sintagmas adverbiais à direita do verbo, como nos exemplos do autor em (23). Segundo CINQUE, essa ordem aparentemente contrária pode ser explicada pelo fato de que, às vezes, também o particípio passado passivo, a exemplo do particípio ativo, tem que subir algumas posições mais além de *Voice* para checar traços, como o do aspecto progressivo ou genérico, por exemplo.

(23)

a. \*Ieri sera, il suo spettacolo era stato ***bene accolto*** da tutti.

‘Last night, his show had been well received by everybody.’<sup>125</sup>

b. Ieri sera, il suo spettacolo era stato ***accolto bene*** da tutti.

‘Last night, his show had been received well by everybody.’<sup>126 127</sup>

Assim, discorreu-se sobre todos os núcleos funcionais da sentença apontados por CINQUE. Viu-se que, de maneira geral, todos eles estão ligados a pelo menos uma

---

<sup>125</sup>Tradução minha: Na última noite passada, o espetáculo dele tinha sido bem recebido por todos.

<sup>126</sup>Tradução minha: Na noite passada, seu espetáculo (dele) tinha sido bem recebido por todos.

<sup>127</sup>Apesar dos exemplos 133 e 134 anteriores em língua portuguesa parecerem ambos gramaticais, pode-se fornecer como exemplos da relação existente entre o particípio passado da voz passiva com os sintagmas adverbiais de modo/maneira algumas outras sentenças agramaticais na nossa língua. Tais exemplos demonstram, de certa forma, que, realmente, os sintagmas adverbiais de modo/maneira não podem vir à direita da forma verbal no particípio passado, mas, sim, sempre à esquerda do verbo.

*E.g.:*

(i) ??? Na noite passada, o espetáculo foi assistido *bem*.

(ii) Na noite passada, o espetáculo foi *bem* assistido.

(iii) \*A bola foi chutada *bem* por Carlos no jogo.  
A bola foi bem chutada por Carlos no jogo.

das categorias do verbo, seja esta de Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade (TAM), ou, ainda, Número e Voz. De agora em diante, faz-se um breve comentário acerca dos itens lexicais que, segundo o autor, são candidatos eminentes para preencherem tais núcleos. A subseção seguinte, então, intenciona apresentar os AdvPs correspondentes a cada posição de núcleo funcional anteriormente mencionada.

### 3.7.4 – A Hierarquia Universal dos núcleos funcionais *versus* os sintagmas adverbiais

Ao mesmo tempo em que fala em seu texto acerca das projeções funcionais presentes na estrutura sintática do que alguns autores denominam de periferia esquerda da sentença (cf. RIZZI, 1997, 2004), CINQUE (1999) apresenta a proposta de alguns exemplos de sintagmas adverbiais que ocupem e preencham as posições de núcleos dos especificadores (Spec) daquelas projeções funcionais anteriormente relacionadas. Assim, exemplificam-se agora nessa subseção presente tais núcleos. Comumente, de maneira geral, CINQUE exemplifica com sintagmas adverbiais da língua inglesa e, às vezes, da língua italiana e, menos freqüentemente, de outras línguas naturais quaisquer. Entretanto, aqui, também, forneceremos exemplos do português brasileiro (PB) para todos os núcleos funcionais abordados que são marcados positivamente em língua portuguesa.

Segundo CINQUE, exemplos de sintagmas adverbiais que correspondem à projeção funcional ligada aos atos de fala (Mood<sub>speech act</sub>) são os itens lexicais ingleses *frankly, honestly, sincerely*, dentre outros. Em PB, podemos apontar palavras como *francamente, honestamente, sinceramente, acreditadamente, desacreditadamente, verdadeiramente, probabilisticamente*, etc.

Exemplos de sintagmas adverbiais que preenchem a posição de núcleo do Spec da projeção funcional de modo avaliativo (Mood<sub>evaluative</sub>) são os itens lexicais ingleses *(un)fortunately, luckily, regrettably, surprisingly, strangely/oddly (enough), (un)expectedly*, etc. Em PB, apontamos os sintagmas: *(in)fortunadamente, lamentavelmente, surpreendentemente, curiosamente, inesperadamente*, etc.



Após o modo avaliativo segue-se o modo evidencial (Mood evidencial<sup>o</sup>), como se viu. Exemplos de núcleos destes AdvPs, em língua inglesa, são: *allegedly, reportedly, apparently, obviously, clearly, evidently*, etc. Em PB, temos os seguintes sintagmas adverbiais: *supostamente, (?) reportadamente, aparentemente, obviamente, claramente, evidentemente*, etc.

O próximo núcleo funcional é o do modal epistêmico (Mood epistemic<sup>o</sup>). São exemplos de sintagmas adverbiais que lhe preenchem a posição de Spec os seguintes itens lexicais ingleses: *must, probably, likely, presumably, supposedly*, etc. Em PB, tem-se: *provavelmente, supostamente/presumivelmente*, etc.

Entre os dois núcleos funcionais mais altos diretamente relacionados com a categoria de Tempo, T(Past<sup>o</sup>) e T(Future<sup>o</sup>), CINQUE aponta alguns AdvPs correspondentes. Para o núcleo T(Past<sup>o</sup>), são apontados itens lexicais ingleses como *yesterday, two months ago, last year*, etc. Para o núcleo T(Future<sup>o</sup>), itens lexicais como *tomorrow*, etc. Para o PB exemplos podem ser fornecidos, respectivamente, para o tempo passado (*ontem, anteriormente*, etc.) e para o tempo futuro (*amanhã, futuramente* etc.)

Para o núcleo funcional de modo *irrealis* (Mood *irrealis*<sup>o</sup>), CINQUE argumenta que o sintagma adverbial inglês *perhaps* preenche tal posição sintática. Em português, o sintagma *talvez* é a tradução equivalente.

Dentre os núcleos funcionais de modo restantes, temos a seguinte correspondência: (i) modo alético de necessidade (Mod aleth necess<sup>o</sup>): (*not*) *necessarily*, em inglês, (*não*) *necessariamente*, em português; (ii) o modo alético de possibilidade (Mod aleth possib<sup>o</sup>): *possibly*, em inglês; *possivelmente*, em português.

Dentre os núcleos modais temos a seguinte correspondência: (i) o modal de volição (Mod volition<sup>o</sup>): *intentionally*, em inglês; ou *intencionalmente*, em português; (ii) o modal de obrigação (Mod obligation<sup>o</sup>): *inevitabilmente*, em italiano; *inevitably*, em inglês; ou *inevitavelmente*, em português; (iii) o modal de habilidade e permissão (Mod ability/permis<sup>o</sup>): *clumsily*, em inglês; *goffamente*, em italiano; ou *desajeitadamente*, em português.

Temos, ainda, os núcleos funcionais T(anterior<sup>o</sup>) e Voice<sup>o</sup>. Exemplos de AdvPs que preenchem a posição de Spec do núcleo T(anterior<sup>o</sup>) são os sintagmas: *already* e

*before* etc., do inglês; *já, antes* etc., em português. Exemplos de AdvPs que preenchem o núcleo Voice<sup>o</sup> são os sintagmas AdvPs *well*, do inglês; *bene*, do italiano; e *bem/mal*, do português.

Por fim, dentre os núcleos funcionais aspectuais da sentença, pode-se apontar os seguintes exemplos de sintagmas adverbiais:

Habitual (Asp<sub>habitual</sub><sup>o</sup>): *usually, habitually, customarily, generally, regulary* etc., em inglês; *di solito* etc., em italiano; e *usualmente, habitualmente, customeiramente, regolarmente, geralmente, etc.*;

Repetitivo I (Asp<sub>repetitive (I)</sub><sup>o</sup>)/ Freqüentativo (Asp<sub>frequentative (I)</sub><sup>o</sup>): *often, rarely* etc., em inglês; *di nuovo, nuovamente, ancora, spesso* etc., em italiano; *de novo, novamente* etc., em português;

Celerativo I (Asp<sub>celerative (I)</sub><sup>o</sup>): *quickly, rapidly* etc., em inglês; *rapidamente* etc., em italiano; *velozmente, depressa, rapidamente, abruptamente, bruscamente, ligeiramente* etc., em português;

Terminativo (Asp<sub>terminative</sub><sup>o</sup>): *no longer* etc, em inglês; *non... più* etc., em italiano; *não...mais, já não... mais, já não* etc., em português;

Continuativo I (Asp<sub>continuative (I)</sub><sup>o</sup>): *still* etc., em inglês; *ancora* (continuação) etc., em italiano; *ainda não, ainda, ainda não já* etc., em português;

Perfectivo/Imperfectivo (Asp<sub>perfect</sub><sup>o</sup>): *always, not never* etc, em inglês; *sempre* etc, em italiano; *sempre* etc., em português;

Retrospectivo (Asp<sub>retrospective</sub><sup>o</sup>): *just, recently, lately* etc., em inglês; *appena, recentemente, ultimamente* etc., em italiano; *ultimamente, recentemente* etc., em português;

Proximativo (Asp<sub>proximative</sub><sup>o</sup>): *immediately, soon, as soon as* etc., em inglês; *presto, súbito, immediatamente* etc., em italiano; *imediatamente, em breve, tão breve quanto, logo em breve, brevemente* etc., em português;

Durativo Asp (Asp<sub>durative</sub><sup>o</sup>): *long (time), briefly, for an hour, for a day, for a while* etc., em inglês; *brevemente, longamente* etc., em italiano; *duradouramente, brevemente, etc.*, em português;

Genérico/progressivo Asp (<sub>progressive</sub><sup>o</sup>): *characteristically, inherently, typically* etc., em inglês; *caracteristicamente, inerentemente, tipicamente* etc., em português;

Prospectivo Asp (<sub>prospective</sub><sup>o</sup>): *almost, imminently, nearly* etc., em inglês; *quase, quase já, já quase...* etc., em português;

Completivo singular Asp (<sub>completiveSg</sub><sup>o</sup>) / Completivo plural (Asp <sub>plural</sub><sup>o</sup>): *completely, tutto, totally* etc., em inglês; *completamente, tudo, todo, totalmente* etc., em português;

Celerativo II (Asp <sub>celerativo II</sub><sup>o</sup>): *quickly, fast, early* etc., em inglês; *rapidamente, rápido, depressa, cedo* etc., em português;

Repetitivo II (Asp <sub>repetitive II</sub><sup>o</sup>) / Frequentativo II (Asp <sub>frequentative II</sub><sup>o</sup>): *often, souvent* etc., em inglês; *di nuovo, ancora, spesso* etc., em italiano; *frequentemente, repetidamente*, etc. em português;

Completivo II (Asp <sub>completive II</sub><sup>o</sup>): *completely* etc., em inglês; *completamente* etc., em italiano; *completamente* etc., em português.

Assim, agora, de maneira mais geral, resumptiva e esquemática, obedecendo regularmente o ordenamento e o posicionamento proposto por CINQUE (1999), segue-se, então, a seguinte Hierarquia Linear Universal das projeções funcionais sentenciais e dos sintagmas adverbiais na arquitetura da Sintaxe das línguas naturais <sup>128</sup> (*supra*, pág.106) <sup>129</sup> no esquema (15) a seguir:

---

<sup>128</sup>No esquema de CINQUE os exemplos são da língua inglesa. Aqui transcrevemos a Hierarquia Universal do modo como é apresentado pelo autor no original.

<sup>129</sup>Esse é o segundo esquema proposto por CINQUE ao longo do seu texto de um total de três. De acordo com o que vai explanando sua hipótese, CINQUE vai crescendo a sua Hierarquia Universal os novos núcleos, modificando-lhe um pouco. Mas esse segundo esquema já conta com todos os núcleos e com a hierarquia definitiva dele. Cf. também o esquema a seguir.

## Esquema (15)

[*frankly* Mood<sub>speech act</sub> [*fortunately* Mood<sub>evaluative</sub> [*allegedly* Mood<sub>evidential</sub> [*probably* Mod<sub>epistemic</sub> [*once* T(past) [*then* T(future) [*perhaps* Mood<sub>irrealis</sub> [*necessarily* Mod<sub>necessity</sub> [*possibly* Mod<sub>possibility</sub> [ *habitual* (Asp<sub>habitual</sub>) [*again* Asp<sub>repetitive (I)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative (I)</sub> [*intentionally* Mod<sub>volitional</sub> [*quickly* Asp<sub>celerative (I)</sub> [T(anterior) [*no longer* Asp<sub>terminative</sub> [*still* Asp<sub>continuative (I)</sub> [*always* Asp<sub>perfect</sub> [*just* Asp<sub>retrospective</sub> [*soon* Asp<sub>proximative</sub> [*briefly* Asp<sub>durative</sub> [*characteristically(?)* Asp<sub>generic/progressive</sub> [*almost* Asp<sub>prospective</sub> [*completely* Asp<sub>Sg Completive (I)</sub> [*tutto* Asp<sub>PI completive</sub> [*well* Voice [*fast/early* Asp<sub>celerativo (II)</sub> [*again* Asp<sub>repetitive (II)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative (II)</sub> [*completely* Asp<sub>completive (II)</sub>

CINQUE (2006 d, pág.175) atualiza a Hierarquia Linear Universal apresentada em CINQUE (1999) para a seguinte reproduzida no esquema (16):

## Esquema (16)

MoodP<sub>speech act</sub> > MoodP<sub>evaluative</sub> > MoodP<sub>evidential</sub> > ModP<sub>epistemic</sub> > TP<sub>past</sub> > TP<sub>future</sub> > MoodP<sub>irrealis</sub> > TP<sub>anterior</sub> > ModP<sub>alethic</sub> > AspP<sub>habitual</sub> > AspP<sub>repetitive(I)</sub> > Asp<sub>frequentative(I)</sub> > ModP<sub>volition</sub> > AspP<sub>celerative(I)</sub> > AspP<sub>terminative</sub> > AspP<sub>continuative</sub> > AspP<sub>perfect</sub> > AspP<sub>retrospective</sub> > AspP<sub>proximative</sub> > AspP<sub>durative</sub> > AspP<sub>progressive</sub> > AspP<sub>prospective</sub> > AspP<sub>inceptive(I)</sub> > AspP<sub>obligation</sub> > ModP<sub>ability</sub> > AspP<sub>frustrative/success</sub> > ModP<sub>permission</sub> > AspP<sub>conative</sub> > AspP<sub>completive(I)</sub> > VoiceP > AspP<sub>repetitive(II)</sub> > AspP<sub>frequentative(II)</sub> > AspP<sub>celerative(II)</sub> > AspP<sub>inceptive(II)</sub> > AspP<sub>completive(II)</sub> > V

Além do esquema acima, CINQUE cria, ainda, uma tabela que representa os valores *default* (não-marcados) e os valores marcados de cada projeção funcional visualizada. Nessa tabela, CINQUE fornece os traços caracterizadores de cada um daqueles núcleos funcionais vistos, num contexto de oposição entre marcação e não-marcação. Essa tabela contém todas as projeções funcionais sentenciais mencionadas

por CINQUE (1999) ao longo de sua obra. Com isso, temos o seguinte Quadro I adiante (*supra*, pág.130) <sup>130</sup>:

---

<sup>130</sup>Todo o quadro está como encontrado no original referenciado, em língua inglesa. Achei melhor fazê-lo assim para que possíveis traduções não adequadas não viessem a promover dúvidas ao leitor acerca do entendimento da proposta formal de CINQUE. Contudo, todos os termos utilizados já foram traduzidos e apresentados anteriormente ao longo de nossa explanação. Cremos que, os diversos núcleos funcionais, a esse momento do texto, já não são totalmente inéditos para o nosso leitor.

QUADRO I – Valores do traço *default* (não-marcado) e marcado dos núcleos das projeções funcionais da cartografia do IP:

<b>Núcleos funcionais</b>	<b>Valor <i>default</i></b> <sup>131</sup>	<b>Valor marcado</b>
MoodP <sub>speech act</sub>	Declarative	- declarative
MoodP <sub>evaluative</sub>	- [- fortunate]	- fortunate
MoodP <sub>evidential</sub>	direct evidence	- direct evidence
ModP <sub>epistemic</sub>	direct evidence	- commitment
TP(Past)	R <sub>1</sub> , S	R <sub>1_s</sub>
TP(Future)	R <sub>1</sub> , S <sub>2</sub>	R <sub>1_S2</sub>
MoodP <sub>irrealis</sub>	Realis	Irrealis
ModP <sub>aleth necess</sub>	- [- necessary]	- necessary
ModP <sub>volition</sub>	- [- volition]	- volition
ModP <sub>obligation</sub>	- [- obligation]	- obligation
ModP <sub>ability/permis</sub>	- [- ability/permission]	- ability/permission
AspP <sub>habitual</sub>	- [+ habitual]	+ habitual
AspP <sub>repetitive (I)</sub>	- [+ repetitive]	+ repetitive
AspP <sub>frequentative (I)</sub>	- [+ frequentative]	+ frequentative
AspP <sub>celerative (I)</sub>	- [+ celerative]	+ celerative
TP(anterior)	E, R <sub>2</sub>	E_R2
AspP <sub>terminative</sub>	- [+ terminative]	+ terminative
AspP <sub>continuative</sub>	- [+ continuative]	+ continuative
AspP <sub>perfect</sub>	Imperfect	+ perfect
AspP <sub>retrospective</sub>	- [+ retrospective]	+ retrospective
AspP <sub>proximative</sub>	- [+ proximative]	+ proximative
AspP <sub>durative</sub>	- [+ durative]	+ durative
AspP <sub>progressive</sub>	Generic	+ progressive
AspP <sub>prospective</sub>	- [+ prospective]	+ prospective
AspP <sub>completiveSg</sub>	- [+ completive]	+ completive
AspP <sub>completivePl</sub>	- [+ completive]	+ completive
<i>VoiceP</i>	Active	Passive

<sup>131</sup>CINQUE ressalta que nesse quadro o posicionamento dos modais raízes (Mod<sub>volition</sub>; Mod<sub>obligation</sub>; Mod<sub>ability/permis</sub>) talvez seja, ainda, um pouco mais baixo dentro da estrutura sintática exposta do que o que está representado no quadro.

AspP <sub>celerative</sub> (II)	- [+ celerative]	+ celerative
AspP <sub>repetitive</sub> (II)	- [+ repetitive]	+ repetitive
AspP <sub>frequentative</sub> (II)	- [+ frequentative]	+ frequentative
AspP <sub>completive</sub> (II)	- [+ completive]	+ completive

### 3.7.5 – Ratificando a proposta de CINQUE (1999)

Nesta subseção apresentarei algumas das motivações teóricas e empíricas, para além daquelas outras que já foram expostas ao longo de todas as subseções anteriores do capítulo 3 presente, que me levam a ratificar a tese de CINQUE como a hipótese teórica existente atualmente para explicar o posicionamento e o ordenamento sintático dos sintagmas adverbiais (advérbios) nas línguas naturais com o maior poder de adequação explanatória.

RIZZI (1997, pág.281) propõe que a arquitetura sintática das línguas seja cingida em três grandes “campos” ou “camadas” específicas. Cada uma dessas camadas compõe zonas, segundo o autor, nas quais são satisfeitas certas necessidades específicas para que uma computação lingüística “bem-feita” possa derivar para os níveis de interfaces bem-sucedidas (gramaticais). Assim, estas três grandes zonas, com suas respectivas funções na computação lingüística e seus respectivos elementos componentes do Léxico, são:

1- Camada: Lexical (VP)

Função: verbo; marcação *theta*.

2- Camada: (in)flexional (IP)

Função: núcleos funcionais do verbo; licenciamento de traços argumentais tais como Caso e Concordância (*agree*).

3- Camada: Complementizador (CP)

Função: morfemas funcionais livres; operadores como tópicos, focos, interrogativos, relativos, pronomes etc.

Entretanto, e principalmente, RIZZI afirma que na verdade, cada uma dessas camadas, particularmente IP e CP, parecem ser compostas por todo um arranjo completo de projeções X-barra ( $\bar{A}$ ). Os núcleos destas projeções para RIZZI (pág.282) necessitam checar traços, por isso movimentam-se formando cadeias não-triviais. Além disso, para ele, normalmente, a manifestação presente ou preenchida (PF) ocorre com a realização plena ou do núcleo ou do Spec, mas, dificilmente, com os dois juntos<sup>132</sup>. Os três campos/camadas mantêm, ainda segundo RIZZI, relações sintáticas intrínsecas entre si. Assim, IP é relacionado (uma projeção estendida) do VP, e CP não é relacionado diretamente ao VP ou IP, no sentido de ser uma projeção estendida daqueles dois outros. Os advérbios na proposta de RIZZI ocupam a posição de Spec dos núcleos presentes nas camadas de CP e IP. A seguir uma representação esquemática da Zona-de-CP de RIZZI:

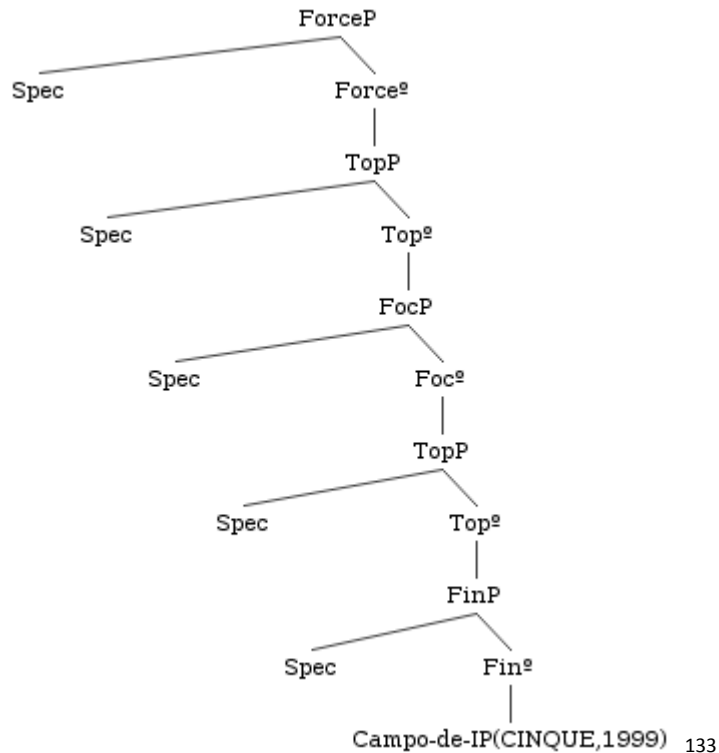
---

<sup>132</sup>Logo mais adiante veremos como tal afirmação coaduna com a perspectiva da tese de CINQUE na qual o licenciamento das projeções funcionais do campo de IP ocorre ou via preenchimento do núcleo ou via preenchimento da posição de especificador por um sintagma adverbial correspondente.



Esquema (17):

O sistema ou camada de CP (RIZZI, 1997, pág.281).



Partindo da análise de RIZZI, o interessante aqui para os objetivos centrais deste texto é salientar que as projeções teorizadas por CINQUE compõem justamente o campo do IP, responsável pelos núcleos funcionais e pelo licenciamento de traços argumentais do verbo tais como Caso e Concordância (*agree*). Concordamos com (RIZZI, 1997, pág.301) que afirma que os advérbios movimentam-se para o Spec de um dos núcleos da camada de CP, porém acrescentamos que eles vieram originariamente já de outras posições de Spec, a saber: a de Spec de uma das projeções da camada de IP postuladas por CINQUE.

---

<sup>133</sup>Confira na parte II dos Anexos desta dissertação a esquematização completa em sistema arbóreo (X-barra) simplificado das projeções funcionais do campo de IP de CINQUE (1999).

Por outro lado, PIRES DE OLIVEIRA (2001 b, pág.221) cita o interessantíssimo caso da língua chinesa que não marca a categoria de Tempo nas flexões dos verbos ou através das perífrases verbais, mas, sim, por meio de advérbios temporais. Sendo que há que ressaltar, também, o fato de o mesmo fenômeno ocorrer com o sistema de marcação funcional das chamadas línguas crioulas e similares, que, após terem a morfologia funcional da língua-alvo drasticamente reduzida por meio da transmissão lingüística irregular (cf. LUCCHESI, 1999, 2000, 2001, 2002), em seu processo de “recomposição” utilizam-se justamente dos elementos sintáticos adverbiais para realizarem a marcação das categorias verbais presentes no sistema funcional das sentenças, tais como Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade etc. (cf. Parte I dos Anexos deste texto) <sup>134</sup>. Além disso, na própria língua portuguesa falada no Brasil, encontram-se exemplos de frases como (24) e (25) logo mais abaixo, colocados em (PIRES DE OLIVEIRA, *supra*), que exemplificam ocorrências em nossa língua de marcação temporal somente por meio de advérbios sem a utilização de afixos morfológicos.

(24) João fala *agora* (ação verbal expressa no presente).

(25) João fala *amanhã* (ação verbal expressa no futuro).

A gramaticalidade de tais sentenças contrapõe-se, ainda, àquelas outras sentenças em (26) e (27) nas quais a marcação de tempo ocorre concomitantemente tanto pelo uso de afixos morfológicos quanto pelo uso dos advérbios, o que gera resultados de agramaticalidade:

(26) \*O João falou *amanhã*.

(27) \*João fala *ontem*.

---

<sup>134</sup>Agradeço ao professor doutor da Universidade de Macau Alan BAXTER que, em um curso acerca das línguas crioulas de base portuguesa do continente asiático ministrado na Universidade Federal da Bahia em abril de 2010, forneceu o quadro e os dados sobre a estrutura morfossintática dos crioulos de base portuguesa da Ásia, particularmente da região de colonização portuguesa de Macau, na China.

Recentemente, muitos artigos, dissertações e teses têm sido publicadas analisando diversas línguas naturais do mundo na tentativa de avaliar o poder de adequação descritiva da tese de CINQUE dos sintagmas adverbiais enquanto especificadores funcionais (*E.g.* WILSON e SAYGIN, 2003; LIMA, 2006; CORCU, 2006; TESCARI NETO, 2008; comunicações de OLIVEIRA, 2009). Desse modo, os trabalhos de WILSON e SAYGIN e o de CORCU, analisando a Hierarquia Linear Universal na língua turca, propõem que, respectivamente, em turco o escopo contribuiria mais do que a hierarquia dos núcleos funcionais para o ordenamento linear dos advérbios, e que a estrutura semântica interna dos advérbios epistêmicos em língua turca seria determinada não somente pela posição sintática deles mais, também, pela relação com os marcadores TAM.

CINQUE (2006 d, pág.175) contra-argumenta essas e as outras afirmações de que em língua turca (e em qualquer outra língua natural) os afixos das categorias de Modo/Modalidade, Tempo e Aspecto possuem uma ordenamento sintático livre, podendo-se movimentar livremente pelos diferentes núcleos funcionais. Ele baseia sua argumentação na afirmação de que, na verdade, um único e mesmo afixo ou partícula gramatical (uma mesma entrada lexical) pode ocupar a posição de núcleos de diversas projeções funcionais diferentes da sentença, com leves (ou, às vezes, bruscas) alterações de significado (CINQUE, 2006 c, pág.171):

Although one cannot be certain that all cases of variable ordering of mood, modality, tense, aspect, and voices suffixes are due to the same suffix filling different, specialized head positions in an invariant hierarchy, the preceding discussion of some such cases at least renders this eventuality plausible. If so, many inconsistencies in the relative order of grammatical heads among languages might turn out to be apparent only. One language could, for example, have an inceptive morpheme corresponding only to the higher Inceptive aspect head, while another could have one corresponding only to the lower Inceptive aspect head, thus giving the impression of ordering its Inceptive aspect marker differently from the other language <sup>135</sup>.

---

<sup>135</sup>Tradução minha: Embora não seja certo que todos os casos de ordenamento variável de modo, modalidade, tempo, aspecto e voz sejam devidos ao mesmo sufixo preenchendo diferentes posições de núcleos especializadas em uma hierarquia invariável, as discussões precedente de tais casos, no mínimo,

Em PB podemos exemplificar tal fato pelo posicionamento do sintagma adverbial *possivelmente* e *sempre*, de maneira respectiva, nas sentenças (a) (b) e (c) (d) abaixo:

a) Romário *possivelmente* será convocado pelo técnico.

(Pergunta: Quem será convocado pelo técnico?)

b) Romário será convocado *possivelmente* pelo técnico.

(Pergunta: Quem convocará Romário?)

c) Carlos vai *sempre* à praia aos domingos.

(Pergunta: Aonde Carlos vai aos (quase todos os) domingos?)

d) Carlos vai à praia *sempre* aos domingos.

(Pergunta: Quando Carlos vai à praia? Carlos vai à praia em que dia?)

Fica claro para nós que os pares de sentenças (a)-(b), (c)-(d) não compartilham o mesmo significação/interpretação. Em (a) tem-se a interpretação de que é possível que Romário seja convocado, o que não é totalmente certo de ocorrer, no caso, pelo técnico. Já em (b) tem-se a interpretação de que a convocação de Romário, que já é certa, será realizada *possivelmente* pelo técnico, não por outra pessoa. Em (c) tem-se a afirmação de que Carlos, aos domingos, *sempre* vai à praia, isto é, no domingo você certamente não o encontrará em outro local. Já em (d) tem-se a afirmação de que, quando Carlos vai à praia, o que pode ocorrer só esporadicamente, ele o faz *sempre* aos domingos, não em outro dia da semana qualquer.

---

ressaltam esta eventual possibilidade. Assim então, algumas inconsistências na ordem relativa dos núcleos gramaticais entre as línguas tornam-se apenas aparentes. Qualquer língua poderia, por exemplo, ter um morfema inceptivo correspondendo somente para um núcleo aspectual inceptivo mais alto, enquanto outra (língua, *grifo nosso*) teria somente um núcleo inceptivo correspondente mais baixo, então dando a impressão de ordenar seu marcador aspectual inceptivo diferentemente de outra língua.

A comprovação de que os dois pares de sentenças não são homônimos em seus significados vem da impossibilidade de trocar a pergunta da primeira sentença dos pares para a resposta da segunda ou vice-versa. Isto demonstra, a meu ver, que os sintagmas adverbiais ali presentes, apesar de apresentar uma mesma forma fonológica, não são equivalentes semanticamente, justamente porque ocupam posicionamentos sintáticos diversos, como proposto por (CINQUE, 2006 d, pág.182) para a língua turca, tomando-a para exemplificar a estrutura de todas as línguas naturais:

If the preceding interpretation of the fact is correct, there may be no real reason to conclude from the apparent variable ordering of certain suffixes in Turkish that “the order among inflectional suffixes is slightly flexible [while] grammatical function changing affixes are rigidly fixed’ (In the partial order: V-RECIPROCAL-CAUSATIVE-PASSIVE) (GÖKSEL 1993: 18). Functional heads are rigidly fixed, though one and the same morpheme, by filling different heads (with concomitantly different functions), may give the impression of changing places <sup>136</sup>.

Tudo isso, conduz-nos a acreditar que, até o momento, a tese de CINQUE (1999) é a explicação teórica com maior poder de adequação explanatória cujo objeto de estudo é o posicionamento e o ordenamento dos advérbios dentro da arquitetura sintática das línguas naturais. Principalmente, pensando que o fato de categorias funcionais como o Tempo em língua chinesa ou portuguesa, como se viu anteriormente, poder expressar-se ou por meio de realização morfológica expressa efetiva através de flexões, partículas, perífrases verbais etc., ou por meio, simplesmente, de advérbios ocupando a posição de Spec de uma projeção funcional correspondente, coaduna com a afirmação de (RIZZI, 1997), antes exposta, para quem é necessário apenas que ou o núcleo (funcional) da projeção máxima ou, então, a posição de Spec seja preenchida para satisfazer os critérios de checagem de traços e, portanto, de gramaticalidade das sentenças.

---

<sup>136</sup>Tradução minha: Se a interpretação precedente de fato está correta, não deve haver razões reais para concluir a partir do ordenamento variável de certos sufixos em turco que ‘a ordem entre os sufixos flexionais é altamente flexível (enquanto) afixos de mudança de função gramatical são rigidamente fixos’ (na ordem parcial: V-recíproco-causativo-passivo) (GÖKSEL 1993: 18). Núcleos funcionais são rigidamente fixos, embora um único e mesmo morfema, por preencher diferentes núcleos (com diferentes funções concomitantemente), dê a impressão de mudança de ordem.

### 3.7.0 – Conclusão

No capítulo 3 presente, mencionou-se que o lingüista CINQUE propõe uma abordagem nova e original para tratar o posicionamento e a organização das projeções funcionais e dos sintagmas adverbiais. Mencionou-se, também, que tal proposta consiste em considerar os AdvPs como núcleos de Spec das projeções funcionais da sentença. Diz-se, ainda, que tal proposta encontra-se em oposição à abordagem mais tradicional dos AdvPs como adjunto sintáticos. Viu-se o relacionamento estreito que há entre os núcleos funcionais e algumas categorias verbais, particularmente as categorias TAM (de Tempo, Modo e Aspecto), além das categorias verbais de Número e Voz. Apresentaram-se as projeções funcionais propostas pelo autor e os AdvPs que, segundo o autor, lhes são correspondentes, bem como a Hierarquia Linear Universal para ambos os sintagmas. Depois se expôs as principais motivações empírico-teóricas para a adoção da tese de CINQUE em nosso trabalho.

No capítulo 4 por vir, discorre-se especificadamente sobre cada classe particular dos AdvPs predicativos. Dentre os AdvPs predicativos, focaliza-se os predicativos de constituintes. Tal afunilamento justifica-se porque tais elementos componentes do Léxico constituem-se enquanto nosso objeto específico de estudo. Assim, segue-se para o próximo capítulo do nosso texto.

## Capítulo 4 – Os sintagmas adverbiais (AdvPs) predicativos (ILARI *et alli*, 1990)

### 4.1 – Introdução

Os advérbios<sup>137</sup> constituem uma classe de palavras que funciona sintático-semanticamente como modificadores de outras classes de palavras (geralmente, diz-se dos verbos, dos adjetivos e de outros advérbios). Essa modificação normalmente é de âmbito qualitativo, quantificacional, modalizador ou de determinação (determinantes). Entretanto, o tratamento generalizado reservado aos advérbios pelas GTs e compêndios gramaticais prescritivos não condiz totalmente com a verdade acerca do comportamento sintático, semântico e pragmático-discursivo de tal classe de palavras. Os itens lexicais corriqueiramente denominados de advérbios formam, na verdade, uma ampla e diversificada classe (ou classes?) de vocábulos que divergem marcadamente, e, às vezes, até mesmo intensamente, entre si. Dessa forma, há itens lexicais que são denominados geralmente de advérbios e colocados juntos agrupados dentro de uma mesma classe de palavras, mas que, contudo, em uma análise mais detalhada, deveriam estar agrupados em conjuntos mais restritos nos quais verdadeiramente os itens lexicais compartilhem entre si algumas características em comum.

Assim, a primeira grande divergência encontrada entre a caracterização tradicional dispensada aos advérbios realizada por nossos gramáticos mais iminentes (cf. CUNHA, 2007) e (ROCHA LIMA, 1992) e a caracterização de tal classe(s) de palavras pelos estudos lingüísticos contemporâneos é quanto o escopo<sup>138</sup>.

---

<sup>137</sup> Como já afirmamos neste texto, os advérbios são para nós sintagmas adverbiais (AdvPs) que, na maioria dos casos, compõem projeções máximas. Esta é a tese de CINQUE. Neste capítulo chamamos de advérbios a tais sintagmas meramente para retomar o estudo de ILARI sem distorcer-lo com o uso de terminologias outras.

<sup>138</sup> PIRES DE OLIVEIRA (2001, pág.194) define o escopo como “intuitivamente, o conjunto de conteúdo que uma operação semântica afeta.” (...) “Um operador tem escopo sobre outro quando este último está na área de atuação do primeiro; em outros termos, quando o primeiro operador está mais alto na árvore de derivação.”

Para além de modificarem tão somente verbos, adjetivos e outros advérbios, os advérbios atuam sintaticamente como modificadores, determinantes e quantificadores de diversos constituintes inteiros (28a a 28d), podendo, também, ter sob seu escopo toda a sentença (29 e 30) e até mesmo o discurso (31), como se pode exemplificar, respectivamente, com as sentenças a seguir:

(28a) [*Certamente* Gustavo] comprou as cadeiras para a casa de Maria. (Não Ricardo)

(28b) Gustavo [*certamente* comprou] as cadeiras para a casa de Maria. (Não ganhou)

(28c) Gustavo comprou [*certamente* as cadeiras] para a casa de Maria. (Não as mesas)

(28d) Gustavo comprou as cadeiras [*certamente* para a casa de Maria]. (Não para a de Márcia)<sup>139</sup>

(29) *Basicamente*, eu posso não interferir no processo global... mas eu queria entender esse processo.

(30) *Praticamente* toda a parte jurídica do Estado feita por procuradores.<sup>140</sup>

(31) Quer dizer, somos de famílias grandes, e *então* acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente.<sup>141</sup>

A partir de tal fato, então, ILARI *et al.*(1990) propõe em um estudo de cunho descritivo a subdivisão dos advérbios em: modificadores de constituintes, modificadores de sentenças e modificadores de discursos. Tal subdivisão é pertinente e servirá como o primeiro fator qualitativo para determinar o alcance teórico da nossa pesquisa, como se verá logo mais adiante.

---

<sup>139</sup> Exemplos adaptados de (MIOTO, 2004, pág. 17).

<sup>140</sup> Exemplos retirados de ILARI (idem).

<sup>141</sup> Exemplos retirados de ILARI (idem).



Entretanto, outra classificação proposta por ILARI *et alli* e que para esta pesquisa é de fundamental relevância é a diferenciação entre *advérbios predicativos* e *advérbios não-predicativos*. Se, como já se apontou anteriormente, os advérbios são tidos comumente como modificadores, bem verdade, também, é que eles não os são sempre. Há advérbios que funcionam tão somente desempenhando o papel de localizadores espaciais e temporais da ação expressa pelo *núcleo significativo* verbal apenas.

O *núcleo significativo* pode ser compreendido como o elemento central do constituinte ou do sintagma que determina as relações que lhe são internas, como postula a Teoria X-Barra (MIOTO, 2004, p.46) do modelo da TRL dos P&P. ILARI (1990, pág.90) fornece-nos três etapas para verificar se o núcleo significativo é afetado pelos advérbios predicativos ou não, a saber:

- (i) Considerar o verbo ou adjetivo etc. “em estado de dicionário”. E.g.: *cantar*.
- (ii) Refletir sobre sua definição lexical, chegando a um núcleo significativo. E.g.: ação de emitir com a voz sons musicais melódicos e harmoniosos.
- (iii) Verificar de que modo esse núcleo significativo foi afetado pelo advérbio predicativo. E.g.: *cantar (muito) mal* = ação de emitir com a voz sons musicais não melódicos e harmoniosos.

Assim, quando o advérbio modifica o sentido básico do núcleo significativo, diz-se que se trata de um predicativo e, quando não ocorre tal alteração, diz-se que se trata de um não-predicativo<sup>142</sup>. Os advérbios predicativos, então, caracterizam-se por predicarem uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao “núcleo significativo” dos constituintes sintagmáticos aos quais foram acrescentados, alterando-o semanticamente (ILARI, 1990, p.89). Já os não-predicativos, por sua vez, não

---

<sup>142</sup> ILARI coloca dentre os não-predicativos que nem modificam o sentido do núcleo verbal nem funcionam como predicados de segunda ordem os advérbios circunstanciais, dêiticos e a negação.

alterariam semanticamente o núcleo significativo ao qual foi acrescido. Assim, pode-se exemplificar, respectivamente, os predicativos (32) e os não-predicativos (33) com as sentenças a seguir:

(32) João cantou *estrondosamente/ bem* aquela canção brasileira.

(Altera o núcleo significativo verbal *cantar*).

(33) João cantou *aqui/ontem* essa noite aquela canção brasileira.

(Não altera o núcleo significativo verbal *cantar*).

Fica claro, nas sentenças acima, que há alteração semântica no enunciado (32), pois cantar *estrondosamente* ou *bem* é uma ação diferente do ato de cantar *horribilmente* ou *introspectivamente* etc., aquela canção brasileira; enquanto que em (33) não há tal alteração, pois o ato de cantar seja *aqui*, *ali* ou *acolá*, *ontem* ou *hoje* aquela canção brasileira não se torna ações diferentes, mas apenas fornece localizações espaciais e/ou temporais diferentes da ação expressa pelo núcleo significativo verbal do constituinte.

Basicamente, partindo das duas classificações acima é possível estabelecer três tipos de predicções adverbiais possíveis: aquela primeira sobre o discurso; aquela outra sobre a sentença; e, por último, aquela sobre constituintes sentenciais específicos isolados.

## 4.2 – Os predicativos de discursos

Caracterizados por expandirem o escopo de sua predicação para além dos constituintes isolados e, por vezes, para além da sentença, os advérbios predicativos discursivos normalmente introduzem “um novo momento de discurso que se distingue do anterior por uma mudança de tópico e de orientação discursiva” (ILARI, 1990, pág.85). Esses advérbios que desempenham funções discursivas são, comumente, elementos dêitico-anafóricos.

Entretanto, apesar de constituírem a maioria dos exemplos de advérbios predicativos discursivos, os elementos dêitico-anafóricos não são os únicos representantes dessa subclasse adverbial. Outros advérbios como *inclusive*, *então* e *exatamente* também fazem parte dessa lista em muitos dos seus usos. Alguns exemplos típicos dos predicativos discursivos são os exemplos (34) e (35) seguintes:

(34) Mantemos um diálogo assim bem aberto [com as crianças], *então* esperamos que não haja maiores problemas.<sup>143</sup>

(35) O endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos, *inclusive* ele disse que se eu tiver vai ser necessário um aborto.

## 4.3 – Os predicativos de sentenças

Os advérbios predicativos sentenciais confundem-se em muitos casos com os advérbios predicativos discursivos de um lado, e, por outro, com os advérbios predicativos de constituintes. Isso porque, às vezes, um mesmo item lexical adverbial pode desempenhar a função sintática tanto de predicadores do discurso quanto da

---

<sup>143</sup> Os exemplos de (34) a (38) a seguir são de ILARI (2002).

sentença inteira ou, de outra forma, tanto de predicadores de constituintes inteiros menores que a sentença quanto da sentença como um todo, que também é um constituinte.

Segundo ILARI *et alli*, há três tipos de predicação que os predicativos sentenciais podem ter na estrutura sintática (representados em seguida pela ocorrência do advérbio *agora*), a saber:

- (i) “se restringe à predicação (e *agora* indica que a ação se realiza no momento da enunciação)”;
  
- (ii) (ii) “se estende à sentença toda (e *agora* estabelece para ação ou estado referidos um quadro genérico de referência temporal que inclui o momento de enunciação, mas se estende além dele)”;
  
- (iii) ou, enfim, “abarca uma seqüência discursiva mais ampla (e *agora* define um novo momento na organização do discurso).”

Os três casos acima expostos, respectivamente, são exemplificados nas sentenças (36), (37) e (38) abaixo:

(36) Por enquanto não [têm esses problemas de juventude] porque... as mais velhas estão entrando *agora* na adolescência.

(37) Então é um corre-corre realmente, não é?... *Agora* eu assumi também uma secretária de... lá do colégio das crianças, então tenho muita tarefa também fora de casa, não é?

(38)

- *Agora que estão todos maiores*, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si.

- já se cuidam.

- de higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque...

- Ajuda demais, né?

- Já ajudam bem.

- *Agora*, tem sempre [...] numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação.

#### 4.4 – Os predicativos de constituintes

Dentre os três tipos de predicções possíveis de serem estabelecidas pelos advérbios com os demais elementos sintáticos da sentença, o caso dos advérbios predicativos de constituintes particularmente nos interessa, compondo o nosso objeto central de estudo neste texto.

A escolha por focarmos sobre os advérbios de constituintes se dá, principalmente, pelo fator de que nossa pesquisa é, sobretudo, um estudo no âmbito da sintaxe, não abrangendo o nível do discurso e da enunciação lingüísticas. Portanto, abordar os advérbios de sentença e de discurso extrapolaria os limites, em alguma medida, do nosso objeto central de estudo: a sintaxe adverbial.

A classe dos advérbios predicativos de constituintes compõe-se de todas aquelas entradas lexicais adverbiais cujo escopo de modificação por predicção abrange, geralmente, constituintes isolados dentro de uma sentença e até mesmo o próprio constituinte sentencial inteiro como um todo. Dessa forma, os advérbios ditos

predicativos sentenciais, quando tendo escopo marcadamente sobre a sentença somente (não alcançando o nível lingüístico discursivo-pragmático), também entram na lista dos predicativos de constituintes.

Como já foi mencionado anteriormente, a predicação sobre constituintes pode ocorrer tendo escopo sobre um elemento somente, o próprio núcleo significativo apenas (por exemplo, o verbo), como em (39), ou predicando sobre o constituinte inteiro, como em (40), respectivamente:

(39) Ele leu *inteligentemente* o livro.

(40) *Com certeza* [*certamente*], ele leu *inteligentemente* o livro.

Em (39), nota-se que o advérbio *inteligentemente* tem escopo sobre o núcleo significativo expresso pelo verbo *ler*. Por sua vez, confere-se que em (40) o advérbio *com certeza* se aplica a toda a sentença e não a um único constituinte específico. Inclusive, o advérbio *com certeza* abrange também em seu escopo o advérbio *inteligentemente*, numa espécie de predicação aplicada sobre outra predicação já realizada. De tal forma, pode-se afirmar, assim, que esses advérbios aplicam-se como predicativos modificadores, determinantes ou quantificadores a verbos, adjetivos, outros advérbios, numerais, e a quase todos os sintagmas do constituinte (NPs, DPs, VPs, APs, AdvPs, PPs, sentenças encaixadas completas etc.).

Seguindo o estudo de cunho descritivo-analítico de ILARI *et alli* (1990), os advérbios predicativos de constituintes podem ser sistematizados tipologicamente em quatro subgrupos ou subclasses. Essas subclasses serão tratadas logo mais adiante na seção seguinte. São elas:

- (i) Os predicativos de constituintes qualitativos;
- (ii) Os predicativos de constituintes intensificadores;

- (iii) Os predicativos de constituintes modalizadores;
- (iv) E os predicativos de constituintes aspectualizadores.

#### 4.4.1 – Os subgrupos de predicativos de constituintes

A primeira subclasse de advérbios predicativos considerada aqui é a dos qualitativos. Os predicativos qualitativos são representados por expressões nas quais os advérbios predicam sobre o núcleo significativo indicando qualidade (*comer bem*), originando construções compostas por dois elementos (o advérbios predicativo + o núcleo significativo) que mantém paralelismo com aquelas construções compostas de um substantivo mais um adjetivo. Disto advém o termo *qualitativos*. Exemplos destes advérbios podem ser dados em:

(41) Aquele carro novo de Marcos é realmente *bem* bonito!

(42) Certamente, o professor falou muito *depressa*.

Os intensificadores são outra classe de advérbios predicativos postulada por ILARI *et alli*. Esses advérbios parecem ter uma extrema relação com os primeiros ditos, os qualitativos. Ocorrem modificando-os fornecendo-lhes uma intensificação quantitativa ou quantificacional. Os advérbios intensificadores podem ser caracterizados por marcarem, de maneira absoluta ou relativa, uma propriedade ou ação para marcá-la como variável. Assim no exemplo (15) anterior a ação executada pelo professor expressa pelo núcleo significativo verbal *cantar* ocorreu *muito* depressa, e não apenas *depressa*. Podemos exemplificá-los, também, ainda, em:

(43) O que eu ganho no trabalho é *muito pouco* para viver bem aqui.

(44) Ela fala *demais*. É sempre *mais e mais*.

Os intensificadores podem ocorrer também em usos coloquiais da língua falada no português brasileiro enquanto predicativos de sintagmas determinantes (pronomes ou nomes) como uma espécie de metáfora lingüística, exemplificada em sentenças como “Nosso chefe do escritório é *muito* gente” ou “Nosso candidato pra prefeitura é *muito* povo de verdade.”

Outro grupo de advérbios predicativos são os modalizadores. Os predicativos modalizadores são advérbios que, de maneira geral, qualificam a asserção lingüística. Segundo ILARI *et alli*, eles aplicam à asserção lingüística qualificações que remetem vagamente as modalidades lógicas e o modo de qualificação imposto à asserção pelos modos verbais. Os advérbios predicativos modalizadores aplicam-se quase sempre geralmente a sentença como um todo. Eles são exemplificados em:

(45) *Felizmente* vocês não saíram nessa tempestade.

(46) *Humanamente, talvez*, eles pensem melhor nas nossas propostas.

Por fim, a última subclassificação apontada por ILARI *et alli* (1990) para os sintagmas adverbiais predicativos, é a dos aspectualizadores. A função básica desses advérbios é indicar a freqüência com que um evento se reitera, impondo restrições semânticas à categoria verbal de Aspecto.

(47) *Diariamente*, quase que *diariamente*, eles chegaram atrasados. (ILARI *et alli*, p.83)

(48) *De vez em quando* ele chega a necessitar [de agrônomos]. (ILARI *et alli*, p.83)



(49) Bom, com uns tapas, às vezes ela se coloca [... no seu lugar]. (ILARI *et alli*, p.83)

(50) Tem saído *ultimamente*... de carro? (ILARI *et alli*, p.84)

#### 4.5 – Conclusão

Como conclusão deste capítulo, então, demonstrou-se como os advérbios compõem uma classe muito mais ampla e de comportamento semântico muito mais eclético do que admitem os compêndios gramaticais normativos de língua portuguesa. Na verdade, essa imensa e diversificada classe de palavras demonstra compor-se de itens lexicais que apresentam enormes diferenças entre si. Melhor seria, assim, tratar os advérbios enquanto formado por subclasses ou subgrupos de palavras, que, muitas vezes, ainda, podem ser subdivididas internamente, como os advérbios predicativos de constituintes. Sendo assim, viu-se que ILARI *et alli* (1990) tece diferenciações entre advérbios discursivos, advérbios sentenciais e advérbios de constituintes, de um lado, e, de outro, entre advérbios predicativos e não-predicativos.

Por fim, concluiu-se percorrendo brevemente sobre as subclasses ou subgrupos dos advérbios predicativos de constituintes. Estes, por sua vez, formam o nosso objeto de estudo neste trabalho.

A apresentação realizada neste capítulo não teve como objeto tecer maiores considerações teóricas acerca dos advérbios na língua portuguesa, mas, sim, apenas teve a finalidade de empreender uma apresentação a fim de justificar o recorte qualitativo que se deu ao nosso objeto de estudo. De agora em diante no nosso texto, tratar-se-á especificadamente do posicionamento sintático dos advérbios predicativos de constituintes na língua portuguesa do Brasil (PB). Para tanto, utiliza-se de todo o aparato teórico que já foi exposto ao leitor no capítulo anterior (cf. capítulo 2 e capítulo 3 desta dissertação). A adoção de tal referencial teórico da sintaxe gerativa, contudo, logicamente obriga a que não fiquemos meramente na análise sobre os exemplos da

língua em foco (PB), mas, sim, que se façam comparações translingüísticas no âmbito do comportamento sintático de tais advérbios nas diversas línguas naturais.

A partir de agora, trabalharemos a partir do ponto de vista analítico da proposta de estudo lingüístico formal de CINQUE (1999) e da sua visão acerca do funcionamento estrutural das categorias funcionais das línguas naturais.

## Capítulo 5 – O posicionamento sintático dos AdvPs predicativos de constituintes<sup>144</sup>

### 5.1 – Introdução

Neste capítulo, aborda-se o posicionamento e o ordenamento sintático dos AdvPs predicativos de constituintes no PB, num recorte sincrônico contemporâneo.

Nosso *corpus* de dados para análise vem dos exemplos de sentenças fornecidos pelos diversos autores lidos, dos sintagmas adverbiais que ILARI *et al.* (1999) chamam de predicativos de constituintes e, principalmente, sobretudo, da minha intuição de falante nativo de língua portuguesa para avaliar os diversos graus de gramaticalidade/agramaticalidade e de aceitabilidade das sentenças construídas enquanto representantes da variante vernácula espontânea cotidiana da nossa língua (no sentido de vernáculo utilizado pelos sociolinguistas).

O objetivo central deste capítulo é, então, examinar, com base na Hierarquia Linear Universal de CINQUE (1999), apresentada no capítulo 3 anterior, de quais projeções funcionais aqueles quatro tipos de AdvPs predicativos ocupam a posição de Spec; e, assim, verificar se tal ordenamento corrobora a tese de CINQUE de que AdvPs obedecem a um rígido posicionamento hierárquico entre si, ocupando diversas posições de Spec de projeções funcionais específicas dentro da arquitetura da sintaxe, e, por isso, não podendo ocorrer em outras posições diferentes ou alteradas (exceto quando topicalizado, focalizado, deslocado, enfatizado etc.).

Para alcançar tal objetivo, analisa-se em subseções próprias cada uma das quatro classes de predicativos de constituintes propostas por ILARI *et alli* (qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores) a fim de propor uma correlação entre tais sintagmas adverbiais e aqueles cuja existência é teorizada na tese de CINQUE.

---

<sup>144</sup> As representações arbóreas contidas neste capítulo ainda apresentam a projeção intermediária. Contudo, isto não quer dizer que assumimos que haja tais projeções na arquitetura da sintaxe, que no recente modelo minimalista foram deixadas um pouco de lado. Apenas as utilizamos aqui, ainda, porque no software de computador utilizado para compor as árvores sintáticas não estavam disponibilizadas as representações mais lineares só com projeções máximas e núcleos. Sendo assim, o leitor pode pensar para todas as derivações apresentadas os diagramas arbóreos apenas com projeções máximas e mínimas (núcleos).

## 5.2.0 – O posicionamento dos AdvPs predicativos de constituintes

### 5.2.1 – O posicionamento dos qualitativos

Como já fora comentado, os predicativos qualitativos são representados por expressões nas quais os itens adverbiais predicam sobre o núcleo significativo indicando qualidade. A construção resultante disso mantém paralelismo com aquela outra da língua produto da junção de um substantivo mais um adjetivo. Dentro de um esquema arbóreo da sintaxe das línguas naturais, esses sintagmas adverbiais preenchem posições sintáticas “mais baixas”, localizando-se comumente após o verbo (posição pós-verbal), como nos exemplos abaixo, adaptados a partir de ILARI *et alli* (1990, p.115):

(51) Ele já leu *bem* o livro.

(51’) \*Ele já *bem* leu o livro.

(52) Ulisses criticou *bem* o pronunciamento do presidente.

(52) \*Ulisses *bem* criticou o pronunciamento do presidente.

(53) Estou [falando tudo] *bem* claro.

(53’)\* Estou *bem* falando tudo claro.

(53’’) \**Bem* estou falando tudo claro.

(54) Se a gente for parar para [fazer as coisas] *bem* feitas, não dá.

(54’) \*Se a gente for parar para fazer as coisas feitas *bem*, não dá.

(54’’) \*Se a gente for parar para *bem* fazer as coisas feitas, não dá.

Propomos aqui, a partir da adoção da teoria da HLU de CINQUE, que os sintagmas adverbiais predicativos qualitativos típicos correspondem aos especificadores da projeção funcional de modo/maneira ligados à categoria de voz verbal, *VoiceP*. Assim, nas sentenças (51), (52), (53) e (54), respectivamente, o falante evidencia qualitativamente por meio do uso do AdvP *bem* o modo/maneira como tais ações, processos ou estados verbais ocorreram concomitantemente à marcação ou não da voz verbal adequada: o ato de ler executou-se de maneira *bem adequada*; a crítica fez-se *bem*; o ato de falar desempenhou-se *bem claramente*; e o ato de fazer as coisas ocorreu *bem feito*. Esse núcleo funcional marca, caracteristicamente, a voz passiva do verbo, que é o valor marcado para o núcleo; sendo a voz ativa o valor *default* (não-marcado).

Já se viu que CINQUE (1999) cita que algumas línguas naturais, como o *Maori/Autronesian*, marcam morfologicamente tal correspondência, havendo mesmo nessas línguas uma relação morfológica de concordância entre tais sintagmas adverbiais de modo/maneira e os verbos participios na voz passiva (cf. nota de rodapé 126.). Um bom exemplo no PB que nos auxilia a testar de fato essa afirmação de que os AdvPs predicativos de constituintes qualitativos correspondem ao especificadores do núcleo funcional *VoiceP* é verificar o posicionamento do item adverbial na alteração de voz verbal.

Na voz ativa de uma sentença como adiante (55), o sintagma adverbial *bem* aparece logo abaixo do verbo, a segui-lo. Todavia, basta alterar a voz verbal para verificar que esse sintagma passe a ocupar a posição obrigatoriamente antecedente ao verbo na voz passiva (56):

(55) João joga muito *bem* xadrez.

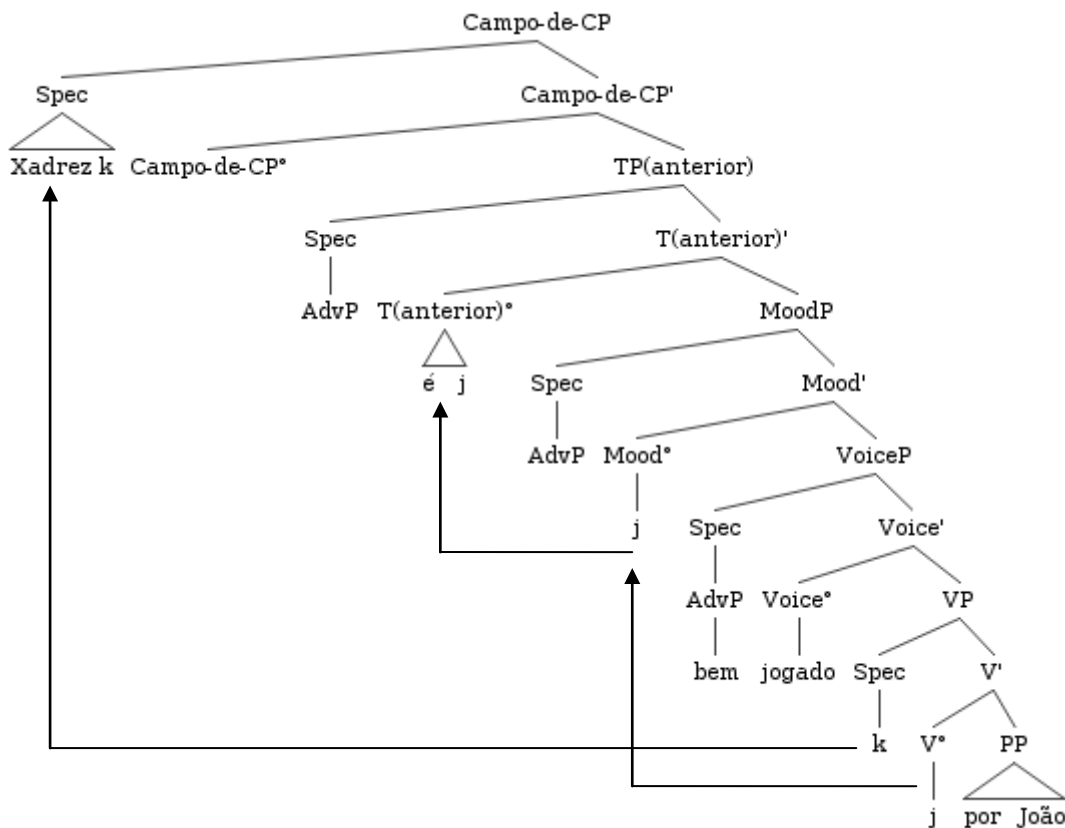
(56) Xadrez é muito *bem* jogado por João.

Propomos, então, que a posição que esses sintagmas qualitativos ocupam, como o item *bem* acima, é a posição de especificadores da projeção funcional *VoiceP*, disso advindo a obrigatoriedade da pré-posição imediata ao verbo no participio passado; e de o pós-posicionar quando este se encontra na voz ativa. Representa-se mais adiante o

esquema arbóreo simplificado para a sentença (56) de acordo com a nossa proposta já dita anteriormente no esquema representativo sintático (18) a seguir.

(56) Xadrez é bem jogado por João.<sup>145</sup>

Esquema (18):



<sup>145</sup> COSTA, João (1999, 2004), como vimos em (3.6), discorda da afirmação de que o sujeito pré-verbal em línguas de sujeito nulo é sempre deslocado à esquerda para a chamada periferia esquerda da sentença de RIZZI, ocupando, então, posições  $\bar{A}$ . Para ele, o sujeito em PE quase sempre ocupa posições A. Discordamos de COSTA, em primeira análise, nesse ponto. Nossos dados nos levam a acreditar que os sujeitos em língua portuguesa ocupam muitas vezes posições  $\bar{A}$ . Contudo, apesar de em algumas de nossas representações arbóreas propormos que os sujeitos estão em posições não-argumentais, esclarecemos que foge ao alcance do nosso trabalho um estudo mais específico e detalhado do posicionamento do sujeito. Em princípio, propomos que em algumas derivações, os sujeitos sentenciais estão, sim, deslocados para a zona do CP. Eliminaremos, sempre que não forem relevantes para a análise, as projeções do CP.

No esquema (18), tem-se representado, de maneira simplificada, a sentença (56) na voz passiva<sup>146</sup>. Em (18), desse modo, propomos que o sintagma *bem*, quando a sentença está na voz passiva, preenche a posição do especificador de *VoiceP*, que é um dos mais baixos na hierarquia linear dos núcleos funcionais, mantendo com esse uma relação de checagem de traços da voz verbal. A derivação da sentença *Xadrez é muito bem jogado por João*, com o DP *Xadrez* na posição de sujeito inicial preposto ao verbo auxiliar da construção passiva (verbo *Ser*), resulta do movimento do sujeito para os especificadores de quaisquer umas das projeções da camada do CP de RIZZI (1987), já que as posições de especificadores dos núcleos do campo do IP são reservadas para AdvPs, daí originando-se a ordem em questão. Em nosso esquema (18), são representados somente as posições de especificador e núcleo do *VoiceP*, respectivamente, preenchidas pelos itens *bem* e *jogado*; a posição do AdvP intensificador *muito* (que ocupa a posição de algum núcleo de modo/maneira MoodP, que definiremos melhor quando falarmos especificadamente dos predicativos intensificadores); a posição do auxiliar verbal da voz passiva *é*, ocupando o núcleo da projeção TP<sub>(anterior)</sub>, local de ocorrência do verbo no tempo presente; e o PP *por João* complemento do VP, que permanece *in situ*.

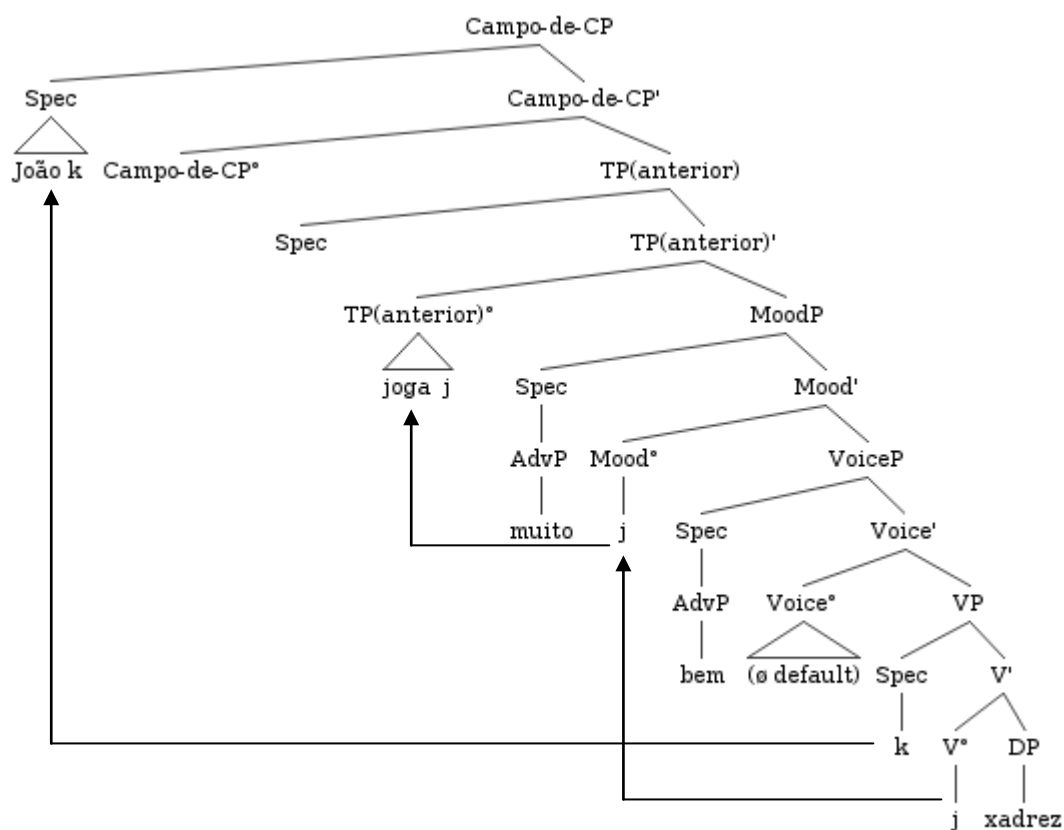
A representação arbórea proposta por nós para a sentença na voz ativa (55), seguindo o mesmo raciocínio anterior, assim, é a seguinte:

---

<sup>146</sup> Seria difícil representar aqui as inúmeras projeções funcionais existentes entre o VP e o campo do CP propostas por CINQUE (1999) e ao mesmo tempo representar graficamente a sentença em questão no espaço disponível. Além disso, tanto as projeções da camada de CP de RIZZI quanto da camada de VP (como o vP de CHMOSKY) foram simplificadas.

(55) João joga muito *bem* xadrez.

Esquema (19)



Poder-se-ia indagar, agora, quanto à existência de ordens alternativas para as construções passivas, não muito comuns no vernáculo cotidiano dos falantes, mas aparentemente gramaticais, como (57), na qual o sintagma adverbial qualitativo *bem* ocorre posteriormente ao verbo no particípio passado:

(57) ? Xadrez é jogado muito *bem* por João.



Primeiramente, ressaltaríamos que o caráter gramatical da referida sentença não está totalmente definido <sup>147</sup>. Alguns falantes nativos de PB diriam que tais sentenças não representam o vernáculo informal e cotidiano delas. Contudo, mesmo que a gramaticalidade daquela sentença (57) não seja contestada nem posta em discussão, não creio que ela simplesmente possa levantar contraprovas irrefutáveis para a afirmação de que os AdvPs predicativos qualitativos estão posicionados no especificador do núcleo funcional *VoiceP*. Isso porque, como bem ressalta CINQUE (1999), para além dessa ordem natural canônica dos sintagmas adverbiais e das projeções funcionais nas línguas naturais, há novos ordenamentos resultantes de fenômenos sintáticos tais como: movimento do verbo, topicalização, focalização, deslocamentos à esquerda, clivagem de um constituinte ou sintagma etc. Assim, existem ainda inúmeras posições no campo de CP de RIZZI (1987) para as quais partes de constituintes, ou até mesmo constituintes inteiros da sentença, possam movimentar-se.<sup>148</sup>

Tal fato nos leva à afirmação de que a ordem alternativa apresentada em (57) é fruto exatamente de um desses fenômenos sintáticos que ocasionam deslocamentos dos sintagmas dos locais nos quais foram gerados para preencher novas posições na zona do

---

<sup>147</sup> O símbolo ? denota que a gramaticalidade da frase em questão é questionável ou altamente duvidosa, havendo divergências entre os falantes nativos da língua.

<sup>148</sup> É possível questionar, também, se o AdvP *muito* não funciona como um modificador intensificador de quantificação do AdvP *bem* nas sentenças anteriores, portanto devendo compor com esse um só sintagma maior. Argumentamos que não. Tanto *muito* quanto *bem* são sintagmas adverbiais independentes. Uma possível prova empírica disso é que o escopo de quantificação do sintagma *muito* não é apenas o sintagma *bem*, como seria de esperar caso fosse um quantificador de *bem*, mas tudo que vem abaixo do sintagma de modo (MoodP). Dessa forma, o próprio participio que se moveu em (57) está sob o escopo do AdvP *muito*, como se pode constatar a partir da gramaticalidade de sentenças como “*Xadrez é (jogado;) muito jogado, por João*”, na qual, fica claro que o escopo de *muito* é todo o constituinte *jogado por João*, que está mais baixo na derivação. É possível ver isso através da aplicação de alguns testes tradicionais de identificação de constituintes, como os propostos em MIOTO (2004, pág.41):

- |      |              |   |
|------|--------------|---|
| (i)  | Clivagem     | - * <u>É muito bem que</u> João joga xadrez.  |
| (ii) | Interrogação | - (Como o João joga xadrez?) – * <i>Muito bem</i> .<br>(Como o João joga xadrez?) – <i>Bem</i> .<br>(João joga xadrez <i>bem</i> ?) – <i>Muito!</i> |

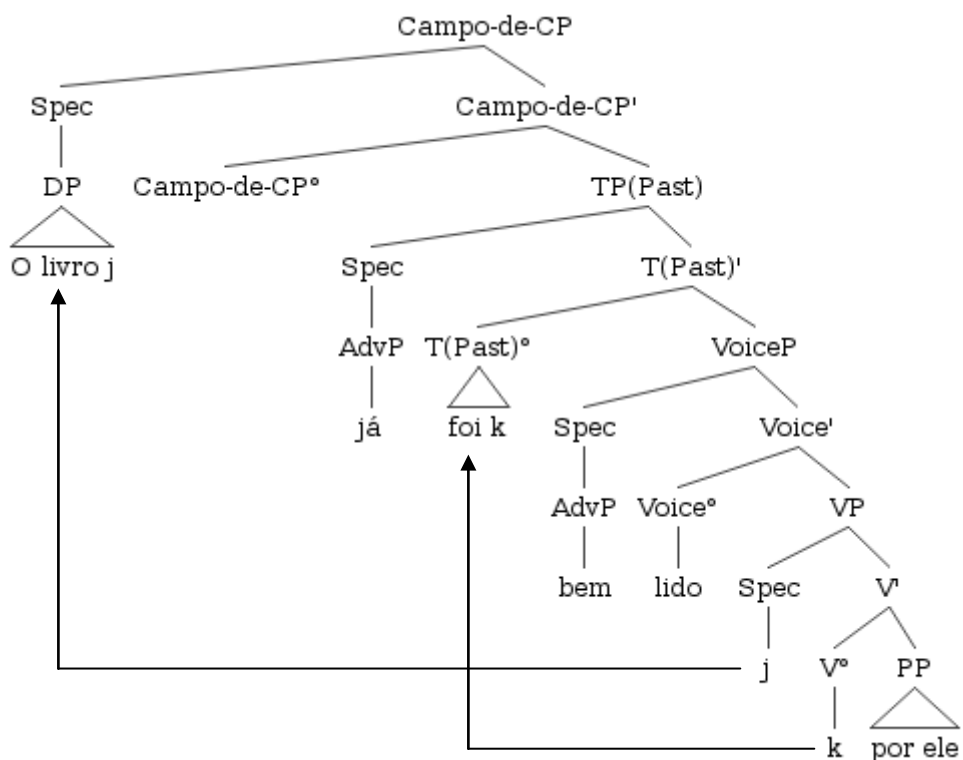
Os exemplos em (i) e (ii), respectivamente, nos mostra que: *muito bem* não pode ser clivado, algo possível para constituintes completos; e não pode ser interrogado juntos, como ocorre com constituintes autônomos. Disso concluímos, então, que *muito bem* não se apresenta como um constituinte sintático autônomo com o AdvP intensificador *muito* atuando, exclusivamente, como modificador de quantificação do AdvP qualitativo *bem*. Assim, aquele não faz parte da projeção máxima (AdvP) de *bem*.

CP. Isso acontece com o intuito de atender certas necessidades ou intenções comunicativas discursivo-pragmáticas dos falantes no momento da interação verbal.

Caso semelhante ocorre para a derivação da voz passiva da sentença (58), para a qual propomos a representação arbórea no esquema (20):

(58) O livro já foi *bem* lido por ele.

Esquema (20):



Desse modo, o sintagma adverbial *bem* preenche a posição de especificador de *VoiceP*, projeção cujo núcleo (*Voice°*) é preenchido pela forma verbal passiva no particípio passado *lido* após esse verbo subir do núcleo do VP. O auxiliar verbal da voz

passiva *foi* ocupa a posição de núcleo do TP<sub>(past)</sub> e o sintagma adverbial *já* ocupa a posição de especificador dessa mesma projeção funcional. O DP argumento externo *O livro*, por fim, está localizado na posição de especificador de alguma das projeções da zona ou camada de CP.

No exemplo (58), também, parece ficar mais evidente de modo mais categórico a impossibilidade de o item adverbial *bem* vir, na voz passiva, em quaisquer outras posições da sentença analisada, quer sejam anteriores ao verbo auxiliar da construção passiva quer sejam posteriores ao particípio passado, como se verifica em:

(58') \* O livro *bem* foi lido por ele.

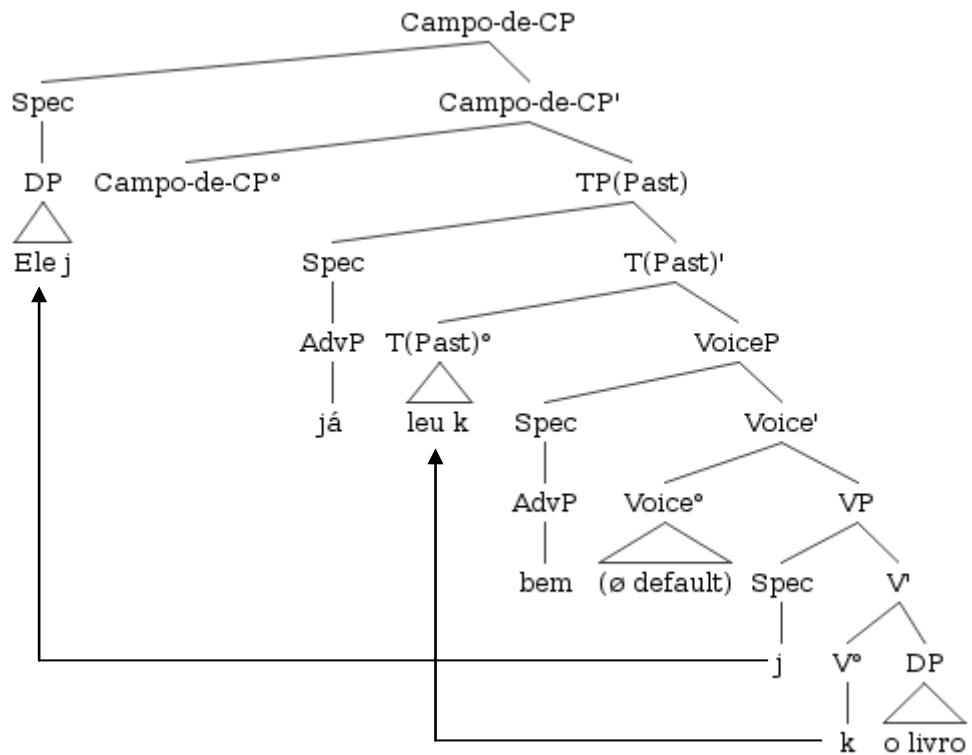
(58'') ??? O livro foi lido *bem* por ele.

(58''') ?? O livro foi lido por ele *bem*.

Seguindo nossa proposta de derivação exposta acima, a representação arbórea da voz ativa (59) na voz ativa é o esquema (21):

(59) Ele já leu *bem* o livro.

Esquema (21):



Exemplos de sintagmas adverbiais que podem ocorrer em Spec de *VoiceP*, funcionando como predicativos qualitativos, em PB, além do item lexical *bem*, são: *mal*; *inteligentemente*; *depressa*; *precocemente*; *exageradamente*, *completamente* etc.

## 5.2.2 – O posicionamento dos intensificadores

O subgrupo dos predicativos de constituintes intensificadores são aqueles que para além da função tradicionalmente atribuída aos AdvPs de modificadores de verbos, adjetivos, outros advérbios, nomes substantivos, numerais, ou até mesmo sintagmas completos, também podem desempenhar a função sintática de determinantes. Esses sintagmas mantêm uma relação direta de escopo com os advérbios qualificativos vistos anteriormente, funcionando, muitas vezes, como quantificadores da qualificação atribuídas por eles, abrangendo os predicativos qualitativos sobre seu escopo (cf. nota de rodapé 149). Exemplos dos intensificadores são fornecidos abaixo, conforme ILARI *et alli* (1990):

(60) Eu *pouco* sei disso. (p.119)

(61) Não se toca *mais* no assunto. (idem)

(62) Eles não aceitam *muito* a pajem. (p.120)

(63) Embora eu fique *quase* biruta. (idem)

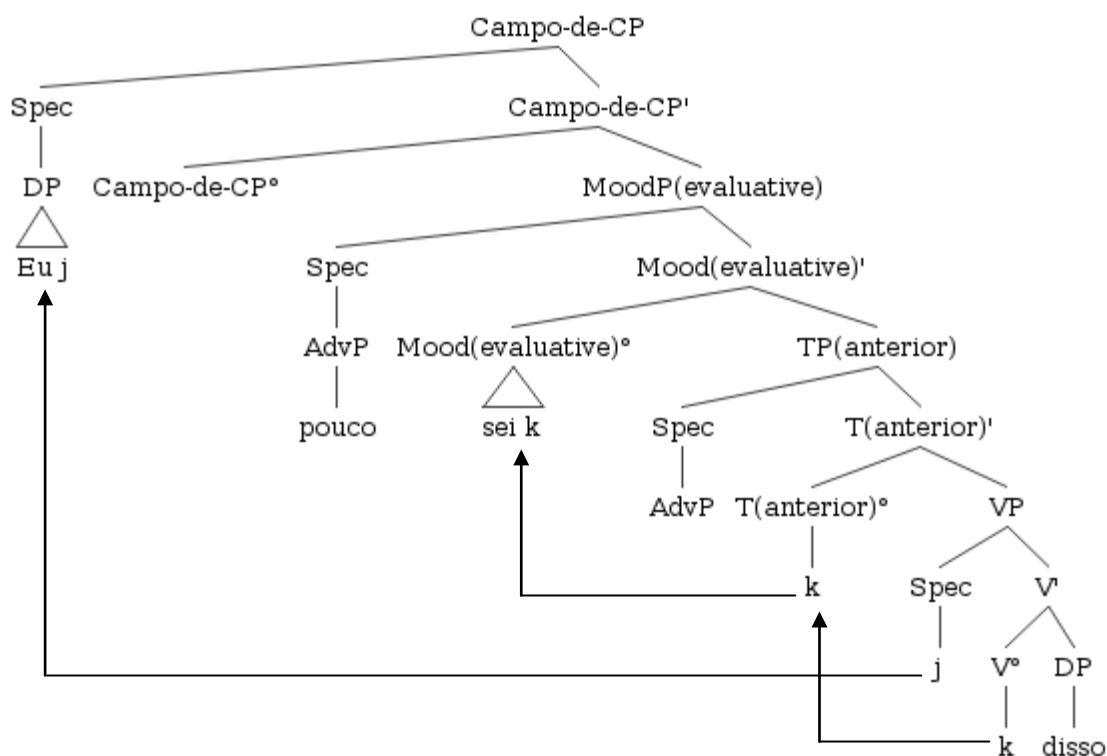
(64) Eu procurei *bastante*. (p.74)

Propomos, aqui, que os predicativos intensificadores típicos correspondem aos sintagmas adverbiais modais avaliativos que preenchem a posição de especificador da projeção funcional MoodP<sub>(evaluative)</sub> de CINQUE. Dessa forma, sua posição comum, geralmente, é antes das três posições de tempo (IP cingido de CINQUE), já que dentro do esquema da HLU de CINQUE os núcleos MoodP<sub>(evaluative)</sub> ocupam a segunda posição “mais alta”. Os sintagmas adverbiais modais, segundo o autor citado, são aqueles que, não afetando o valor de verdade da proposição, expressam a avaliação do falante acerca dos estados, ações, processos e negócios descritos na asserção/sentença. Eles se expressam nas línguas naturais, comumente, por meio de sufixos, morfemas regidos ou por morfemas livres (partículas e modais). Assim, de acordo com a nossa afirmação de

que os intensificadores são especificadores de MoodP<sub>(evaluative)</sub>, propomos os seguintes esquemas arbóreos (22), (23) e (24) para representar, respectivamente, as sentenças (60), (62) e (64):

(60) Eu *pouco* sei disso.

Esquema (22):



Em (22) é esquematizado em diagrama arbóreo a sentença (60). Nela, proponho que o verbo finito *sei*, conjugado no tempo presente, sobe do núcleo de VP, seu lugar de origem, passa pela posição de núcleo T(anterior°) da projeção funcional TP<sub>(anterior)</sub>, e ocupa a posição de núcleo de MoodP<sub>(evaluative)</sub>. O sintagma adverbial intensificador *pouco*, por sua vez, permanece *in situ*, preenchendo a sua posição de origem de

especificador do núcleo funcional MoodP<sub>(evaluative)</sub>. O sujeito ou argumento externo *Eu* preenche posição no campo ou camada de CP. O DP disso permanece *in situ* no complemento do VP.

Argumentamos que Spec de MoodP<sub>(evaluative)</sub> é o local de origem dos sintagmas intensificadores. Entretanto, nada impede que, com a subida do verbo *sei* para as diversas posições de núcleo da camada de CP, por motivações discursivo-pragmáticas quaisquer dos falantes no ato da interação verbal, novas ordens aleatórias possam surgir, como as apontadas a seguir nos exemplos abaixo:

(60') ? *Pouco*, eu sei disso.

(Pergunta possível: Você sabe sobre a nova lei promulgada?/ Quanto você sabe me dizer sobre a nova lei promulgada)

(60'') Eu sei, *pouco*, disso.

(Pergunta possível: Você sabe me dizer algo sobre a nova lei promulgada?)

(60''') ? Eu sei disso, *pouco*.

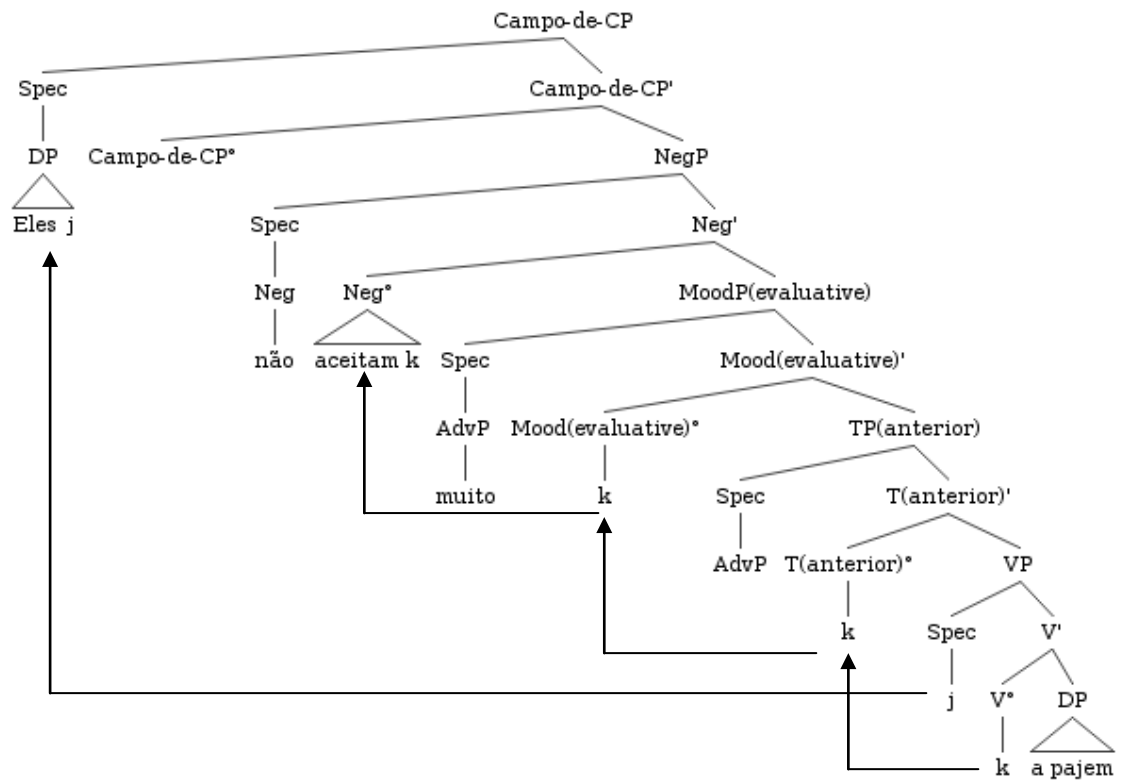
(Pergunta possível: Você sabe da nova lei promulgada?)

Assim, com os aparentes contra-exemplos (61), (62), (63) e (64) à nossa hipótese de que os predicativos de constituintes intensificadores correspondem aos MoodP<sub>(evaluative)</sub> de CINQUE, argumentamos que as derivações em questão nas quais o intensificador ocorre após o verbo e não antes, como era de se esperar, são resultantes da movimentação do verbo, tanto devido à presença da negação do constituinte pelo sintagma adverbial *não* em (62) quanto pela ênfase que o falante quer dar em (64) ao fato de a ação de *procurar* ter sido executada *bastante* – com ênfase de entonação no elemento adverbial intensificador (estrutura discursiva típica também denominada de estrutura de tópico-comentário, dado-novo ou tema-rema etc., pelos estudos

funcionalistas da linguagem). Desse modo, representamos nos esquemas a seguir tais derivações:

(62) Eles não aceitam *muito* a pajem. (p.120)

Esquema (23):



Na representação em (23), o sintagma adverbial predicativo modo/maneira avaliativo *muito* preenche a posição de Spec de MoodP<sub>(evaluative)</sub>, que é a sua posição sintática de origem. O verbo finito *aceitam*, conjugado no tempo presente, sobe do núcleo de VP, seu lugar de origem, passa pelos núcleos do TP<sub>(anterior)</sub> e MoodP<sub>(evaluative)</sub>, para finalmente ocupar a posição de núcleo do sintagma de negação sentencial NegP,



localizado acima de MoodP<sub>(evaluative)</sub><sup>149</sup>, no qual o advérbio de negação *não* preenche a posição de núcleo. Por causa disso, o verbo finito *aceitam* ocorre na derivação em questão antecedente ao item adverbial *muito*. O DP *Eles* argumento externo da sentença ocorre na posição de Spec de alguma das projeções funcionais do campo de CP (movimento de tópico, foco, descolamento à esquerda, etc). O DP complemento verbal *a pajem* permanece *in situ* como argumento interno de VP.

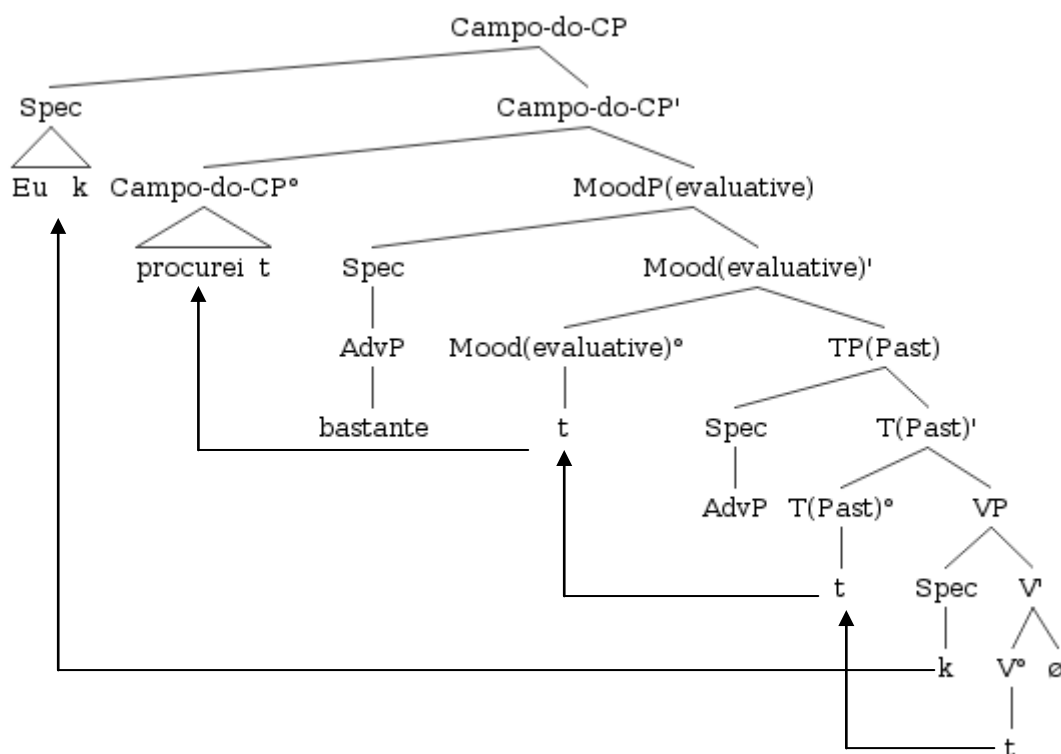
Na sentença (64) seguinte ocorre um caso de movimento do verbo para a zona do CP, resultando em derivações com o verbo antecedendo o sintagma adverbial predicativo intensificador. O deslocamento de constituintes por motivações pertinentes ao âmbito pragmático do discurso lingüístico é também, novamente, o que explica, para mim, da mesma maneira, a derivação mais adiante. Assim, veja-se o esquema (24):

---

<sup>149</sup>CINQUE (1999, p.120), assume (de modo não-peremptório) que a negação (NegP) é passível de ser gerada na base em locais diversos, ocupando diferentes posicionamentos na sentença das línguas naturais, sobretudo acima das inúmeras projeções funcionais adverbiais, principalmente as mais altas, do campo de IP que ele propõe. Pode também ocorrer na camada do CP de RIZZI por meio de movimentos de tópico, foco etc., como qualquer outro constituinte sintático. Não entraremos em nosso trabalho em discussões mais detalhadas sobre isso. Para um recente trabalho de mestrado que discorra acerca da negação pós-verbal no português popular brasileiro, recomendo ao leitor o trabalho de (CAVALCANTE, 2007).

(64) Eu procurei *bastante*. (p.74)

Esquema (24):

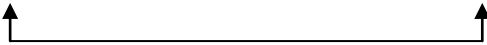


Na representação (24) tem-se o verbo finito *procurei* antecedente ao sintagma intensificador *bastante*. Dentro da perspectiva teórica de análise já exposta, argumentamos que essa derivação ocorre porque o verbo *procurei*, que foi originado no núcleo de VP, passa pelo núcleo de TP e de MoodP<sub>(evaluative)</sub>, sobe para ocupar a posição de núcleo de algumas das projeções funcionais da zona de CP. A posição de base do sintagma adverbial *bastante* é a de Spec de MoodP<sub>(evaluative)</sub>, permanecendo este item adverbial, portanto, *in situ* nesta sentença, sob foco prosódico, incidindo sobre o elemento mais à direita. O argumento externo *Eu* sobe para a posição de especificador de uma projeção na zona do CP. O complemento verbal está omissa na sentença (∅). A derivação em questão aparentemente contraposta à nossa proposta hipotética de que os


intensificadores são correspondentes aos AdvPs de modo avaliativo ( $\text{MoodP}_{\text{evaluative}}$ ), assim, é fruto de movimento do verbo para um *locus* sintático acima da zona do IP.

Todavia, nem sempre é possível para o verbo vir precedendo o sintagma adverbial intensificador. Tal fato nos leva, ainda mais, a ratificar nossa hipótese mencionada. Às vezes, a ordem sintática canônica é exigida, caso contrário pode-se pôr o caráter de gramaticalidade da sentença em risco com o perigo da derivação gerada ser bloqueada pela sua má formação nos níveis de interfaces da computação lingüística:

(65) \* Eu  $\text{fiquei}_i$  [ $\text{Spec}$  *quase* [ $\text{MoodP}_{\text{(evaluative)}}$ °  $\text{fiquei}_i$ ]] em casa ontem.



(66) \* As crianças  $\text{ligaram}_i$  [ $\text{Spec}$  *quase* [ $\text{MoodP}_{\text{(evaluative)}}$ °  $\text{ligaram}_i$ ]] a televisão.



Os exemplos em (65) e (66), demonstram, respectivamente, que o movimento dos verbos finitos *fiquei* e *ligaram* para frente do sintagma adverbial *quase* gera a gramaticalidade das sentenças. Isso coaduna com nossa hipótese que estes sintagmas adverbiais, que classificamos como de modo avaliativo, normalmente, vêm antes do verbo. Nos exemplos (65) e (66) os fatores discursivos não licenciam as sentenças porque só houve o deslocamento do verbo para frente do sintagma adverbial, o que não é possível. Contudo, se houvesse o movimento de tudo o que está abaixo de  $\text{Mood}_{\text{(evaluative)}}\text{P}$ , isto é, todo o  $\text{TP}_{\text{(Past)}}$ , a frase torna-se possível em PB, como contrastamos a partir da gramaticalidade da sentença *As crianças ligaram a televisão, quase*.

### 5.2.3 – O posicionamento dos modalizadores

A subclasse dos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes modalizadores é aquela cujos sintagmas, comumente, se aplicam à sentença como um todo, podendo, entretanto, ocasionalmente, haver casos nos quais eles se apliquem em incidência de foco sobre um constituinte específico da sentença.

ILARI *et al.* (1990, pág.82), em seu estudo descritivo, apontam como sintagmas adverbiais modalizadores, classificando-os: (i) os *quase modais* que modalizam a sentença com modalidades ligadas às crenças, opiniões e expectativas do falante; (ii) os *de circunscrição* que limitam o ponto de vista sob o qual pode ser considerada correta a asserção; (iii) e os *de atitude proposicional* que expressam uma apreciação, geralmente do falante, sobre o conteúdo da asserção. Esses são exemplificados, respectivamente, a seguir, nos pares de sentenças (67) e (68), (69) e (70), (71) e (72):

(67) Ele está assumindo tarefas assim precocemente. *Possivelmente* passe essa fase. (ILARI *et al.*, p.83)

(68) Há pessoas que *dificilmente* perdem a calma, perdem o controle. (ILARI *et al.*, p.83)

(69) *Oficialmente*, o caso está encerrado. (adaptado de ILARI *et al.*, p.82)

(70) *Humanamente*, trabalhar 14 horas por dia é impossível. (adaptado de ILARI *et al.*, p.82)

(71) Ainda não... *Felizmente*, [as crianças] ainda não começaram [aquela fase difícil]. (ILARI *et al.*, p.84)

(72) *Lamentavelmente*, os jovens não saíram para a festa. (Exemplo meu)

Nossa proposta é a de que os advérbios que ILARI *et al.* chamam de modalizadores correspondem aos sintagmas adverbiais modalizadores cuja existência na sintaxe, enquanto primitivos, é proposta por CINQUE. Este autor menciona que os sintagmas adverbiais modalizadores são tipicamente palavras independentes. Ele subdivide-os, valendo-se da clássica distinção tripartite da modalidade verbal, em *Epistemic Modals, Root Modals, Alethic Modals*<sup>150</sup> (cf. subseção 3.7.2 do capítulo 3). Assim, os modalizadores epistêmicos, segundo CINQUE, são aqueles sintagmas que expressam as deduções ou opiniões do falante, ocupando posições mais altas na sua arquitetura da hierarquia linear universal do que aqueles outros sintagmas ligados aos tempos verbais e à negação. Os modalizadores raízes são aqueles sintagmas adverbiais que se compõem de diferentes subclasses: de volição, de obrigação, de habilidade e de permissão. Já os modalizadores aléticos expressam verdades necessárias e/ou verdades possíveis acerca da asserção verbal. Ele propõe, então, a existência de pelo menos quatro núcleos funcionais ligados às diferentes modalidades das sentenças, com seus respectivos sintagmas adverbiais ocupando a posição de especificadores: Mod<sub>epistemic</sub>, Mod<sub>necessity</sub>, Mod<sub>possibility</sub>, e o Mod<sub>volitional</sub>.

Dessa forma, de acordo com o que propomos, os advérbios que ILARI *et al.* denomina de quase-modais são equivalentes aos modalizadores epistêmicos (Mod<sub>epistemic</sub>) de CINQUE, pois é através da modalidade epistêmica que, justamente, se expressam as deduções e opiniões do falante. Esses sintagmas ocupam na HLU a quarta posição mais alta, estando acima de todas as projeções funcionais ligadas à marcação da categoria de Tempo, dos modais raízes, do núcleo da categoria de Voz e dos actualizadores, posicionando-se logo abaixo dos núcleos de modo/maneira.

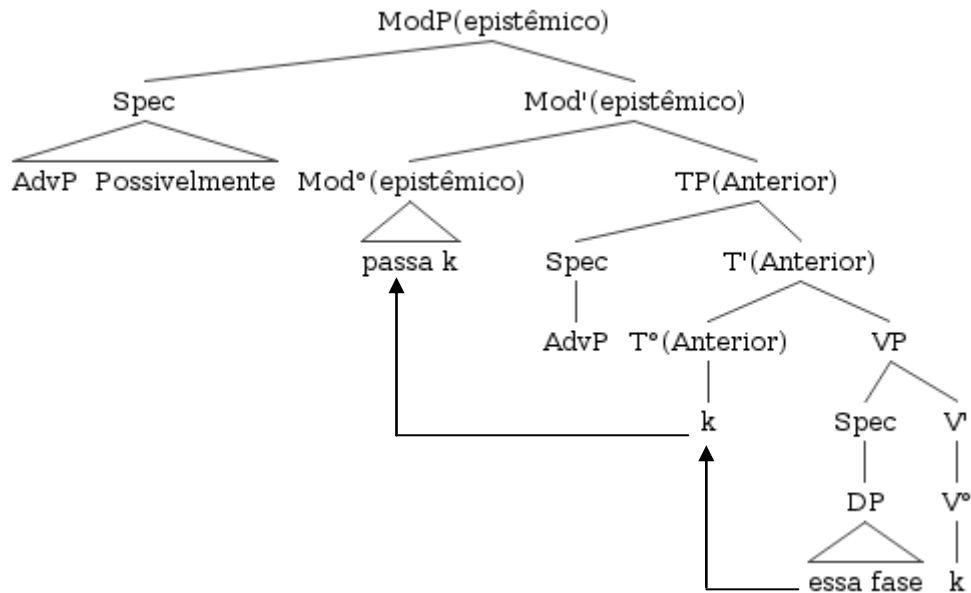
Desse modo, partindo dessa perspectiva hipotética de análise, argumentamos a favor dos seguintes esquemas arbóreos representativos (25) e (26) para as derivações das sentenças (73) e (74) a seguir, contendo predicativos modalizadores epistêmicos:

---

<sup>150</sup> Respectivamente, modais epistêmicos, modais raízes e modais aléticos.

(73) *Possivelmente* passe essa fase.

Esquema (25):



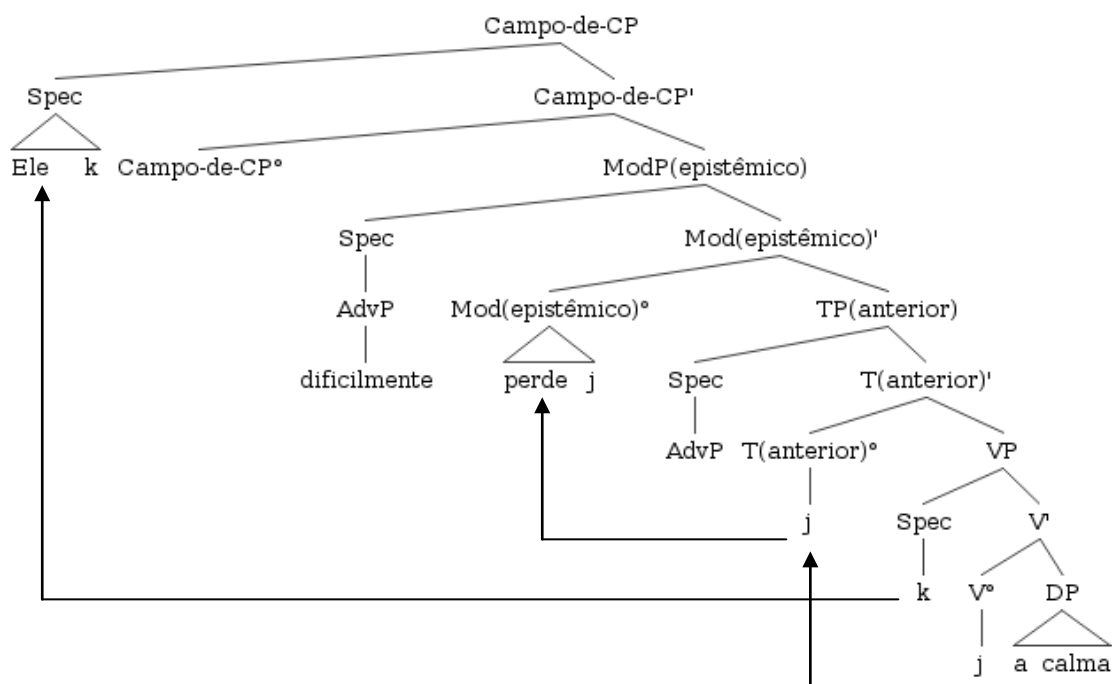
No esquema (25) acima, o sintagma adverbial *possivelmente* ocupa a posição de especificador do modalizador epistêmico ( $\text{ModP}_{\text{epistêmico}}$ ), permanecendo *in situ* na derivação. O verbo *passa*, no tempo presente do subjuntivo, sobe do núcleo do VP, passa pelo TP(anterior), e posiciona-se no núcleo do  $\text{ModP}_{\text{epistêmico}}$ <sup>151</sup>. O argumento externo *essa fase* permanece, também, *in situ* na posição de Spec do VP.

Para a próxima sentença (74) adiante, propomos o seguinte:

<sup>151</sup> Cinque afirma que, em LF, os verbos que são gerados na posição de núcleo de VP adjacente a uma projeção funcional se movem para a posição de núcleo da projeção funcional e o complemento sobe de sua posição de origem para VP.

(74) Ele *difícilmente* perde a calma.

Esquema (26):



Em (26), apresenta-se o esquema arbóreo da sentença (74). Propõe-se na derivação que o sintagma adverbial predicativo modal epistêmico *difícilmente* permanece *in situ* em  $\text{ModP}_{(\text{epistêmico})}$ , na posição de Spec. O verbo finito *perde* nasce no núcleo do VP, passa pela posição de núcleo de  $\text{TP}_{(\text{anterior})}$ , e sobe para ocupar a posição de núcleo de  $\text{ModP}_{(\text{epistêmico})}$ . O complemento verbal do verbo, o DP *a calma* permanece *in situ*, também, no complemento do VP.

Para testar ainda mais nossa hipótese que afirma que os sintagmas modalizadores quase-modais de ILARI *et al.* ocupam a posição sintática dos AdvPs modalizadores epistêmicos dentro da hierarquia de CINQUE, peguemos as sentenças (75) e (76) contendo sintagmas adverbiais epistêmicos.

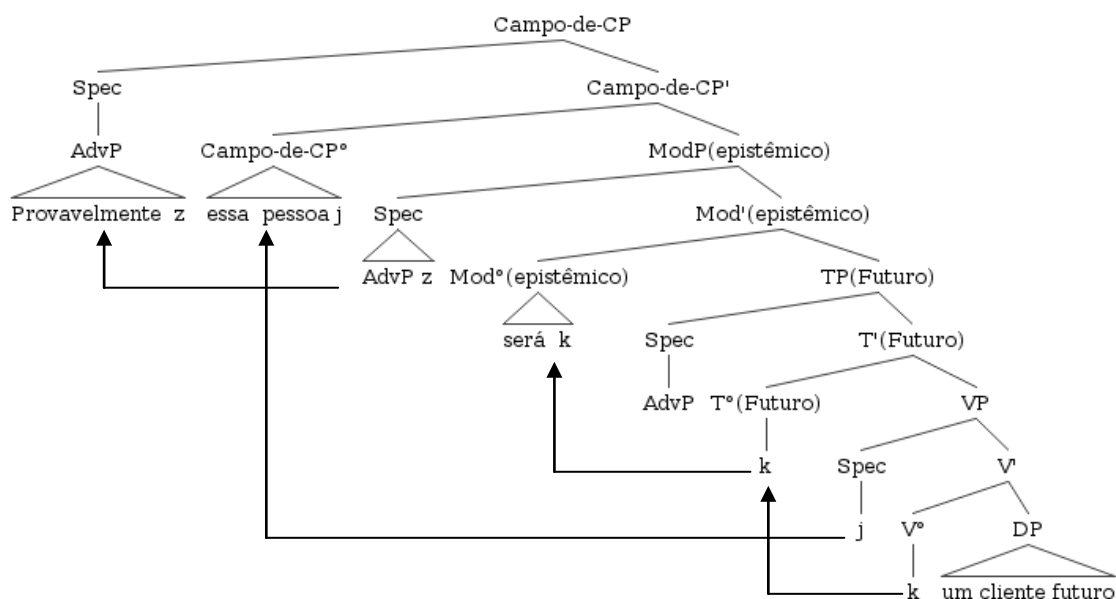
(75) *Provavelmente* essa pessoa será um cliente futuro. (adaptado de ILARI *et al.*, p.83)

(76) (...) *Provavelmente* passe essa fase. (adaptado de ILARI *et al.*, p.83) <sup>152</sup>

Essas sentenças podem ser representadas, com base na proposta citada, como a seguir em (27) e (28):

(75) (...) *Provavelmente* essa pessoa será um cliente futuro. (adaptado de ILARI *et al.*, p.83)

Esquema (27):



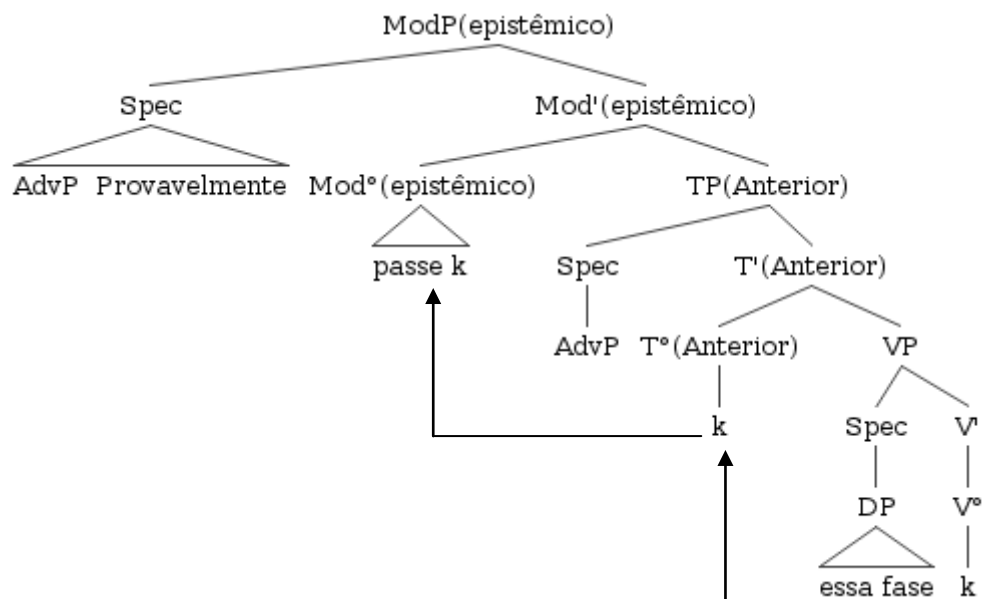
<sup>152</sup>Logicamente, alguns leitores podem estar indagando-se acerca da existência de uma aparente mobilidade para o sintagma adverbial *provavelmente* nas sentenças (75) e (76), exemplificadas em PB em **(Provavelmente) Essa pessoa (provavelmente) será (provavelmente) um cliente futuro (provavelmente)**. Argumentamos que, em muitos desses posicionamentos, a predicação adverbial não têm o verbo como escopo. Assim, por homonímia, uma mesma forma morfofonológica representa distintos itens do léxico. Então, a explicação dos diversos posicionamentos de *provavelmente* advém disso: há o sintagma adverbial que nos interessa em nosso estudo, com escopo sobre o verbo ou a sentença, e há o modificador adnominal que pode ocorrer tanto em DPs sujeitos quanto objetos. Para nós, no presente estudo, só interessa o item lexical modificador (predicador) do verbo.



No esquema (27) acima, representa-se na derivação que o argumento externo *Essa pessoa* se origina no Spec de VP e sobe por deslocamento de constituintes para o núcleo de uma projeção do campo de CP por motivações discursivas, passando a ter escopo sobre toda a sentença. O sintagma adverbial *provavelmente*, originado em Spec do modalizador epistêmico, sobe para o especificador da mesma projeção do campo de CP, tendo, assim, sob seu escopo mais próximo o constituinte *essa pessoa*. O verbo *será* sai do núcleo de VP, sua posição de origem, passa pelo núcleo do sintagma de tempo futuro para checagem de traços desse tempo verbal, e segue até o núcleo do modalizador epistêmico para checagem de traços pertinentes à categoria de Modo/Modalidade com o sintagma adverbial correspondente. O DP complemento verbal *um futuro cliente* permanece *in situ* em sua posição originária de argumento interno de VP.

(76) (...) *Provavelmente* passe essa fase. (adaptado de ILARI *et al.*, p.83)

Esquema (28):



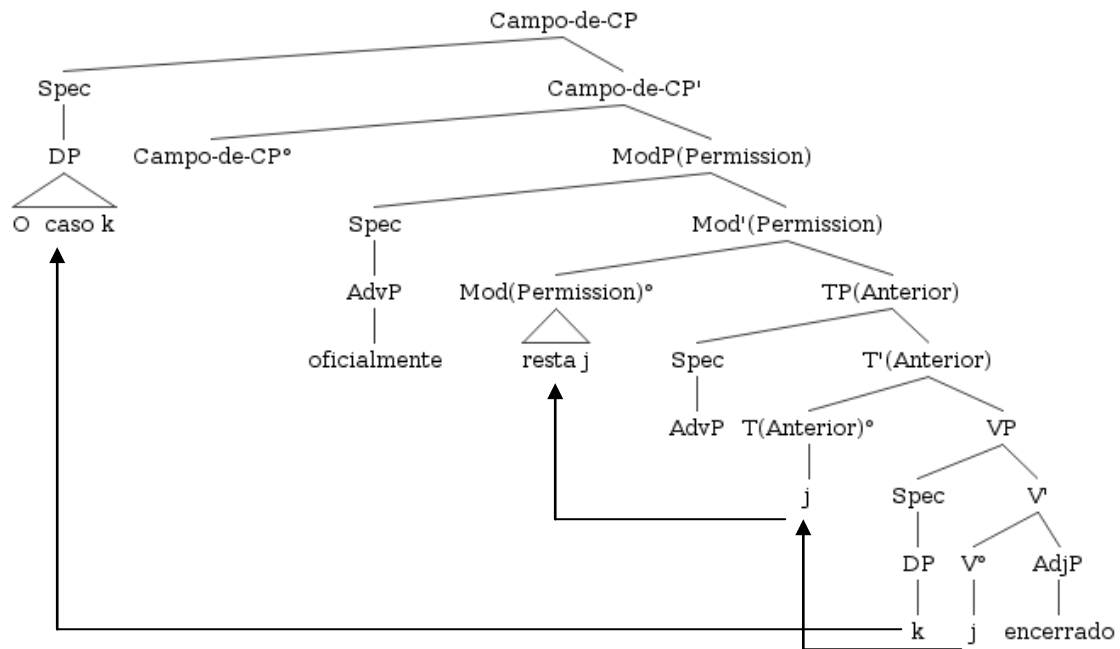
Já no esquema (28), o sintagma adverbial *possivelmente* permanece *in situ* no especificador do modal epistêmico. Já o verbo finito *passse* origina-se na posição de núcleo do VP, posteriormente passando pelo núcleo de TP<sub>(anterior)</sub>, e sobe para o núcleo do modalizador epistêmico. O DP *essa fase* permanece *in situ* na posição de Spec de VP.

Quanto aos sintagmas adverbiais predicativos de constituintes modalizadores que ILARI *et al.* subclassificam de “advérbios de circunscrição”, argumento que tais itens lexicais correspondem, geralmente, aos sintagmas adverbiais que funcionam como especificadores dos núcleos modalizadores de raiz proposto por CINQUE. Este autor define a modalidade raiz como aquela que não é constituída por uma classe semântica monolítica de elementos do léxico, mas, sim, é composta por diferentes subclasses semânticas de elementos lexicais (de volição, obrigação, habilidade e permissão). Dessa forma, CINQUE propõe a existência de três núcleos funcionais de modalidade raiz, a saber: Mod<sub>volition</sub>, Mod<sub>obligation</sub>, Mod<sub>ability/permis.</sub> Esses núcleos funcionais preenchem posições mais baixas que os núcleos funcionais de modo/maneira e de tempo passado e futuro, e mais altas que o núcleo de tempo presente.

De acordo com o proposto, então, argumentamos a favor das seguintes derivações apresentadas nos esquemas arbóreos (29) e (30) a seguir, respectivamente, para as sentenças (77) e (78) abaixo:

(77) O caso *oficialmente* resta encerrado. (adaptado de ILARI *et al.*, p.82)

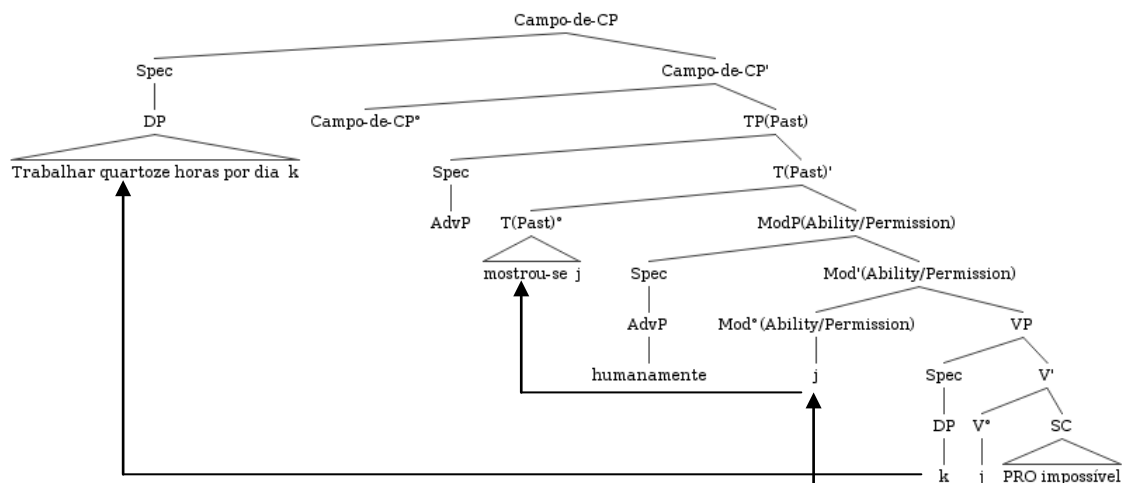
Esquema (29):



Desse modo, o sintagma adverbial *oficialmente*, que ILARI *et al.* chamam de predicativo modalizador de constituinte, preenche a posição de Spec da projeção funcional de modo de habilidade/permissão ( $\text{ModP}_{(\text{permission/ability})}$ ) de CINQUE, permanecendo *in situ*. O verbo finito *resta* sobe do núcleo de VP, passa pelo núcleo de  $\text{TP}_{(\text{anterior})}$ , e fica no núcleo de  $\text{ModP}_{(\text{permission/ability})}$  na derivação. O  $\text{AdjP}$  *encerrado* fica na *small clause*. O argumento interno *o caso* movimenta-se para projeções do campo de CP.

(78) Trabalhar quatorze horas por dia mostrou-se *humanamente* impossível. (adaptado de ILARI *et al.*, p.82)

Esquema (30):



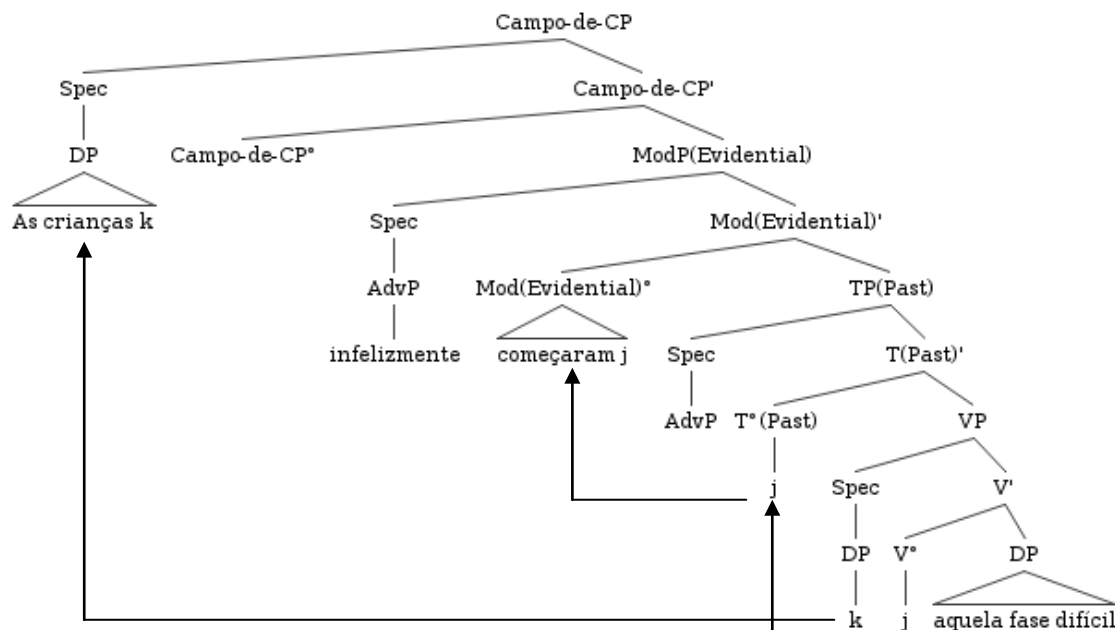
Em (30), o sintagma adverbial predicativo modalizador de constituinte *humanamente* preenche a posição de Spec de  $\text{ModP}_{(\text{permission/ability})}$ , permanecendo *in situ*. O verbo finito *mostrou-se*, que tem o clítico acoplado na representação, sobe do núcleo de VP, seu local de origem, passa pelo núcleo de  $\text{ModP}_{(\text{permission/ability})}$ , e preenche a posição de núcleo do  $\text{TP}_{(\text{Past})}$  – que, ao contrário de  $\text{TP}_{(\text{anterior})}$ , é mais alto que  $\text{ModP}_{(\text{permission/ability})}$ . A *small clause* na qual se encontra o adjetivo predicador *impossível*, permanece *in situ*. O argumento externo *Trabalhar quatorze horas por dias*, originado em Spec de VP, sobe para o campo de CP, gerando a ordem expressa na derivação.

Argumentamos, ainda, que a ordem sintática das sentenças (69) e (70) do início da subseção é decorrente de deslocamentos. Deslocamentos como aqueles já expressos antes (movimento de tópico, foco, deslocamento à esquerda etc.), derivando, dessa maneira, as construções sintáticas com os sintagmas adverbiais localizados no início imediato das sentenças.

Por fim, argumentamos que os sintagmas adverbiais predicativos modalizadores de constituintes “de atitude proposicional” de ILARI *et al.* são, geralmente, equivalentes aos AdvPs de modo/maneira evidencial (MoodP<sub>evidential</sub>) de CINQUE. Desse modo, esse sintagmas preenchem a posição de especificadores de MoodP<sub>evidential</sub>, ocupando a terceira posição mais alta na HLU de CINQUE, localizando-se entre o núcleo MoodP<sub>(evaluative)</sub> e o núcleo ModP<sub>(epistemic)</sub>. Os sintagmas adverbiais modalizadores evidenciais têm, justamente, a função de expressar, seguindo a proposta de CINQUE, o tipo de evidência que o falante tem de sua asserção. Isso se assemelha bem à idéia semântica expressa pelos advérbios *de atitude proposicional* (que expressam uma apreciação, geralmente do falante, sobre o conteúdo da asserção), pois uma apreciação do falante sobre o conteúdo da asserção é uma evidência (cf. as sentenças (71) e (72) na pág. 146). Assim, de acordo com o que foi dito antes, propomos, com base nessa afirmação, as derivações (31) e (32) adiante:

(79) As crianças *infelizmente* começaram aquela fase difícil.<sup>153</sup> (adaptado de ILARI *et al.*, p.84)

Esquema (31):

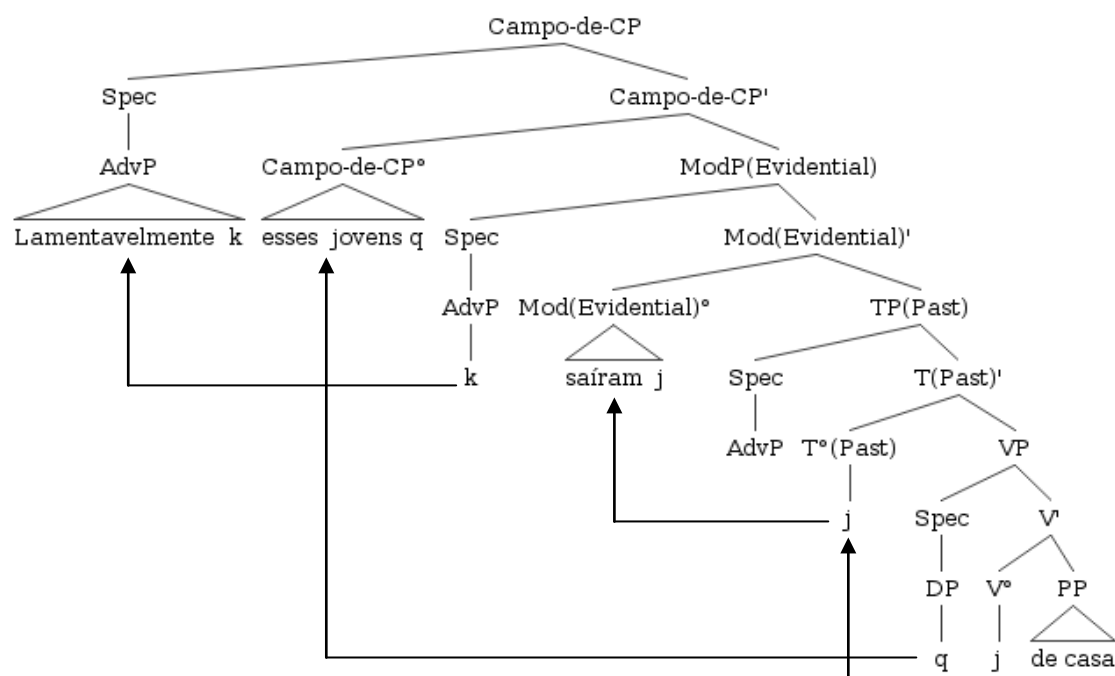


Em (31), o sintagma adverbial modalizador evidencial *infelizmente* é gerado na posição de Spec de ModP<sub>(evidential)</sub> e permanece *in situ*. O verbo finito *começaram* origina-se no núcleo do VP, passa em seguida pelo núcleo de TP<sub>(past)</sub>, e preenche a posição de núcleo do ModP<sub>(evidential)</sub>. O argumento externo *as crianças*, que é originado no Spec de VP, sobe para preencher a posição de Spec de uma projeção funcional do campo de CP. O DP complemento verbal *aquela fase difícil* permanece *in situ* como argumento interno do VP, originando-se, assim, a derivação acima.

<sup>153</sup> Apesar de sabermos que o verbo *começar*, normalmente, entra em derivações já tradicionalmente denominadas de alçamento pelos estudiosos gerativistas, consideraremos, aqui, para fins de simplificação e coerência com os objetivos centrais da nossa análise, a derivação em questão, como uma na qual o verbo *começar* possui uma predicação comum e não de alçamento.

(80) *Lamentavelmente*, esses jovens saíram de casa. (Exemplo meu)

Esquema (32):



Em (80), por sua vez, o sintagma adverbial modalizador evidencial *lamentavelmente* é gerado na posição de Spec de  $\text{ModP}_{(\text{evidential})}$  e sobe para uma projeção do campo de CP devido a deslocamentos sintáticos por motivações pragmático-discursivas. O verbo finito *saíram* origina-se no núcleo do VP, passa em seguida pelo núcleo de  $\text{TP}_{(\text{past})}$ , e preenche a posição de núcleo do  $\text{ModP}_{(\text{evidential})}$ . O argumento externo *os jovens*, que é originado no Spec de VP, sobe para preencher a posição de núcleo da mesma projeção do campo de CP na qual o sintagma adverbial modalizador está localizado no especificador. O PP complemento locativo *de casa* permanece *in situ* como argumento interno do VP, construindo-se o ordenamento apresentado na derivação.

## 5.2.4 – O posicionamento dos aspectualizadores

Finalmente, há uma última classe de sintagmas adverbiais predicativos chamada de predicativos aspectualizadores de constituintes por ILARI *et al.* Eles definem os advérbios predicativos aspectualizadores como aqueles que impõem restrições (semânticas) à categoria do Aspecto Verbal. CINQUE também cita em sua hierarquia todo um grupo de AdvPs denominados de aspectualizadores. Segundo a proposta formalista de CINQUE, os sintagmas aspectualizadores apresentam a seguinte divisão a seguir:

AspP<sub>habitual</sub> > AspP<sub>repetitive(I)</sub> > Asp<sub>frequentative(I)</sub> > AspP<sub>celerative(I)</sub> > AspP<sub>terminative</sub>  
> AspP<sub>continuative</sub> > AspP<sub>perfect</sub> > AspP<sub>retrospective</sub> > AspP<sub>proximative</sub> > AspP<sub>durative</sub>  
> AspP<sub>progressive</sub> > AspP<sub>prospective</sub> > AspP<sub>inceptive(I)</sub> > AspP<sub>obligation</sub> > AspP<sub>frustrative/success</sub> > AspP<sub>conative</sub> > AspP<sub>completive(I)</sub> > AspP<sub>repetitive(II)</sub> > AspP<sub>frequentative(II)</sub> > AspP<sub>celerative(II)</sub> > AspP<sub>inceptive(II)</sub> > AspP<sub>completive(II)</sub>.

A ordem exata dos aspectualizadores de CINQUE não é exatamente a ordem apresentada acima, pois na HLU vários outros sintagmas funcionais já vistos, a exemplo de *VoiceP*, ocorrem dentro dos diversos aspectualizadores apontados, tanto nas posições mais altas quanto as mais baixas; intervindo, dessa maneira, entre esses núcleos.

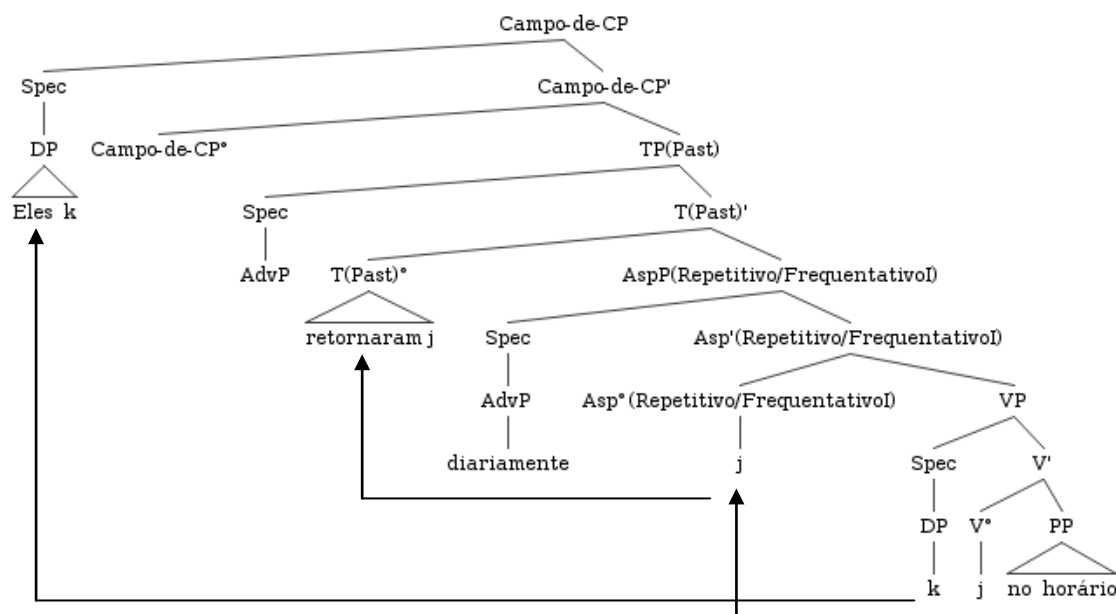
Assim, nossa proposta aqui se torna óbvia e lógica: os sintagmas funcionais aspectualizadores de CINQUE correspondem, majoritariamente, aos advérbios que ILARI *et al.* subclassificam de aspectualizadores. Até a definição fornecida pelos autores são coincidentes, baseando-se primordialmente na definição basilar de que tais itens lexicais caracterizam-se por ter escopo sobre o aspecto verbal.

Assim, propomos as seguintes derivações arbóreas (33), (34) e (35) para as sentenças (81), (82) e (83) abaixo:



(81) Eles retornaram *diariamente* no horário. (Exemplo meu)

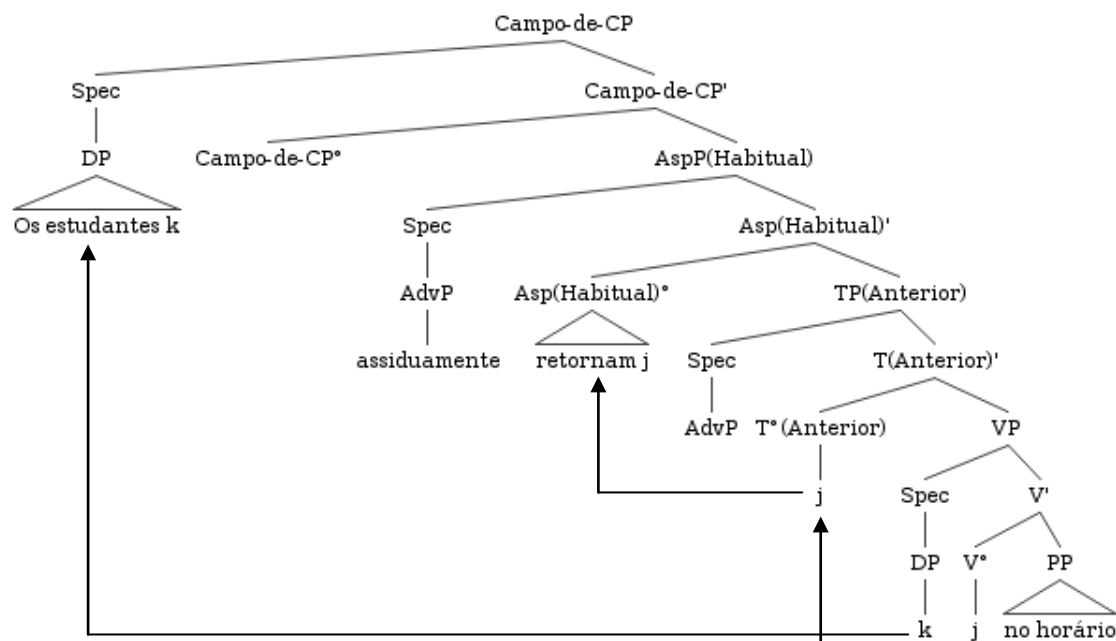
Esquema (33)



No esquema (33) apresentado, o sintagma adverbial aspectual repetitivo/freqüentativo *diariamente* é gerado na posição de Spec de  $AspP_{(repetitivo/frequentativoI)}$  e permanece *in situ* em sua posição de origem. O verbo finito *chegaram* origina-se no núcleo do VP, passa em seguida pelo núcleo de  $AspP_{(repetitivo/frequentativoI)}$ , e preenche a posição de núcleo do  $TP_{(Past)}$ . O argumento externo *eles*, que é originado no Spec de VP, sobe para preencher a posição de Spec de uma projeção do campo de CP. O PP complemento preposicionado *no horário* permanece *in situ* como argumento interno do VP.

(82) Os estudantes *assiduamente* retornam no horário. (Exemplo meu)

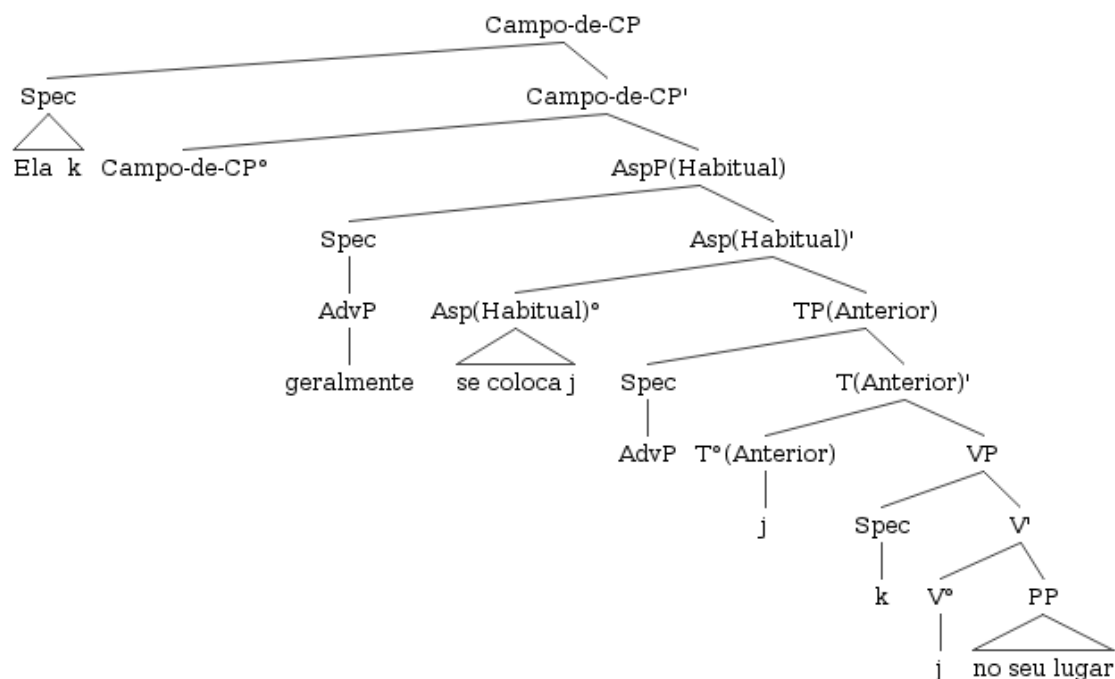
Esquema (34)



Em (34), o sintagma adverbial aspectual habitual *assiduamente* é gerado na posição de Spec da projeção de  $AspP_{(Habitual)}$  e permanece *in situ*. O verbo finito *chegam* origina-se no núcleo do VP, passa em seguida pelo núcleo de  $TP_{(anterior)}$ , e preenche a posição de núcleo da mesma projeção de  $AspP_{(Habitual)}$ . O argumento externo *Os estudantes*, que é originado no Spec de VP, sobe para o campo de CP. O PP complementado *no horário* permanece *in situ* como argumento interno do VP.

(83) Ela *geralmente* se coloca no seu lugar. (ILARI *et alli*, p.83)

Esquema (35)



Na sentença (83), representada na derivação esboçada no esquema (35), o sintagma adverbial aspectual habitual *geralmente* é gerado na posição de Spec de  $AspP_{(Habitual)}$  e permanece nesta posição *in situ*. O verbo finito *coloca* origina-se no núcleo do VP, passa em seguida pelo núcleo de  $TP_{(anterior)}$ , e preenche a posição de núcleo do  $AspP_{(Habitual)}$  conjuntamente ao clítico *se* que o acompanha acoplado. O argumento externo *ela*, que é originado no Spec de VP, passa pelo núcleo de  $TP_{(anterior)}$  e sobe para preencher a posição de núcleo do  $AspP_{(Habitual)}$ . O PP complemento do verbo *no seu lugar* permanece *in situ* como argumento interno do VP.

### 5.3 – Conclusão

Neste capítulo, intencionamos estabelecer uma correlação entre a tipologia estabelecida por ILARI *et alli* para os advérbios predicativos de constituintes (qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores) e a proposta formalista de CINQUE. Desse modo, argumentamos que os qualitativos corresponderiam aos sintagmas adverbiais ligados à voz verbal (*VoiceP*); os intensificadores corresponderiam aos sintagmas adverbiais de modo/maneira avaliativo ( $\text{MoodP}_{\text{evaluative}}$ ); os modalizadores (quase-modais e de circunscrição) corresponderiam aos diversos sintagmas adverbiais modalizadores da sentença: respectivamente, as modalidades epistêmica ( $\text{ModP}_{\text{epistemic}}$ ) e raiz ( $\text{ModP}_{\text{volition}}$ ,  $\text{ModP}_{\text{obligation}}$ ,  $\text{ModP}_{\text{Ability/Permission}}$ ), sendo que os modalizadores de “atitude proposicional” corresponderiam aos sintagmas de modo/maneira evidenciais ( $\text{ModP}_{\text{evidential}}$ ). Finalmente, os aspectualizadores corresponderiam aos diversos sintagmas adverbiais aspectualizadores presentes na HLU de CINQUE. Com base nessa correlação, então, propomos derivações sintáticas para cada um dos quatro tipos de sintagmas predicativos de constituintes. Os esquemas arbóreos contemplaram tanto sentenças que nos serviram de exemplo quanto algumas outras que podem ser definidas como contra-exemplos.

Creemos que, nas derivações representadas, pudemos fornecer algumas evidências empíricas e alguns testes sintáticos que, se não ratificam totalmente a nossa proposta, ao menos, auxiliam a nossa hipótese, enquanto uma hipótese teórica e ponto de vista autônomo e particular de análise do objeto-fenômeno em questão: os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes.

## 6 – Considerações Finais

Nas epígrafes desta dissertação, citamos as palavras do filósofo FLUSSER, do século XX passado, que “as formas não são descobertas nem invenções, não são idéias platônicas nem ficções; são recipientes construídos especialmente para os fenômenos (‘modelos’)” e que “a ciência teórica não é nem ‘verdadeira’ nem ‘fictícia’, mas sim ‘formal’ (projetam modelos).” Pois bem. Esta máxima, para nós, adéqua-se perfeitamente à descrição deste trabalho.

Fruto de muito esforço pessoal e de uma empatia grandiosa tanto pelo arcabouço teórico adotado (o gerativismo lingüístico) quanto pelo objeto de estudo selecionado (os sintagmas adverbiais), este trabalho resulta como uma tentativa de análise do ordenamento e posicionamento dos AdvPs dentro da arquitetura da sintaxe das línguas naturais. Fazendo-se um recorte sobre os AdvPs que predicam sobre outros constituintes sintáticos no PB, a questão central que norteou todo a nossa pesquisa foi a seguinte: os AdvPs predicativos de constituintes possuem um posicionamento fixo e ordenado nas línguas humanas?

Ancorando na perspectiva formalista de CINQUE (1999) – que, ao propor que traços funcionais projetam-se em projeções próprias traz aos estudos sintáticos a possibilidade de abordar categorias da interface lingüística da sintaxe com a semântica/pragmática antes deixadas no ostracismo – tentamos argumentar a favor de que os AdvPs possuem, sim, um posicionamento/ordenamento fixos nas línguas.

Para iniciarmos essa empreitada à busca de provas lingüísticas empíricas que sustentasse nosso ponto de vista analítico, revisamos algumas das mais importantes e reconhecidas teoria da sintaxe adverbial. Procuramos nelas, sobretudo, enxergar o lugar que elas ocupam dentro do tema referido, demonstrando os seus pontos vanguardistas, bem como suas falhas. O seu poder explicativo enquanto teoria, enfim. Constatou-se, assim, como cada uma dessas teorias contribuíram (ou ainda contribuem) de forma particular para as teorias subseqüentes e contrapostas, compondo a dialética fundamental para a manutenção do fazer científico.

Discorreremos, então, de modo mais detalhado, acerca da teoria na qual nos baseamos, a Hierarquia Linear Universal de CINQUE. Aplicando-a notadamente sobre

os dados contendo os 4 tipos de AdvPs predicativos de constituintes retirados do PB, procuramos verificar o seu poder de adequação explicativa e, sobretudo, teórica. Intencionamos demonstrar que, partindo-se da HLU de CINQUE, há algumas posições canônicas nos especificadores de projeções funcionais nas quais os sintagmas adverbiais estudados estão localizados. Dessa forma, diversas derivações foram construídas para tentar exemplificar, representar e testar nossa hipótese.

Em cada um dessas árvores, procuramos comprovar nossa hipótese central por meio da utilização de *corpus* composto por algumas sentenças criadas pelos autores lidos ou forjadas por nós e testadas, também, com outros falantes nativos de PB.

Finalmente, terminamos nossa dissertação ressaltando a contundente relação existente entre a perspectiva teórica adotada aqui e o recente modelo do MP da Teoria da Gramática. Para nós, o ato de postular a existência de núcleos funcionais universais para as diversas categorias verbais vistas (Tempo, Modo/Modalidade, Aspecto, Número, Voz e Pessoa), nos quais os sintagmas adverbiais preenchem o lugar de Spec, é pensar mais economicamente a UG e a Teoria da Gramática.

Essa economia demonstra-se, a nosso ver, principalmente, nas evidências de dados de línguas naturais que exemplificam a possibilidade binária de realização morfofonológica ou não, tanto de núcleos quanto de especificadores de projeções funcionais dentro das gramáticas das línguas. Dessa forma, cremos que é bem mais econômico e pertinente à descrição formal da linguagem humana supor a cartografia do IP estendido que adotamos como parte da UG do que não fazê-lo.

Reconhecemos que ficaram, ainda, por serem explicados de maneira mais peremptória o modo como os fatores pragmático-discursivos lingüísticos da interação verbal afetam o posicionamento/ordenamento do AdvPs. Por isso mesmo, findamos este texto reconhecendo a incompletude absoluta da pesquisa, mas indicando que este estudo continuará em prosseguimento nas próximas etapas por vir em que esperamos ampliar tanto nossa base de dados lingüísticos universais quanto nosso escopo teórico de análise.

## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37<sup>o</sup> ed. rev. e amp. 14<sup>a</sup> reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BELLETTI, Adriana; RIZZI, Lorenzo. **Alguns conceitos e questões em teoria lingüística**. In: prefácio de CHOMSKY, Noam. **Sobre a natureza e linguagem**. Tradução de Marylene Pinto Michael; revisão da tradução Evandro Ferreira e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1998.

BORGES NETO, J. **O empreendimento gerativo**. In: Mussalim, F. e Bentes, A.C.(orgs.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. Vol.3. São Paulo: Cortez, 2004, p.93-12.

CASTILHO, A. T. de (org.). **Gramática do português falado: a ordem**. Vol.1. São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1996.

CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-brasileiros**. Salvador: (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística) Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras, 2007.

CHOMSKY, Noam. **A Review of B.F. Skinner's verbal behavior**, *Language*, 35, p. 26-58, 1959.

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Prefácio e coordenação de Inês Duarte. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. MIT Press, Cambridge Massachusetts, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução de Lúcia Lobato. Revisão Mark Ridd. Brasília: Editora da UNB, 1998.

CHOMSKY, Noam. **Derivation by phase**. MIT occasional papers in Linguistics 8, 1999 a.

CHOMSKY, Noam. **O Programa Minimalista**. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Raposo Paiva. Lisboa: Caminho, 1999 b.

CHOMSKY, Noam; HAUSER, M.D.; FITCH, W. T. **The faculty of language: what is this, who has it, and how did it evolve?** Science, vol. 298, pág.1569-1579, 22 de novembro de 2002.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da sintaxe**. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, 2005 a.

CHOMSKY, Noam ; HAUSER, M. D. ; FITCH, W. T. **The evolution of the language faculty: clarifications and implications**. Cognition 97, pág. 179-210, 2005 b.

CHOMSKY, Noam. **Sobre a natureza e linguagem**. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Lorenzo (orgs.). Tradução de Marylene Pinto Michael. Revisão da tradução Evandro Ferreira e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **“Restructuring” and Functional Structure**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 a. Págs. 11 - 63.

CINQUE, Guglielmo. **Issues in adverbial syntax**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 b. Págs. 119 - 144.

CINQUE, Guglielmo. **The status of “mobile” suffixes**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 c. Págs. 167 - 173.

CINQUE, Guglielmo. **A note on Mood, Modality, Tense, and Aspect affixes in Turkish**. In: **Restructuring and Functional Heads - The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. CINQUE, G. (org.). New York: Oxford University Press, 2006 d. Págs. 175 - 185.



CORRÊA, L. M. S. **O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança.** Revista Letras de hoje. Porto Alegre, v.42, n.1, p.7-34, março, 2007.

COSTA, João; GONÇALVES, Anabela. **Minimal projections: evidence from defective constructions in European Portuguese.** 1999. Disponível em: [ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf](http://ddd.uab.cat/pub/cwpil/1132256Xv7p59.pdf). Acesso em 26 de maio de 2010.

COSTA, João. **Subject positions and interfaces: the case of European Portuguese.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. Também disponível em: <http://www.reference-global.com/doi/book/10.1515/9783110197396>. Livro gentilmente cedido pelo autor via correspondência pessoal.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português** – (Coleção repensando a língua portuguesa). São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DUARTE, Inês Silva. In: MATEUS, M. H. M. *et alli*. **Gramática da língua portuguesa.** – 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.

ERNST, Thomas. **On the role of semantics in a theory of adverb syntax.** *Lingua*, Elsevier B.V., vol.117, nº6, pp.1008-1033, 2006. Disponível em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=18673982>. Acesso: 5 de junho de 2010.

FARIA, Isabel. In: MATEUS, M. H. M. *et alli*. **Gramática da língua portuguesa.** – 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à lingüística – I. Objetos teóricos.** -5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** Rafael Cardoso (org.). Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HAEGEMAN, Liliane. **Introduction to Government and Binding Theory.** Cambridge Massachusetts: Blackwell, 1994.

ILARI, Rodolfo *et al.* **Considerações sobre a posição dos advérbios**. In: Castilho, A.T.(org.).**Gramática do português falado**.Vol.1: a ordem.Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.63-141.

ILARI, R. **Gramática do português falado: níveis de análise lingüística**. 4 ed. rev. e amp. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

JACKENDOFF, R. **Semantic interpretation in generative Grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1972.

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo**. In: **Manual de lingüística**. MARTELLOTTA, Mário Eduardo. -2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

LAENZLINGER, Christopher. **The syntax of adverbs**. In: **Comparative studies in word order variants; adverbs, pronouns and clause structure in romance and Germanic**. Tese de doutorado. Amsterdam/New York: John Benjamins, 1998.

LAENZLINGER, C. **A feature - based theory of adverb syntax**. GG@G (Generative Grammar in Geneva), n°.3, 2002, p.67-105. Disponível em: <http://www.unige.ch/lettres/linge/syntaxe/journal/Volume3/laenzlingerGG@G.pdf>. Acesso: 24 de maio de 2010.

LIMA, R. B. de. **Advérbios focalizadores no português brasileiro**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Letras (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística), 2006.

LUCCHESI, Dante. **A questão da formação do português popular no Brasil: notícia de estudo de caso**. A cor das Letras, n.3, pp. 73-100, 1999.

\_\_\_\_\_. **Contato entre línguas e variação paramétrica: o sujeito nulo no português afro-brasileiro**. In: Revista Língua(gem), v.1, n.2, 2000.

\_\_\_\_\_. **As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil**. D.E.L.T.A., São Paulo, 17:1 (97-130), 2001.

\_\_\_\_\_. **Grandes territórios desconhecidos**. Lingüística, vol.14, ALFAL, pp. 191-222, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUBISCO, N. M. Lienert; VIEIRA, S. C. e SANTANA, I. V. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 4ª Ed. revista e ampliada. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARTELLOTTA, Mário Eduardo. **Manual de lingüística**. - 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MATEUS, M. H. M. *et alli*. **Gramática da língua portuguesa**. – 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.

MIOTO, Carlos *et ali*. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

MUSSALIM, F. e BENTES, A.C.(orgs.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. Vol.3. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, M. H. de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

OLIVEIRA, I. Oliveira e. **Os advérbios no português brasileiro: para uma distinção sintático-semântica entre os advérbios modificadores de constituintes e os advérbios modalizadores de sentença**. Comunicação pessoal gentilmente cedida pela autora em 2009.

OLIVEIRA, I. Oliveira e. **Um estudo preliminar sobre os advérbios predicativos no português brasileiro com base no programa minimalista**. Comunicação pessoal gentilmente cedida pela autora em 2009.

PEREIRA, P. R. **O posicionamento sintático dos advérbios predicativos de constituintes no português brasileiro**. Comunicação apresentada no X Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação (SEMPPG), de 11 a 13 de novembro de 2009<sub>a</sub>. Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PEREIRA, P. R. **Os sintagmas adverbiais predicativos de constituintes no português brasileiro**. Comunicação apresentada no V Seminário Estudantil de Pesquisa em Letras (Sepesq - UFBA), de 14 a 16 de outubro de 2009<sub>b</sub>. Instituto de Letras (ILUFBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

PEZZATTI, E. G.; NOGUEIRA, M. G. **Os advérbios em – mente na elocução formal: uma perspectiva funcional.** Revista Estudos Lingüísticos, nº XXXIV, Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL) da UNICAMP, Campinas, p. 1093-1098, 2005.

PINKER, Steven; JACKENDOFF, Ray. **The faculty of language: what's special about it?** Cognition 95, pág. 201-236, 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Quantificação e escopo.** In: **Semântica Formal: uma breve introdução.** Campinas: Mercado das Letras, 2001 a.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **A expressão do tempo e da modalidade.** In: **Semântica Formal: uma breve introdução.** Campinas: Mercado das Letras, 2001 b.

POLLOCK, Jean-Yves. **Verb Movement, universal Grammar, and the structure of IP.** Linguistic Inquiry, vol.20, nº 3, 1989, pág.365-424.

RAPOSO, Eduardo. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem.** Lisboa: Caminho, 1992.

RADFORD, Andrew. **Syntactic theory and the structure of English. A Minimalist approach.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RADFORD, Andrew. **Agreement, case e movement.** In: **Syntax: a minimalist introduction.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Pág.281-326.

RIZZI, Luigi. **The fine structure of the left periphery.** In: **Elements of grammar; Handbook in generative syntax.** HAEGEMAN, Liliane (editora). Kluwer Academic Publishers: Países Baixos, 1997. Págs.281 - 337.

RIZZI, Luigi. **Locality and left periphery.** In: **Structures and beyond: the cartography of syntactic structures.** Vol.3. Oxford University: New York, 2004. Págs.223-251. Disponível também em: [www.uni-leipzig.de/~muellerg/rizzi.doc](http://www.uni-leipzig.de/~muellerg/rizzi.doc). Acesso em 20 de maio de 2010.

ROBERTS, Ian. **Diachronic Syntax.** Oxford University Press: New York, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 31º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SANTOS, Raquel. **Aquisição da linguagem**. In: **Introdução à lingüística – I. Objetos teóricos**. FIORIN, José Luiz (org.). -5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHAFF, Adam; JEUDY, Henri-Pierre; LANDI-ROSSI, F.; *et alli*. **Lingüística, sociedade e política**. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Revisão: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1975.

SEARLE, J. R. **Os actos de fala – Um ensaio de Filosofia da Linguagem**. Tradução de VOGT, C.; MALERONKA, A. C.; BARBOSA FILHO, B.; GONÇALVES, M. S.; SOBRAL, A. U. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

TESCARI NETO, Aquiles. **ADVPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo translingüístico**. Campinas: (dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2008.

WILSON, S. & SAYGIN, A. P. (2003). **Adverbs and functional heads in Turkish: Linear order and scope**. In: Carmichael, L., Huang, C.-H., & Samiian, V. (Eds.), *Proceedings of the 2001 Western Conference in Linguistics* (vol. 13). Fresno, CA: CSU Publications. Download disponível em disponível: <http://stephen.murray.wilson.googlepages.com/home.html>. Acesso em 20 de maio de 2010.

## 8 – Anexos

### PARTE I

**Línguas *pidgin* e crioulas de base portuguesa (CPs) da Ásia – Índia e Ásia Oriental.**  
**Alguns aspectos dos marcadores de Tempo-Aspecto em alguns CPs da Ásia.**

	<b>Passado (V.act)</b>	<b>Passado (V.estat)</b>	<b>Perfectivo</b>	<b>Futuro</b>	<b>NEG-futuro</b>
Diu	<i>(ja-) -o, -w</i>	<i>-ava, -i</i>	<i>ta- -n</i>	<i>ad-</i>	<i>?</i>
Damão	<i>(ja-) -o, -w</i>	<i>-i, -au</i>	<i>-n</i>	<i>a-</i>	<i>num ad-, nad-</i>
Norteiro (Bombaim)	<i>(ja-) -o, -w</i>	$\emptyset$ , <i>-i,</i> <i>tim- -n,</i> <i>tinh- -n</i>	<i>te -n</i>	<i>a(d)-</i>	<i>?</i>
Korlai	<i>(ja-) -o, -w</i>	<i>ti-</i>	<i>-n</i>	<i>lə-</i>	<i>nupa(d)-</i>
Mangalore	<i>(ja-)</i>	<i>-ia, tinha-</i>		<i>lo-, ade-</i>	<i>nada-</i>
Nagappattinam	<i>ja-, -o, -w</i>	<i>-i</i>	<i>te-</i>	<i>lo-</i>	<i>?</i>
Cochin	<i>ja-, jafoi</i>	<i>te-</i>	<i>te-</i>	<i>lo-</i>	<i>nada-</i>
Sri Lanka	<i>ja-</i>	<i>-ia, tinha-</i>	<i>ta- // -ta:m</i>	<i>lo-</i>	<i>nada-, nade-</i>
Malaca	<i>ja-</i>	$\emptyset$	<i>ta-</i>	<i>lo(gu)-</i>	<i>nadi-</i>
Tugu	<i>ja-</i>		<i>sta, ste, sa</i>	<i>lo(gu)</i>	<i>nada-</i>
Macau	<i>ja-</i>	$\emptyset$	<i>ta-</i>	<i>lo(gu)-</i>	<i>nadi-</i>

## Caraterísticas da categoria Auxiliar (marcadores de Tempo-Modo-Aspecto)

marcador de 'passado/perfectivo' *ja* <P. *já*

marcador de 'não-pontual' *ta* <P. *está*

marcador de 'progressivo' *te* <P. *tem*; p.ex., Korlai

marcador de 'futuro/irrealis' *lò(gu)* <P. *logo*

marcador de 'futuro/irrealis' *a(d)(i)* <P. *haver de*

marcador de 'NEG + futuro/irrealis' *nad(i)* <P. *não haver de*

### Korlai (= Norteiro) (Clements 1990)

- a) base do verbo                    *kata*
  - b) habitual, presente            *të + kata*            *Mari të kata*
  - c) progressivo, presente        *te + kata + -n*      *Mari te katan*
  - d) progressivo, passado        *ti + kata + -n*            *Mari ti katan*
  - e) habitual, passado            *ti + kata*            *Mari ti kata*
  - f) perfectivo                    *(te) + kata + -d*        *Mari (te) katad*
  - g) passado simples              *ja + kato*              *Mari ja kato*
- (NB. o crioulo norteiro de Bombaim usa *ji* (= K. *ja*) nestes casos)
- h) mais-que-perfeito            *ti + kata + -d*            *Mari ti katad*
  - i) futuro                        *lë + kata*            *Mari lë kata*
  - j) condicional                  *ad + kata*              *Mari ad kata*

(N.B. *nupad* NEG-FUT/COND)

### **Formas verbais lexicalizadas (cf. Bombaim)**

<u>Korlai</u>	<u>Bombaim</u>
<i>jahoy</i>	<i>já foi</i>
<i>(ja) kaiw</i>	<i>já caiw</i>
<i>jave</i>	<i>já veu</i>
<i>jadew</i>	<i>já deu</i>

### **Tempo-modo-aspecto no crioulo de Malaca:**

#### **Verbo activo**

- |                                 |                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| (i) <i>eli bai mar</i>          | (habitual (passado/presente))     |
| (ii) <i>eli ta bai mar</i>      | (progressivo (passado/presente))  |
| (iii) <i>eli ja bai mar</i>     | (aspecto perfectivo > passado)    |
| (iv) <i>eli lò(gu) bai mar</i>  | (futuro/irrealis)                 |
| (v) <i>eli ja kaba bai kaza</i> | (aspecto perfectivo + completivo) |

#### **Verbo de estado**

- |                                    |                               |
|------------------------------------|-------------------------------|
| (i) <i>eli sabe kantá</i>          | (habitual (passado/presente)) |
| (ii) <i>eli *ta sabe kantá</i>     |                               |
| (iii) <i>eli ja sabe kantá</i>     | (incoativo-perfectivo)        |
| (iv) <i>eli lo(gu) sabe kantá</i>  | (futuro/irrealis)             |
| (v) <i>eli ja *kaba sabe kantá</i> |                               |



## Adjetivo

- (i) *eli altu* (estado)
- (ii) *eli ta altu* (= 'novamente')
- (iii) *eli ja altu* (= 'já', incoativo-perfectivo)
- (iv) *eli \*lo(gu) altu*

